

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

***EREIGNIS* E LINGUAGEM:**
UMA FILOSOFIA DA RELIGIÃO EM MARTIN HEIDEGGER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Religião por Laura Meirelles Beghelli.
Orientador: Prof. Dr. Paulo Afonso de Araújo.

Juiz de Fora
2008

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, um agradecimento todo especial à minha mãe, Regina Lúcia, pela eterna disponibilidade, apoio e carinho. Agradeço também ao meu irmão, Bruno, com seu excelente posicionamento crítico sempre me levando a refletir sobre meus atos e modo de pensar. Um agradecimento carinhoso ao meu namorado, Giovanni. Você merece todos os agradecimentos que eu puder te dar. Sua ajuda, sua paciência, seu amor não são passíveis de medição. Obrigada por estar ao meu lado ao longo desses sete anos! Sem você, tudo seria incrivelmente mais difícil.

Agradeço também aos amigos que estiveram ao meu lado, me apoiando nesta longa caminhada. Renata, amiga de longa data, te agradeço por toda cumplicidade e companheirismo. Nossa amizade é muito cara para mim e teu apoio extremamente necessário. Paula, amiga recente, mas assaz querida e amada. Agradeço-te por me deixar fazer parte da tua vida e por toda solicitude. Daniel, primeiro amigo de trabalho nesse caminhar pelas trilhas do pensamento de Heidegger. Obrigada por toda ajuda! Renata Frederico, amiga de mestrado, te agradeço pelo apoio e pelas conversas frutíferas durante todo o curso.

Agradeço ainda aos integrantes do Grupo de Estudos em Heidegger, *Ereignis*, por tornar possível um lugar no qual a troca de idéias pôde fluir em prol de uma compreensão/interpretação/situação maior.

Agradeço à amiga Eliza Alcantara por me mostrar quão próxima pode ser uma distância. Obrigada pelo apoio e pela eterna compreensão.

Um agradecimento especial ao Professor Doutor Joel Neves que, com suas aulas, tornou-me possível percorrer o caminho da Hermenêutica. Igualmente especial, agradeço ao Professor Doutor Paulo Afonso de Araújo, meu orientador desde a Iniciação Científica. Obrigada pela paciência, pela disponibilidade, por todo apoio e ajuda. Muito obrigada aos dois!

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, agradeço pela ajuda direta ou indireta. Agradeço também ao funcionário do Programa, Antônio, por fazer dele o problema dos alunos.

Por último, mas não menos importante, agradeço o apoio financeiro tanto da FAPEMIG quanto da CNPq. Sem esse suporte, tudo isso não seria possível.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Introdução | 1 |
| Capítulo 1 Nihilismo e Linguagem..... | 8 |
| I. A essência do Nihilismo..... | 8 |
| II. A Linguagem..... | 24 |
| Capítulo 2 A Essência da Linguagem..... | 40 |
| I. A busca pela essência da Linguagem..... | 40 |
| II. A Linguagem e sua essência..... | 48 |
| Capítulo 3 <i>Ereignis</i> e Linguagem..... | 74 |
| I. Filosofia da Religião..... | 74 |
| II. <i>Ereignis</i> | 75 |
| III. Ser e <i>Ereignis</i> | 81 |
| IV. <i>Sage</i> , silêncio nutridor e <i>Ereignis</i> | 92 |
| V. Último Deus e <i>Ereignis</i> | 103 |
| Conclusão | 108 |
| Bibliografia | 112 |

RESUMO

Esta dissertação quer mostrar como o pensador alemão Martin Heidegger trabalha a questão do Ser através da essência da Linguagem e sua experiência. Essa referência leva o pensamento a uma possibilidade de trabalhar o acontecimento mesmo do Ser e o acontecimento do mundo ontológico. As palavras chaves como *Sage* (a essência da palavra), *Ereignis* e *letzte Gott* (último Deus) são necessárias para mostrar esse fazer uma experiência da essência da Linguagem e sua referência com o Ser. Essas dimensões não são humanas, mas são condições de possibilidade do Homem como *Dasein* na referência com o Ser. Assim, é possível entrever como trabalhar com essas palavras chaves é habitar uma dimensão também religiosa através do Sagrado, do Mistério e da Fé.

RÉSUMÉ

Cette dissertation veut montrer comment le penseur allemand Martin Heidegger travaille la question d'Être à travers l'essence de la Parole et sa expérience. Cette référence amène la pensée à une possibilité de travailler le même événement d'Être et le événement du monde ontologique. Les mots-clé comme *Sage* (l'essence de la Parole), *Ereignis* et *letzte Gott* (dernier Dieu) sont nécessaires pour montrer comment faire une expérience de l'essence de la Parole et sa référence avec l'Être. Ces dimensions ne sont pas humaines mais elles sont la condition de possibilité de l'Homme comme *Dasein* dans la référence avec l'Être. Ainsi il est possible d'entrevoir comment travailler avec ces mots-clé est habiter une dimension aussi religieuse à travers le Sacré, le Mystère et la Foi.

INTRODUÇÃO

O Tema dessa dissertação se dá a partir da referência entre essência da Linguagem e *Ereignis* no pensamento de Martin Heidegger (1889-1976)¹. Ele foi escolhido entre várias outras possibilidades para se adentrar tal pensar por dois motivos: por um lado, deixa entreluzir como o pensamento de Heidegger também pode ser vislumbrado enquanto uma Filosofia da Religião; por outro lado, buscar a essência da Linguagem à luz da *Ereignis* advém das próprias indicações desse pensador. Essa dissertação foi escrita após um período de quase quatro anos de pesquisa somando tanto a Iniciação Científica até o próprio Mestrado. Ela se iniciou ainda na graduação em Filosofia buscando entrever como Heidegger dava conta da problemática do Niilismo e sua superação. A partir daí, pôde-se vislumbrar que o pensador aponta para a necessidade de se voltar para a própria Linguagem enquanto uma dimensão capaz de entreluzir uma possível superação do Niilismo. Afinal, é na própria Linguagem que a dominação Metafísica ganha corpo e quando se busca superar o Niilismo enquanto restauração da Metafísica, a Linguagem é um guia fundamental. Essa restauração não visa deixar de lado toda a tradição mas, sim, deixar entrever a questão do Ser de um outro modo. Trata-se de uma restauração enquanto uma torção tonal na qual o jogo constitutivo do Ser entreluz. Justamente nesse entreluzir que o modo deixa vislumbrar um discurso ressoante da Verdade do Ser, do seu “acontecimento essencial” (*Wesung*).

Tendo isso em vista, a importância da busca pela essência da Linguagem não só se deixa entrever como interna ao próprio pensar de Heidegger, mas também entreluz aí a busca por uma possível Filosofia da Religião. Diante disso, o trabalho reunido e escrito nessa dissertação tem um diferencial a contribuir. Ele visa deixar entrever uma tonalidade religiosa para o pensar de Heidegger ao mesmo tempo em que coloca como horizonte o próprio jogo Filosofia↔Hermenêutica. O grande guia dessa virada é o hermeneuta francês Paul Ricoeur (1913-2005). Em sua obra intitulada *Interpretação e Ideologias*², ele deixa entrever a contribuição de Heidegger ao fomento da Hermenêutica, deixando-a entreluzir na sua

¹ As citações dos trechos das obras de Heidegger presentes nesse trabalho cujas referências bibliográficas estão em alemão ou em inglês possuem tradução minha.

² RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

tonalidade mais originária³. A busca pelo próprio acontecimento do “como” hermenêutico é o grande pano de fundo, o horizonte mais amplo no qual essa pesquisa se deita. Tendo em vista isso, a Filosofia da Religião aqui buscada se deixa vislumbrar enquanto uma Hermenêutica Religiosa. A busca pela essência da Linguagem à luz da *Ereignis* aponta na direção da própria Verdade do Ser ao passo em que todo esse movimento se deixa entrever como constituinte do próprio movimento hermenêutico. A Hermenêutica se deixa entreluzir a partir de diversas tonalidades, tais como a estética ou a ética. Aqui, privilegiou-se a religiosa não só por uma exigência acadêmica. Apesar dessa dissertação habitar um programa em Ciência da Religião, a escolha pelo religioso não se deu como uma simples adequação a este programa de pós-graduação. Isto não somente tornaria a busca artificial como poderia incorrer no risco de apropriar o pensamento de Heidegger de maneira indevida. Por isso, o presente trabalho só está conjugado em tal meio acadêmico porque através das pesquisas realizadas, a própria dimensão religiosa entreluziu como questão.

A busca pela essência da Linguagem enquanto ambiência da Verdade do Ser está intimamente ligada a dimensões tais como Sagrado, Mistério e Fé. Isso é trazido para a busca através da figura do “último Deus” (*letzte Gott*) e da *Ereignis*. Sem entrever como se dá essa referência entre Linguagem, “último Deus” e *Ereignis*, a busca se torna incompleta e não tão originária quanto o pensamento de Heidegger se deixa vislumbrar. Dessa maneira, não só a Hermenêutica entreluz no horizonte dessa pesquisa, mas também a tonalidade religiosa. Buscar a essência da Linguagem enquanto um modo atualizado da Verdade do Ser, buscar o movimento disso enquanto um dos sustentáculos da Hermenêutica é já habitar a dimensão religiosa.

Assim, o trabalho redigido aqui visa contribuir não só para entrever o “como” hermenêutico a partir da própria referência Linguagem↔Ser, mas deixar entreluzir “como” o pensamento hermenêutico de Heidegger se dá também na tonalidade religiosa. Esta conjugação é pouco comum aqui no Brasil. Entre os pesquisadores e tradutores de Heidegger mais conhecidos no país tais como Emmanuel Carneiro Leão, Márcia de Sá Cavalcante Schuback e Ernildo Stein entre outros, a questão da conjugação entre a filosofia de Heidegger e a dimensão religiosa não é entrevista. Mais recentemente, Marco Casanova, em um artigo intitulado *A Linguagem do Acontecimento Apropriativo*⁴, deixou entreluzir a referência entre Linguagem e *Ereignis*, mas não enquanto também embebida por uma dimensão religiosa. Tal

³ Paul Ricoeur, *Interpretação e Ideologias*, p. 17-59.

⁴ CASANOVA, Marco. A linguagem do acontecimento apropriativo. Nat. hum., dez. 2002, vol.4, no.2, p.315-339.

falta não se trata de um erro ou demérito da dimensão religiosa. Um pensamento como o de Heidegger possibilita várias portas de entrada e a que até hoje foi privilegiada no Brasil não é a religiosa.

Entretanto, a nível internacional essa referência já é pesquisada e entrevista. Como exemplo, pode-se citar Philippe Capelle e sua obra *Philosophie e Théologie: Philosophie et Théologie dans la pensée de Martin Heidegger*⁵ (*Filosofia e Teologia: Filosofia e Teologia no pensamento de Martin Heidegger*); um outro exemplo é Alain Boutot, pesquisador e tradutor de Heidegger para o francês que, apesar de não trabalhar a referência entre a dimensão religiosa e o pensamento heideggeriano de maneira pontual, deixa entrever tal conjugação na sua obra intitulada *Introdução à Filosofia de Heidegger*⁶. Então, a presente dissertação visa a possibilidade de trazer a contribuição de tais pesquisadores que já deixam entrever a dimensão religiosa enquanto uma possibilidade do pensamento de Heidegger para as pesquisas realizadas aqui no Brasil. Essa contribuição é jogada aqui com a própria busca pela essência da Linguagem à luz da *Ereignis*.

Dessa maneira, a pesquisa foi delimitada não somente pela busca de uma Hermenêutica a partir de Heidegger, mas também uma Hermenêutica Religiosa. Outro delimitador é a própria temática, isto é, a busca pela essência da Linguagem à luz da *Ereignis*. Para dar conta dessa tarefa, a leitura das obras de Heidegger no original foi indispensável. Somente assim pôde-se entrever o jogo criado por ele utilizando a língua alemã para que se deixasse entreluzir o próprio movimento constituinte da Verdade do Ser. A pesquisa também se voltou para a leitura de textos tanto de Capelle quanto Boutot e também Ricoeur. Com isso, procurou-se dar suporte à pesquisa na busca pela conjugação do pensamento de Heidegger com a dimensão religiosa. Além disto, com Ricoeur procurou-se estar o mais perto possível de um texto minuciosamente hermenêutico para não perder de vista esse guia na compreensão/interpretação/situação do pensamento heideggeriano. Dessa maneira, toda busca pela essência da Linguagem à luz da *Ereignis* foi pautada por uma dupla conjugação: a Hermenêutica através de Ricoeur e os caminhos indicados por Heidegger ao longo das obras lidas. A partir disso, então, a reflexão oriunda das idéias dos pensadores e pesquisadores trazidos para essa busca não visa confrontar possíveis diferenças, mas construir um entrelaçamento de idéias em prol daquilo que se busca. Afinal, para afirmar o que se deixa entreluzir em um não há forçosamente a necessidade de negar o que há em outro. Este

⁵ CAPELLE, Philippe. *Philosophie e Théologie: Philosophie et Théologie dans la pensée de Martin Heidegger*. 2.ed. Paris: CERF. 2001.

⁶ BOUTOT, Alain. *Introdução à Filosofia de Heidegger*. 1. ed. Portugal: Publicações Europa América. 1991.

posicionamento de evitar a negação pela simples negação e não em prol de uma denegação afirmativa, Ricoeur deixa entrever na sua obra *História e Verdade*⁷ que também foi um guia para essa dissertação.

Quanto às obras de Heidegger escolhidas para se entrever o tema, pode-se citar como principal a *Unterwegs zur Sprache (A Caminho da Linguagem)* que reúne textos e conferências redigidos e proferidos ao longo da década de 50 do século passado. Nela, Heidegger trata não somente da busca pela essência da Linguagem, mas também, do fazer uma experiência com essa essência, assim como o papel da palavra poética para se entrever o “como” da Linguagem. A segunda obra escolhida foi *Beiträge zur Philosophie: vom Ereignis* de 1936/38. Nela, Heidegger deixa entreluzir, entre outras coisas, a referência originária Linguagem↔Ser à luz da *Ereignis*. A partir dela também se pôde entrever como o “último Deus” é importante para vislumbrar a própria essência da Linguagem. Por último, mas não menos relevante, pôde-se, a partir desta obra e seguindo os rastros percebidos na *Unterwegs zur Sprache*, deixar ressoar de que modo o pensamento heideggeriano se deixa entrever como também religioso. A terceira obra escolhida foi *Sein und Zeit (Ser e Tempo)* de 1927. Trazê-la para a busca aqui pretendida não se deu apenas porque se trata da obra mais importante de Heidegger. Ela foi trazida por deixar entreluzir os primeiros lampejos desse pensador acerca da Linguagem.

Ao logo da dissertação, outras obras ou textos de Heidegger foram citados e referidos. Um exemplo é o texto *Zur Seinsfrage*, de 1955. Foi a partir dele que essa pesquisa teve início. É nele que a questão do Nihilismo e a conjugação entre restauração da Metafísica e Linguagem se dá. Na maior parte das vezes, esses textos ou obras não são trabalhados em toda a sua extensão. Isso se dá não por falta de relevância ao tema, mas pelas limitações físicas em que tal dissertação deve enquadrar-se, não somente no que tange ao número de páginas mas, sobretudo, a concentração em um tema ao invés de vários. Dessa maneira, deixar de fora maiores contribuições dessas obras e textos menos citados ou ainda deixar de fora as outras obras de Heidegger se deve a este limite físico.

Quanto à estrutura da dissertação, ela foi dividida em três capítulos. A conexão interna entre eles se deixa entrever enquanto o próprio caminho na busca pela essência da Linguagem à luz da *Ereignis*. Seguindo esse caminho, a própria temática entreluz assim como a colocada enquanto horizonte maior, ou seja, a Hermenêutica. Por isso, um deságua no outro a partir do momento em que deixa entreluzir os acenos necessários para entrever o jogo entre

⁷ RICOEUR, Paul. *História e Verdade*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes. 1986.

Linguagem e Ser. O primeiro capítulo, intitulado *Nilismo e Linguagem*, trata da problemática do Nilismo e de sua superação enquanto restauração da Metafísica. Em busca desse intento, a Linguagem se faz necessária para que a Metafísica se remodele, possibilitando uma nova tonalidade discursiva ressoante da referência entre Linguagem e Ser. A Linguagem se deixa entrever como a tonalidade atualizada do Ser na sua Verdade, no seu “ocorrer essencialmente” (*wesen*). Para que essa referência chegue ao discurso atualizado, a essência da Linguagem deve ser entreluzida. Somente assim o Nilismo enquanto esquecimento do Ser, do seu jogo referencial oscilante pode ser superado. É nisso que o primeiro capítulo se concentra inicialmente. A seguir, ele trata da questão da Linguagem na primeira tentativa de Heidegger de vislumbrá-la. Isso foi na sua obra *Sein und Zeit*. A partir dessa primeira aproximação da busca pela Linguagem, o capítulo não só deixa entrever como o pensador a vislumbra, mas também começam a entreluzir os primeiros acenos sobre a proximidade e distância de modo e tonalidade. Além da Linguagem, o próprio modo hermenêutico da busca começa a ser trilhado. Nessa primeira aproximação, o que parece ir de encontro às posteriores tentativas de Heidegger acerca da Linguagem é aqui vislumbrado em um jogo. O primeiro momento traz à luz a abertura para que aquele que busca a essência da Linguagem possa entrevê-la de modo mais originário. A busca inicial de Heidegger pelo Sentido do Ser começa a dar os seus primeiros passos em direção à busca pela sua Verdade. Conjugado Sentido e Verdade do Ser é conjugado os modos como Heidegger entrevê a busca pela essência da Linguagem ao longo das obras aqui referidas.

O segundo capítulo, intitulado *A Essência da Linguagem*, trata do próprio movimento da Linguagem enquanto o seu “ocorrer essencialmente”. Depois que a Linguagem foi entrevista no capítulo 1 como guia para a própria superação do Nilismo enquanto restauração da Metafísica, agora é necessário entrever o movimento da essência da Linguagem. Somente assim, a partir desse movimento vislumbrado, pode-se saltar da Metafísica em direção a um outro modo discursivo do pensar. Este novo modo deixa entreluzir o próprio “ocorrer essencialmente” da Linguagem enquanto atualização possível da Verdade do Ser. A busca pela essência da Linguagem deixa entrever o próprio jogo referencial oscilante, suas bases e condições de possibilidade a partir de um fazer uma experiência com a essência da Linguagem. Esse jogo constitutivo do “acontecimento essencial” do Ser ressoa enquanto Linguagem. O próprio “ocorrer essencialmente” do Ser enquanto ausência↔presença, ocultar-se↔não-ocultar-se deixa-se entrever enquanto o próprio “ocorrer essencialmente” da Linguagem. Dessa maneira, enquanto vislumbra esse movimento, a própria Hermenêutica se deixa entreluzir e a tonalidade religiosa começa a dar

os seus primeiros lampejos. Ela é uma das portas de entrada para entrever a abertura do “entre” no qual Ser e Linguagem estão co-pertencidos.

O terceiro capítulo, intitulado *Ereignis e Linguagem*, trata da busca pela essência da Linguagem à luz da *Ereignis* deixando entreluzir as dimensões de Sagrado, Mistério e Fé. Até esse ponto, a busca pela Linguagem já deu seus acenos necessários não só para entrever sua essência, mas também para deixar entreluzir a própria Hermenêutica de Heidegger. Assim, no capítulo 3 é importante entrever a tonalidade religiosa dessa Hermenêutica. A busca pelo sentido do Ser se deixa entreluzir como sua Verdade a partir da essência da Linguagem. O próprio “ocorrer essencialmente” da Linguagem se dá no rastro do “ocorrer essencialmente” do Ser à luz da *Ereignis*. Enquanto a questão pelo Ser se torna a sua busca, seu acontecimento essencial se deixa entreluzir enquanto Misterioso em uma abertura Sagrada na qual a Fé é um estar situado aí, se mantendo aí.

Os três capítulos se propõem a dar conta desse movimento de busca pela essência da Linguagem enquanto a própria busca pelo Ser na sua Verdade. Esta, ambientada não só na Hermenêutica, mas também em uma tonalidade religiosa, deixa entrever o próprio pensamento de Heidegger sobre a Linguagem enquanto busca pela questão do Ser. Assim, a Hermenêutica religiosa se vislumbra como uma das possibilidades do próprio pensar desse pensador acerca do “acontecimento essencial” do Ser. Dessa maneira, a linguagem na qual a dissertação foi escrita procurou deixar ressoar esse jogo oscilante. A busca por esse ressoar se deixou entrever através de uma linguagem menos presentificante e totalizante. Escrever a partir e sobre esse movimento do “ocorrer essencial” do Ser é já, desde o início, estar atento para dimensões lingüísticas pouco comuns. Com isso, evitou-se o uso do verbo “ser” no presente do indicativo. Nem Ser, nem *Ereignis* podem se deixar entrever sob o domínio do “é” mas, sim, a partir do um “enquanto” ou “como”. O Ser não é a essência da Linguagem, mas se deixa vislumbrar a partir de uma referência oscilatória do “enquanto”. Assim, a linguagem aqui empregada tentou deixar ressoar no seu discurso a própria referência hermenêutica que marca e singulariza o pensamento de Heidegger. Não basta dizer que a busca pela essência da Linguagem é um dos meios para a restauração da Metafísica em direção à própria questão do Ser. Deve-se discursar sobre esta temática deixando-a ressoar no próprio fazer discursivo. Somente quando o texto é o índice desse ressoar, a linguagem discursiva abre espaço para se entrever o Ser no seu “ocorrer essencialmente”. Apenas nessas circunstâncias, a Linguagem é um dos meios para a restauração da Metafísica que não vislumbrou o Ser na sua radicalidade. Visando isso, o modo como o texto flui é de suma importância e está atrelado essencialmente à temática. Discursa-se sobre a Linguagem como

ambiência ressoante da referência hermenêutica a partir do momento em que esse discurso se dá enquanto esse jogo oscilante, buscando deixá-lo ressoar. Buscar a essência da Linguagem é fazer jogar a Linguagem naquilo que lhe é próprio, no seu “ocorrer essencialmente”. É voltar-se para a ambiência na qual já se está trazendo dessa ida uma nova tonalidade discursiva. Tonalidade essa que deixa ressoar o Ser na sua Verdade.

CAPÍTULO 1: NIILISMO E LINGUAGEM

I. A essência do Niilismo

A busca pela essência da Linguagem enquanto ressoante das referências do "mundo ontológico" deixa entrever uma problemática comum, independentemente da porta de entrada escolhida para se vislumbrar tal jogo constitutivo. Ela é a questão do Ser. Voltar-se para isto é, antes de tudo, uma busca para deixar entreluzir a própria diferença entre os aqui chamados "mundos ontológico e ôntico"⁸. Habitar essa distinção, esse jogo de proximidade↔distância é, então, se deparar com a problemática sobre a essência do Niilismo. Isso quer dizer: este fenômeno e sua íntima habitação na Tradição Metafísica deixam entrever a própria questão do Ser naquilo em que ela ficou esquecida, sua Verdade. Vislumbrando o que não se deixou ressoar, pode-se chegar, então, à questão da essência da Linguagem. Ela abre caminhos para uma compreensão/interpretação/situação das oscilações próprias do "acontecimento essencial" (*Wesung*) do Ser. A referência entre Linguagem e Niilismo se dá justamente na perspectiva de que a Linguagem pode permitir vislumbrar a ambiência oscilatória constitutiva desse "ocorrer essencialmente" (*wesen*)⁹ esquecido. Há, aqui, uma profunda co-interdependência entre Niilismo, Metafísica, Ser e Linguagem. Para que se vislumbre os caminhos para a essência da Linguagem é, antes, necessário entrever essa co-interdependência. Ela aparece como ressoante de tais referências enquanto se dá como constitutiva delas. Na base está a questão do Ser, a procura pelo seu "acontecimento essencial", pela sua Verdade. O modo como a Tradição Metafísica deu conta disso e os outros modos possíveis são o ponto contrastante e o salto necessário para deixar entreluzir o Ser em sua Verdade.

⁸ A distinção aqui referendada entre "mundos ontológico e ôntico" não é um retrocesso em direção a dicotomia metafísica. O que se busca aqui é deixar entrever a diferença de modo e tonalidade entre regiões que estão sempre em jogo e imbricadas uma na outra. Essa separação lingüística é apenas para dar conta de uma maior ou menor originariedade e, de maneira nenhuma, quer apontar para uma separação radical.

⁹ Através do texto de Heidegger *Das Wesen der Sprache* (*A essência da Linguagem*) de 1957-58 da obra *Unterwegs zur Sprache* se deixa entrever o que se pode compreender/interpretar/situar pela expressão *es west* e suas conseqüentes variações *wesen e Wesung*. Citando o pensador: "Mas a locução "Es west" diz mais do que apenas: durar e perdurar. "Es west" quer dizer: presentifica ao passo que nos assalta, nos movimenta e nos íntima". HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 201.

Para adentrar a tal problemática, torna-se necessária uma porta de entrada. Ela é o guia inicial e permite que as outras dimensões sejam entrevistas naquilo que lhes é próprio, mesmo tomadas impropriamente pela Tradição. Este jogo de propriedade/impropriedade e ainda de autenticidade/inautenticidade é uma das oscilações ressoantes vislumbradas por essa co-interdependência. Sendo assim, a porta de entrada aqui é o Niilismo.

Desde tempos longínquos, assolando a humanidade, o Niilismo é um fenômeno que pode ser compreendido/interpretado/situado através de diversas tonalidades. Isto acontece porque tais tonalidades se dão a partir da Tradição Metafísica e, habitando tal tradição, o Niilismo também as constitui. Independentemente se a tonalidade é histórica, social, cultural, econômica, política ou filosófica, o Niilismo está na essência do fazer delas enquanto está na essência, na constituição da própria Metafísica. Há aqui um jogo: só se fala de algo ou sobre algo em uma tonalidade específica porque, de algum modo, esse algo já se deu nessa tonalidade. Por isto, é possível falar do Niilismo em quaisquer dessas tonalidades, uma vez que elas já estão embebidas essencialmente dele. Sendo assim, pode-se destacar duas tentativas tonais de compreender/interpretar/situar a problemática do Niilismo. A primeira é a do romancista F. Dostoiévski (1821-1881) e a segunda, a do filósofo F. Nietzsche (1844-1900). Ambos definiram o Niilismo como o momento no qual ocorreu a “falência de valores”¹⁰ e esta inferência permeou, de forma assumida ou não, contrária ou a favor, todas as demais tentativas tonais que se propuseram a discursar sobre o problema. No entanto, é necessário aqui se voltar para a tentativa de Nietzsche. Ela desvela muito mais do que um simples diagnóstico sobre a problemática do Niilismo. Através dela pode-se entrever a referência entre Tradição Metafísica e o habitar do Niilismo. De maneira mais pontual, por meio da filosofia de Nietzsche, a metafísica teve o seu ápice e o seu fim. Essa dimensão de “entre”, de oscilação deixa entreluzir a própria constituição da Metafísica e a essência do Niilismo. Heidegger, no texto de 1943 *A palavra de Nietzsche “Deus morreu”*¹¹ da obra *Caminhos de Floresta*¹² indica isso:

O comentário seguinte procura apontar para aquilo a partir de onde talvez um dia possa ser colocada a pergunta pela essência do niilismo. O comentário descende de um pensar que só agora começa a ganhar uma claridade sobre a posição fundamental de Nietzsche dentro da história da metafísica ocidental. A alusão esclarece um estágio da metafísica ocidental que é, provavelmente, o seu estágio final, pois já não podem tornar-se visíveis outras possibilidades da metafísica, na

¹⁰ VOLPI, Franco. *O Niilismo*. 1.ed. São Paulo: Loyola, 1999.

¹¹ HEIDEGGER, Martin. *A palavra de Nietzsche “Deus morreu”*. *Caminhos de Floresta*. 1. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998, p. 243-305.

¹² HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de Floresta*. 1. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998.

medida em que a metafísica, de certo modo, se despojou a si mesma das suas próprias possibilidades essenciais através de Nietzsche.¹³

Dessa maneira, se é na própria Metafísica que está o germe, a essência do fenômeno Niilismo, logo, é sobre ela que se deve voltar. Entrevendo, assim, a questão na sua radicalidade, uma possível superação (*Überwindung*) do Niilismo enquanto uma restauração (*Verwindung*) da Metafísica só pode entreluzir da própria busca pela essência não só do Niilismo como também da Metafísica. É justamente este caminho que leva à Linguagem. Pode-se entrevê-lo em um texto de Heidegger, de 1955, sob o título de *Über die Linie* (*Sobre a Linha*). Tendo a forma de uma carta em correspondência a Ernst Jünger (1895-1998), foi publicado como *Zur Seinsfrage*¹⁴ (*Sobre a questão do Ser*). Nele, Heidegger constrói um diálogo com Jünger contrapondo as compreensões/interpretações/situações de ambos sobre a problemática da definição e superação do Niilismo. *Über die Linie* traz inicialmente os caminhos traçados por Jünger para a elaboração de sua definição e a sua proposta para a superação do Niilismo. Segundo Heidegger, essa temática pode ser vislumbrada em três obras de Jünger: *Über die Linie*, *Der Arbeiter* (*O Trabalhador*) e *Über den Schmerz* (*Sobre a Dor*). Ao refazer o caminho de Jünger por meio dessas obras, Heidegger não faz uma simples contraposição de idéias. Esta retomada do percurso deixa entrever não só os pontos de distância entre Jünger e ele, mas também aquilo que os aproxima. No entanto, ainda mais radical esse refazer deixa entrever que a busca pela essência do Niilismo só se dá fundamentalmente através de uma busca pelo próprio da filosofia, ou seja, o Ser. É esse o ponto de partida de Heidegger, a busca pelo Ser, seu Sentido e sua Verdade. Se o Niilismo é a porta de entrada, a busca pela Verdade do Ser é o guia. Seguindo isso, ele deixa vislumbrar problemáticas emaranhadas no jogo constitutivo do Ser e, assim, o próprio jogo se deixa entreluzir. Adentrar um caminho radical, pois essencial, na busca pelo fenômeno niilista é adentrar o terreno do próprio “ocorrer essencialmente” do Ser. Deixar entreluzir a problemática do Niilismo é adentrar justamente na constituição da Metafísica enquanto uma possibilidade dizente desse “acontecimento essencial” do Ser.

Para que se dê uma luz sobre a própria compreensão/interpretação/situação do pensamento de Heidegger sobre o Niilismo, é necessário repassar o caminho feito pelo pensador do outrora realizado por Jünger. Seguir o que o próprio Heidegger fez no texto *Über die Linie* é seguir na direção da questão do Ser e sua referência com a Linguagem. A partir do momento em que a essência do Niilismo está aparentada com a essência da Metafísica e

¹³ HEIDEGGER, Martin. *Caminhos de Floresta*. 1. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998, p. 243.

¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *The Question of Being*. 1. ed. London: Vision, 1974.

ambos dizem respeito ao Ser, todo o percurso de Jünger torna-se necessário. Afinal, como ficará claro a seguir, ele fala a partir da Metafísica, mas seu discurso não deixa entrever a sua constituição. Sendo assim, ele fala do fenômeno niilista, mas não a partir de sua essência.

Segundo Heidegger, no texto *Über die Linie* de Jünger, redigido em 1950, este desenvolve a temática do Niilismo através de uma representação figurativa. Para ele, a conclusão ou complementação (*Vollendung*) do fenômeno viria por meio de seu próprio movimento. Dessa forma, o Niilismo alcançaria o estágio máximo de sua manifestação quando atingisse a figuração da linha. Sua representação dar-se-ia da seguinte maneira: a linha crítica figurando a conclusão do Niilismo seria margeada por duas outras formando, assim, um meridiano entre duas áreas. Estas representariam o antes e o depois da complementação, perfeição ou conclusão do Niilismo.

Neste texto, Jünger quer buscar uma compreensão/interpretação/situação do Niilismo através de sua manifestação enquanto um fenômeno que engloba os componentes da realidade humana. Por isso, sua dedicação recai sobre uma análise que tem como foco o *über* da linha. Segundo Heidegger, existem duas maneiras de vislumbrar essa figuração: *über* é vislumbrado por Jünger como *trans lineam* e por Heidegger como *de linea*. Ambas as perspectivas estão interligadas e são necessárias para entrever o fenômeno do Niilismo. Esse jogo entre as duas compreensões/interpretações/situações deixa entrever o “como” da contraposição de Heidegger. Muito longe de uma simplista negação do dizer de outro, Heidegger busca a oscilação entre esses dizeres. Assim, ela possibilitaria entrever o Niilismo em sua essência enquanto deixa entreluzir a própria constituição da Metafísica, possibilidade atualizada da questão do Ser. Jünger está voltado para o próprio movimento do fenômeno, buscando entrever aí sua superação. A busca de sua essência está no horizonte da busca de Jünger, mas não do mesmo modo que Heidegger a entrevê. O Niilismo é entrevisto a partir de si e seu movimento deixaria entrever sua essência a partir de si. Já Heidegger se volta para o próprio “ocorrer essencialmente” do fenômeno, mas enquanto ressoante da própria constituição da Metafísica. Citando Heidegger:

No título de seu ensaio *Über die Linie*, o “*über*” significa por cima de, sobre, *trans*, *meta*. Entretanto, as seguintes observações interpretam o “*über*” apenas no sentido de *de*, *peri*. Elas tratam “da” linha em si, da zona da complementação mesma (*sich vollendenung*) do niilismo. Se nós nos mantivermos na figura da linha, então nós encontraremos que ela se dissolve no espaço que é em si mesmo determinado por um lugar. O lugar reúne. A reunião, em sua essência, resguardar (*bergen*) o reunido. A partir do lugar da Linha surge a procedência (*Herkunft*) da essência do Niilismo e sua complementação. (...) A minha carta gostaria de refletir sobre esse lugar da linha e, então, de discutir a linha. O seu diagnóstico da situação

sob o nome de *trans lineam* e minha discussão sob o nome de *de línea* estão relacionados.¹⁵

Jünger parte da vivência cotidiana do fenômeno, do seu caráter totalizante, no qual “o planeta inteiro está em jogo”¹⁶. Dizer que o Niilismo é um fenômeno planetário não é uma tola busca pela validação do que se compreende/interpreta/situa ser sua essência. É, sobretudo, apontar para a radical habitação de sua essência. Se é planetário, o fenômeno habita uma constituição que lhe é mais radical, constitutiva da própria condição do Homem. Dessa maneira, construir uma “boa definição sobre o Niilismo”¹⁷ é estar atento para vislumbrar justamente essa essência. Segundo Jünger, tal exposição levaria à possibilidade de propor ao fenômeno uma cura. Isto porque ele também figura o Niilismo como uma doença e a definição de sua essência como o desvelamento do vírus que a causa. Atingindo aquilo que gera o Niilismo, Jünger poderia, então, organizá-lo em prognóstico, diagnóstico e terapia aos moldes de uma doença. Dessa forma, ele estaria dando conta do fenômeno niilista trazendo à luz todas as etapas de seu movimento. No que tange à questão da busca pela essência, Heidegger se aproxima de Jünger. Ambos deixam entrever que somente vislumbrando-a, a superação do fenômeno seria possível. Afinal, apenas deixando entreluzir o “ocorrer essencialmente” de sua constituição é que uma torção aí seria possível. A questão primordial é fundamentalmente esta: “um diagnóstico da situação do Homem em referência ao movimento do Niilismo e dentro disto exige uma determinação suficiente de sua essência”¹⁸. O que não aproxima Heidegger e Jünger é a dimensão da possível cura do Niilismo e o “como” entrever essa essência. Isto ficará mais claro à frente quando a referência entre questão do Ser, constituição da Metafísica e essência do Niilismo se tornar mais clara.

Em *Der Arbeiter - Herrschaft und Gestalt* (O Trabalhador – Domínio e *Gestalt*), de 1932¹⁹, Jünger elege a figura do Trabalhador para agir sobre o Niilismo, caracterizando assim uma fase ativa deste fenômeno. Se tal fenômeno se caracteriza principalmente pela falta, pela negação, o Trabalhador seria a vertente positiva. Essa figura de caráter planetário é a porta de entrada para a superação de um fenômeno também planetário. O que o difere em detrimento das outras figuras é que o Trabalhador é entrevisto através de uma pretensão totalizante. Se o Niilismo é planetário e seu alcance é sentido de maneira totalizante, então nada mais conclusivo que uma figura com tal *Stimmung* (tonalidade afetiva) para reagir sobre esse

¹⁵ HEIDEGGER, Martin. *The Question of Being*. 1. ed. London: Vision, 1974, p. 35-36/36-37.

¹⁶ Martin Heidegger, *The Question of Being*, p. 38/39.

¹⁷ Martin Heidegger, *The Question of Being*, p. 36/37.

¹⁸ Martin Heidegger, *The Question of Being*, p. 36/37.

¹⁹ Esse texto de Jünger concentra-se numa descrição do Niilismo após a Primeira Guerra Mundial, sendo assim um desdobramento do ensaio anterior, “*Die Totale Mobilmachung*” ou “A total mobilização”, de 1930.

fenômeno. Tal disposição totalizante do Trabalhador se dá justamente no jogo entre dar conta de toda a realidade enquanto a altera e a altera porque dá conta dela. O Trabalhador é, antes de tudo, uma figura ativa. Dessa forma, o movimento de complementação do Niilismo não viria de si próprio, mas de um agente que, vivenciando o Niilismo, poderia agir sobre ele.

O que é importante aqui não é se ater às mudanças na compreensão/interpretação/situação de Jünger acerca da superação do Niilismo. O relevante é a base teórica de que ele faz uso para sustentar a sua proposição em *Der Arbeiter*. Jünger trabalha nesta obra com três horizontes: a metafísica nietzschiana, o Domínio e a *Gestalt*. É sobre isto que se deve voltar aqui, pois é justamente por atrelar seu discurso à Tradição Metafísica que o torna incapaz de entrever a essência do Niilismo. Isto se dá a partir do momento em que tal atrelar traz consigo todos os ranços de Linguagem no modo de lidar com a própria questão do Ser. É necessário habitar um “entre” Metafísica e Pensamento para deixar a essência do Niilismo vir à luz. Jünger traz a Metafísica e seus elementos para confluírem sob a unidade do Trabalhador. A *Gestalt* insere ao aparato teórico de Jünger o par de compreensibilidade/interpretabilidade/situabilidade forma/figura (*Stempel/Prägung*). A forma é a instância geradora de sentido a aquilo que carece do mesmo. Para Jünger, a “*Gestalt* (forma) é a fonte de doação de sentido”²⁰, é o “ser em repouso”²¹. Fazendo esta relação entre Ser e repouso, Jünger coloca seu discurso dentro da própria constituição que fomenta o Niilismo, ou seja, a Metafísica. O “acontecimento essencial” do Ser se dá na oscilação e não entrever isso é ressoar através da Linguagem a Metafísica. Alain Boutot vislumbra como Heidegger pontua a co-pertença de Jünger à metafísica de Nietzsche enquanto um problema na busca pela essência do Niilismo. Na obra de Boutot intitulada *Introdução à Filosofia de Heidegger*²², ele indica:

Todas estas análises, que descrevem a mobilização total do mundo pela técnica na época moderna, podem fazer pensar nas que Ernst Jünger desenvolvia no seu livro *Der Arbeiter* (1932). O próprio Heidegger indicou, de resto, tudo o que a sua conferência sobre *A questão da Técnica* devia às “descrições de *O Trabalhador*”, e sublinha a importância fundamental desta obra que “empreende de uma forma diferente da de Spengler aquilo que até aqui toda a literatura nietzscheana se tinha mostrado incapaz; tenta tornar possível uma experiência do ente e do modo segundo o qual ele é, à luz do projeto nietzscheano do ente como vontade de poder”. Isto não quer dizer, contudo, que Heidegger se contentaria em retomar as análises de *O Trabalhador* sem nada lhes acrescentar de essencial. A obra de Jünger continua, com efeito, qualquer que seja a pertinência das suas descrições, principalmente insuficiente na medida em que ela não se interroga de todo sobre as causas profundas nem sobre a significação verdadeira do reino da vontade de poder, enquanto vontade de vontade, na época moderna. [...] Noutros termos,

²⁰ HEIDEGGER, Martin. *The Question of Being*. 1. ed. London: Vision, 1974, p. 52/53.

²¹ Martin Heidegger, *The Question of Being*, p. 52/53.

²² BOUTOT, Alain. *Introdução à Filosofia de Heidegger*. 1. ed. Portugal: Publicações Europa América, 1991.

Jünger descreve a mobilização técnica do mundo servindo-se de conceitos da metafísica nietzscheana, mas sem pôr em questão estes conceitos. Para Jünger, a mobilização técnica do mundo é a resposta adaptada à promoção do niilismo, característica da época moderna. Longe de estar cheia de ameaças, ela marca o advento de uma nova figura do Homem, desenhada sobre o super-homem nietzscheano, a do Trabalhador, herói dos tempos modernos. Esta visão “heróica” da técnica acentua ainda a técnica, segundo Heidegger, e não permite aperceber a essência da técnica, e ainda menos o perigo que lhe é inerente. É este perigo insuspeito, e isto de forma necessária, por Jünger que Heidegger trata, pelo contrário, de estigmatizar. A técnica, “a ordenação desdobra o seu ser, diz ele, como o perigo”.²³

Com a metafísica de Nietzsche, Jünger acrescenta à relação forma/figura um princípio. Sendo o Trabalhador a figura, há a necessidade de um princípio que endosse esse estatuto. Aqui, o princípio é retomado de Nietzsche no que tange a sua “vontade de poder”. Esta é a fonte de doação de sentido, o princípio pelo qual o Trabalhador torna-se a figura que, agindo, dá conta de toda a sua realidade, formatando-a. Ele age sobre o mundo enquanto age sobre si e vice-versa. Enquanto exerce o trabalho, a sua técnica, o Homem se deixa entrever Trabalhador e, dessa maneira, é capaz de exercer um domínio sobre o mundo. Trazer esse dito de Jünger para aqui é um dos passos em direção à própria constituição da Metafísica e o entreluzir da essência do Niilismo. Isso se dá porque Heidegger compreende/interpreta/situa a referência forma↔figura↔domínio como uma tentativa de Jünger em dizer da referência fundamental Ser↔Ente. Essa referência também está presente no discurso metafísico apontando, mais uma vez, o atrelar de Jünger a essa tradição. Chamar a filosofia de Nietzsche como aparato teórico é chamar para o discurso todo um modo de deixar ressoar os elementos constitutivos do acontecimento do Homem. Ao buscar dar conta essencialmente da problemática do Niilismo, Jünger recorre ao que Heidegger deixa entreluzir na sua compreensão/interpretação/situação como o lugar habitável da própria essência do Niilismo. Desde já, deixa-se entrever como a pretensão de cura desse fenômeno está falida. Em primeiro lugar porque a sua superação não pode advir de um horizonte no qual o próprio Niilismo habita. Em segundo lugar porque visar curar o Niilismo é tentar curar a Metafísica. No entanto, o modo como ela dá conta das referências originárias do “mundo ontológico” é também um modo possível a partir dessas próprias referências. Curar o Niilismo só seria possível enquanto um restaurar da Metafísica; deixá-la ressoar outros modos possíveis das referências originárias. Superar o Niilismo é, fundamentalmente, restaurar este horizonte, no

²³ BOUTOT, Alain. *Introdução à Filosofia de Heidegger*. 1. ed. Portugal: Publicações Europa América, 1991, p. 101-102.

caso, a Metafísica. A questão que começa a se entrever aqui é: como se dá essa restauração da Metafísica?

Em *Über den Schmerz (Sobre a dor)*, de 1934, Jünger recorre, mais uma vez, ao ranço metafísico para tentar dar conta da essência do Niilismo. Com base na Metafísica de Hegel, entra em jogo, agora, a oscilação da denegação. Isto se dá, pois, subjacente à ação do Trabalhador, nessa atitude aparentemente afirmativa, dominadora dos componentes da realidade humana e capaz de alterar a situabilidade niilística há uma dupla negação (denegação). Esse texto elege uma situação na qual existe uma atmosfera de negação: a dor. Esta é negação, pois se trata de uma tonalidade afetiva que deixa entrever a falta, a privação de algo ou alguém enquanto aponta para a privação de si mesmo. Nesse jogo de negação, o Homem somente a pode ultrapassar deixando entreluzir a oscilação da negação dessa negação. Com essa dupla negação ou denegação, a figura Trabalhador consegue afirmar-se enquanto tal pelo trabalho. Dessa maneira, dor↔trabalho é mais um jogo denegativo na busca pelo desvelamento e superação do Niilismo. Esse par, estando atrelado à Metafísica de Hegel, faz com que a busca se torne lugar não habitável enquanto disposição de superação enquanto restauração. Ainda mais problemático: a tão almejada essência do Niilismo não é entrevista, já que a própria constituição da Metafísica não é colocada em questão. Embebidos da denegação, “trabalho e dor manifestam seus mais íntimos parentescos metafísicos”²⁴. Isto quer dizer: ao mesmo tempo em que não apontam para a essência do Niilismo, eles deixam entreluzir um parentesco essencial com esse fenômeno e com a Metafísica.

Se a busca pela essência do Niilismo é adentrar na própria constituição da Metafísica, então agora é o momento de discursar sobre esse acontecimento. Questioná-lo é trazer à tona a própria Questão do Ser e seu “acontecimento essencial”. Ao logo da História do Pensamento Ocidental enquanto Metafísica, ele foi marcado por uma igualdade entre Ser e Ente na qual a referência oscilatória constituinte deles não foi preservada. Heidegger nomeou essa igualdade de “constituição onto-teo-lógica da Metafísica” em uma conferência de mesmo nome, de 1956/57²⁵. A história da Metafísica que era para ser a História do Ser foi, na verdade, a História do seu esquecimento. Deve-se entrever, aqui, o próprio jogo do “acontecimento essencial” do Ser. Ele não é apenas presença na atualização entificada, mas sobretudo se dá a partir do jogo entre os diversos elementos do “mundo ontológico”. Esse jogo, essa oscilação entre, por exemplo, Ser↔Ente é a chamada “diferença ontológica”. Ser

²⁴ HEIDEGGER, Martin. *The Question of Being*. 1. ed. London: Vision, 1974, p. 68/69.

²⁵ HEIDEGGER, Martin. Constituição Onto-teo-lógica da Metafísica. In: *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 185-200. Os Pensadores.

não é Ente e Ente não é Ser, embora ambos se dêem em uma comum-pertença. Com o esquecimento dessa diferença, do jogo constitutivo do próprio Ser, ele foi tomado como um Ente entre os Entes. Ele foi definido, destrinchado, quantificado, qualificado e erigido à posição de “em si”. Ele foi colocado aquém e além de toda temporalidade, tornando-se perene em detrimento de tudo o que era fugaz. Ele não participava da História, embora a gerisse. Seu estatuto de aquém e além a tudo o que era contradizia o próprio discurso que o prendia no domínio do “é”. “O Ser é” marcou o discurso da Metafísica, aprisionando-o em uma atualização que não deixava ressoar o seu “acontecimento essencial” mais próprio. Toda atualização no “mundo ôntico” é o domínio dos Entes, das possibilidades já dadas. Elas são o índice ressoante do próprio “acontecimento essencial” do Ser, mantenedoras de tal movimento, mas não sua condição de possibilidade. Para que tais atualizações deixem entreluzir o “ocorrer essencialmente” do “mundo ontológico”, é necessário estar atento à Linguagem. Sem habitar uma que dê conta desse jogo entre ôntico e ontológico, o próprio “acontecimento essencial” do Ser não é vislumbrado. Há uma referência ressoante entre “mundos ontológico e ôntico” que deve ser resguardada pela Linguagem. O pensador que busca entrever a questão do Ser também deve estar atento a esta Linguagem e ao “como” ela deixa entreluzir tal oscilação. Justamente porque a Linguagem metafísica não resguardou o jogo constitutivo do Ser, a “diferença ontológica”, é que ela se tornou espaço para a essência do Niilismo. O índice do “acontecimento essencial” do Ser se dá no Ente e o Ente é o espaço ressoante do “acontecimento essencial” do Ser. Se ambos estão presos em uma igualdade, tal referência oscilatória não é entrevista. O Ser em sua Verdade não se deixa entreluzir e, assim, a Metafísica se esquece dele. A essência do Niilismo é entrevista exatamente aí nesse esquecimento do jogo referencial oscilatório constitutivo do Ser, o esquecimento do Ser (*Seinsvergessenheit*). Alain Boutot indica isto:

Heidegger distingue três períodos ou épocas fundamentais da história da metafísica: os gregos (Platão e Aristóteles), depois os romanos e a Idade Média, e, por fim, a época moderna (Descartes, Kant e Nietzsche, essencialmente). Cada uma das épocas corresponde a um modo particular de doação, ou antes, de ocultação do ser e é dominada por um conceito particular da verdade. Elas não estão encadeadas umas nas outras à maneira hegeliana, mas formam, diz Heidegger, “uma seqüência livre” e, todavia, de modo paradoxal, constituem igualmente etapas decisivas na consolidação do esquecimento do ser.²⁶

A Linguagem metafísica, no entanto, não abriga essa essência do esquecimento do Ser por um erro ou uma má conduta. Esse esquecimento se dá enquanto uma própria

²⁶ BOUTOT, Alain. *Introdução à Filosofia de Heidegger*. 1. ed. Portugal: Publicações Europa América, 1991, p. 77.

possibilidade do “acontecimento essencial” do Ser. Ele se dá como uma dissimulação do próprio jogo entre ausência↔presença, entre ocultar-se↔não-ocultar-se que se deixa entreluzir na atualização Ente no “mundo ôntico”. Tal dissimulação se dá a partir do momento em que o Ser é tomado como Ente e sua Verdade não é entrevista. É próprio e necessário ao “acontecimento essencial” do Ser o ressoar no Ente. No entanto, esse acontecimento não se dá totalmente na atualização Ente. Para que o Ser ressoe no Ente, há também um resguardo, uma ausência, um ocultar-se para que a própria presença ressoe. O “acontecimento essencial” do Ser se deixa entrever como o jogo entre essas tonalidades. No entanto, a Linguagem metafísica não as deixou ressoar nessa oscilação e tomou o Ser apenas como presença, ou seja, como Ente. Até mesmo o que se oculta, o que não se apresenta, foi colocado no domínio da presença, do “é”. Nela, nada escapou das tentativas de dizer o Ser. A Linguagem metafísica não preservou esse espaço da ausência e, assim, não resguardou o “acontecimento essencial do Ser” na sua Verdade. Afinal, a Linguagem metafísica também é uma possibilidade de dizer esse acontecimento. No entanto, ela não preserva a Verdade do Ser, ou seja, o jogo oscilatório referencial. Fazendo parte da constituição do Ser ocultar-se ou não (*Unverborgenheit*), isso deve ser tomado como tal. A Linguagem, para fazer ressoar a Verdade do Ser deve deixar entreluzir esse jogo. Quando o jogo é fixado, ele não desaparece, mas se cristaliza. O Ser ressoa, mas sua atualização no “mundo ôntico” não deixa entrever a sua Verdade. A essência do Niilismo habita justamente esse posicionamento que se deu na história da Metafísica: no esquecimento do Ser, o esquecimento da sua Verdade, do seu “acontecimento essencial”.

Um outro aspecto do fenômeno niilista deve ser observado para que se deixe vislumbrar o próprio “ocorrer essencialmente” do Ser. O Niilismo é pautado pela negação, pela falta de valores, pelo nada. A essência desse fenômeno habita a Metafísica e esta é uma possibilidade atualizada da questão do Ser. Dessa maneira, esse “nada” do Niilismo também se encontra intimamente referido ao “ocorrer essencialmente” do Ser. A partir disto, Heidegger deixa entrever um jogo entre duas tonalidades de “nadas”: um ôntico no qual o Niilismo se manifesta, escrito com letra minúscula e outro, ontológico, escrito com letra maiúscula. Esse Nada mais originário está aparentado com o próprio “acontecimento essencial” do Ser; há aqui uma co-pertença constitutiva. Ao longo de suas obras, seja essa

carta a Jünger, seja na sua conferência *Was ist Metaphysik*²⁷ (*O que é Metafísica*), de 1929, Heidegger deixa entrever pistas para vislumbrar esse parentesco.

Esse Nada originário às vezes aparece desempenhando um papel relativamente igual ao do Ser. Na conferência *Was ist Metaphysik*, Heidegger aponta para uma possível distinção entre a ciência e a filosofia a partir da compreensão/interpretação/situação desse Nada mais originário. Segundo o pensador, a tonalidade afetiva fundamental da angústia é a tonalidade pela qual o Homem se sente situado nesse Nada. Ele o mantém suspenso naquilo que lhe é mais próprio, o seu poder-ser. Neste espaço, todos os Entes se dissolvem e o puro poder-ser se deixa entrever, o próprio jogo oscilante do Ser se deixa entreluzir enquanto ambiência diferenciadora. Esta interdependência entre Nada e Ser é a chave para compreender/interpretar/situar a distinção entre a ciência e a filosofia. Enquanto as ciências ditas positivas se ocupam do Ente, do “mundo ôntico” já atualizado e mais nada, a filosofia se dedica ao Ser, ao “mundo ontológico” e também ao Nada. É justamente o “mais nada” das ciências uma das vias de acesso para deixar entrever o Ser na sua Verdade. Afinal, dentro de uma ambiência regida pelos Entes atualizados, o “mais nada” é a indicação de algo a mais. É a indicação de uma outra ambiência sob o domínio não só dos Entes. A partir disso, Heidegger, então, deixa entrever a diferença de Linguagem na qual os discursos, tanto das ciências quanto da filosofia habitam. Como tanto um quanto o outro se dão a partir de buscas tonalizadas diferentemente, a Linguagem também se diverge, deixando ressoar essa diferença. Enquanto a filosofia quer dar conta do jogo entre Ser e Ente, assim como das diversas referências do “mundo ontológico”, as ciências preocupam-se em mensurar, qualificar e distinguir o Ente atualizado e os diferentes tipos de seres existentes no mundo. Todo discurso científico já trabalha em cima de uma compreensão/interpretação/situação a respeito daquilo para o que se volta. Ele já pressupõe a existência do Homem enquanto sujeito e das coisas enquanto objeto, sem se questionar sobre o jogo possibilitador de tais inferências. Já a filosofia tem o papel de questionar de que forma essas atualizações se dão e, ainda mais fundamentalmente, o que sustenta essas possibilidades atualizadas. Com isso, as ciências teriam uma base metafísica, pois mesmo negando-se a questionar a constituição do Ser e todos os elementos existenciais que o sustentam, elas necessitam e já estão nessa ambiência. Segundo Heidegger, o Homem é capaz de constituir um discurso científico sobre si e sobre o mundo, pois já se encontra numa pré-compreensão do Ser. Ele o faz existencialmente porque já habita o “mundo ontológico” e seus elementos existenciais. Um “mundo” co-

²⁷ HEIDEGGER, Martin. *Was ist Metaphysik. Wegmarken*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1996, p. 103-121.

pertence ao outro constitutivamente e a maneira como isso é entrevisto na atualização depende da Linguagem. Ela deixa ressoar menos ou mais essa referência entre ôntico e ontológico, mas nunca este jogo será anulado. Esquecido, sim, como foi pela Tradição Metafísica e sua Linguagem. Habitar filosoficamente um questionamento é voltar-se para o que ficou esquecido. Habitar cientificamente um questionamento é procurar fazer com que o esquecimento nunca seja entrevisto.

Essa ligação que Heidegger faz entre as ciências e a filosofia não visa desvalorizar uma perante a outra. Ele quer apontar para o caráter fundamental que existe no discurso filosófico, que é próprio dele, que o singulariza perante as outras tonalidades discursivas. Então, pode-se perceber que se a filosofia se volta para o Ser e a sua Verdade, seu discurso é essencialmente metafísico. Ao dar conta do papel da filosofia enquanto metafísica, pode-se resgatar o que ali existe de mais próprio. Heidegger não quer propor uma recuperação das metafísicas anteriores, organizando uma coletânea dos “melhores momentos” dessas teorias, mas sim colher o que nelas sempre existiu de fundamental, aquilo que caracteriza o discurso como metafísico: o Ser em sua Verdade.

No texto a Jünger, o Nada é entrevisto de um modo mais próximo do “acontecimento essencial” do Ser. O interessante em conjugar o texto *Was ist Metaphysik* e essa carta a Jünger é deixar entreluzir uma compreensão/interpretação/situação desse Nada originário em uma co-pertença constitutiva com o Ser. Um complementa o outro e assinalam o quão importante é o Nada para entrever o “ocorrer essencialmente” do Ser. Isto se dá porque o Nada se deixa entreluzir enquanto sustentador do Ser em uma suspensão para que na referência com o Ente possam se dar ambas as disposições: *Zuwendung* (estar voltado para) e *Abwendung* (estar desviado de). Dessa maneira, o Nada é a condição de possibilidade para que o Ente não seja simplesmente uma presença do Ser, mas a ambiência mantenedora e ressoante desse “ocorrer essencialmente”. Mesmo o Ente sendo o índice atualizado da referência com o Ser, através do Nada, o Ente se dá enquanto lugar possível do entreluzir dessa oscilação.

Correspondendo a esse Nada originário, se dá no “mundo ôntico” um nada escrito com letra minúscula. Apesar dessa ligação, o nada ôntico tem uma significação negativa. Ele advém da disposição *Abwendung* entre Ser e Ente. No desviar do Ser, a atualização Ente se deixa entreluzir enquanto a dimensão negativa desse jogo. Por um lado, enquanto está ligado ao fenômeno do Niilismo, o nada é a própria negação do “ocorrer essencialmente” do Ser. Na Metafísica, esse nada deixa entrever o superdimensionamento do Ente em detrimento ao Ser. O próprio movimento da Verdade do Ser é englobado por essa dimensão negativa do Ente, de se desviar do Ser. Por outro lado, no entanto, o próprio movimento do “ocorrer

essencialmente” do Ser é dependente desse nada negativo. O Ente ressoante desse acontecimento é o negativo do Ser, ele “é” enquanto o Ser “se dá”. Esse “é” negativo do Ente, de desviar do Ser pode também resguardar o próprio “ocorrer essencialmente” do Ser. Seja na Metafísica ou através de um pensar resguardante da Verdade do Ser, o Ente é sempre o não desse jogo. Cada atualização é uma atualização dessa oscilação referencial, mesmo que ela não ressoe no Ente “é”. O problema da Metafísica e a instauração do Nihilismo foi supervalorizar essa atualização Ente como todo o dizer possível sobre o Ser. Mais uma vez se entrevê que o Nihilismo não é um fenômeno estranho ao próprio movimento do Ser, mas advém de uma dissimulação deste.

A técnica e as ciências modernas são os expoentes máximos dessa manifestação nihilista advinda da Tradição Metafísica. Tendo como objetivo o desvelamento e domínio total da realidade, elas não deixam ressoar para o homem a experiência da referência oscilante entre Ser e ente. Ou ainda: a deixam ressoar pela via negativa. Como Heidegger aponta, o Ser não pode ser fixado e explorado em conceitos. Ele é algo que quando desvelado através dessa Linguagem não é mais Ser. Dessa maneira, o homem só tem acesso ao seu sentido e a sua Verdade e não a um Ser em si. Há um jogo ressoante no qual tanto Ser quanto Ente são devedores. Entrevê-los em si é uma tentativa derivada, pois não originária de discurso. Assim, na base de todo proceder das ciências e da técnica está o que Heidegger nomeia em sua obra *Beiträge zur Philosophie: vom Ereignis*²⁸ (*Contribuições para a filosofia: da Ereignis*) de *Machenschaft* (maquinação). Segundo o pensador, a técnica e a supervalorização do Ente realizada pela Metafísica são desdobramentos da própria tonalidade *Machenschaft*. Em sua essência, a *Machenschaft* conflui com o próprio proceder da Metafísica ao longo de sua história. É a tonalidade que expressa o auge da Metafísica na sua vertente da técnica e das ciências modernas. Citando Heidegger:

O que significa *Machenschaft*? *Machenschaft* e Presença (*Anwesenheit*) constante; ποιήσις - τέχνη. Para onde leva a *Machenschaft*? Para a *Erlebnis*. O que acontece aí? (*ens creatum* – a natureza e a história dos tempos modernos – a técnica) Através do desencantamento (*Entzauberung*) do Ente cujo poder concede, através dele, mesmo um encantamento (*Verzauberung*) consumado. Encantamento e *Erlebnis*. [...] O processo definitivo do abandono do Ser (*Seinsverlassenheit*) no esquecimento do Ser (*Seinsvergessenheit*).²⁹

Como *Machenschaft*, pode-se entrever superdimensionamento do Ente ao longo da Tradição Metafísica, da presença constante tornada modernamente objeto. Ao lado disso,

²⁸ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003.

²⁹ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 107.

escondido por detrás do hiperbólico Ente se dá, também, o superdimensionamento da mente, do sujeito, da vivência (*Erlebnis*). Heidegger deixa entrever o que seria *Erlebnis* na seguinte passagem: “O que é a *Erlebnis*? Até que ponto na certeza do Eu (traçado na mais determinada interpretação da entidade (*Seiendheit*) e da verdade”³⁰. O Homem, modernamente tomado enquanto Sujeito é, então, paradigma da certeza e da verdade. Essa verdade enquanto verdade do Ente está apoiada na adequação entre dois pólos: um deles nomeado nos primórdios gregos como mente e o outro, tomado como coisa até alcançar o estatuto moderno de sujeito e objeto. Dessa forma, por detrás da Verdade do Ente, do superdimensionamento da entificação, a *Erlebnis* se dá como ponto central para a afirmação e sustentabilidade dessa verdade. Esse hiperbólico do Ente pode-se entrever por aquilo que Heidegger nomeia de *Riesenhafte* (Gigantesco). Supervalorizado, o Ente agora é colocado sob o julgo da quantificação. A sua essência, o que ele é se dimensiona pela sua quantidade. Com esse superdimensionamento, ao contrário do que se imagina, não haveria, nos tempos atuais, um desencantamento do mundo. No entanto, há, sim, um encantamento através da figura hiperbólica do Ente como um dos pontos sustentador da verdade e da certeza. Superar isso não seria uma simples contraposição entre quantitativo versus qualitativo. Oscilar entre um e outro é, ainda, estar em uma ambiência derivada na qual a problemática do superdimensionamento do Ente permanece como ponto de apoio.

Heidegger deixa entrever, então, que tal condição entreluzida pela *Machenschaft* não é apenas a dissimulação da Verdade do Ser em seu jogo referencial oscilante. O que se vislumbra aqui é uma dissimulação do próprio Ente. A partir do momento em que a “diferença ontológica” não é entrevista, a partir do momento em que o Ente é superdimensionado, ele não mais é vislumbrado como o mantenedor da própria Verdade do Ser. Não só a Verdade do Ser fica esquecida, mas também a Verdade do Ente. O Niilismo habita esse jogo de superdimensionamento ao passo que por ser uma possibilidade atualizável da Verdade do Ser, ele também conta a sua história. História essa sob a tonalidade do esquecimento do Ser. Mesmo sendo um esquecimento, este também conta como o Ser foi tomado a partir do seu “acontecimento essencial”. Acontecimento esse que também permite tal esquecimento. O Ser esquecido no seu jogo se dá enquanto o Ser abandonado na sua Verdade.

Para superar o Niilismo, ou ainda, como queria Jünger propor-lhe uma cura, é necessário estar atento à própria constituição do “ocorrer essencialmente” do Ser. A

³⁰ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 131.

Metafísica, abrigando a essência do Niilismo não é algo a ser curado enquanto um “ser jogado fora”. Dizer que ela chegou ao fim não é entrever o fim da filosofia ou o fim da tarefa do pensamento. É justamente habitando esse superdimensionamento que há a possibilidade para uma nova Linguagem vislumbrante do jogo referencial oscilante do Ser. Como Heidegger indica neste trecho:

O discurso sobre o fim da Metafísica não pode induzir ao erro de que a filosofia esteja terminada com a “Metafísica”, ao contrário: primeiro agora, em sua impossibilidade essencial, esta [a Metafísica] deve ser passada (*zugespielt*) daquela e, dessa maneira, a filosofia, ela mesma, deve ser jogada para o outro lado (*hinübergespielt*), no seu outro início.³¹

O que é entrevisto aqui é o próprio jogo entre duas possibilidades ou como chama Heidegger, entre o “primeiro início” do pensamento e o “outro início”. A Metafísica enquanto primeiro é o ponto a partir do qual pode-se voltar à procura do que ficou esquecido. O pensador aponta que:

O primeiro início experiencia e coloca a *Verdade do Ente*, sem perguntar pela Verdade enquanto tal porque na sua não-ocultação, o Ente enquanto Ente, necessariamente todo superior porque também traz o Nada e o abrange ou o elimina totalmente enquanto “não” e contra.³²

Voltando-se para a própria constituição do “primeiro início”, abre-se a possibilidade para o “salto” (*Sprung*) em direção ao “outro início” do pensamento. Heidegger assinala:

O outro início experiencia a Verdade do Ser e pergunta pelo Ser da *Verdade* para, então, primeiramente, fundamentar o acontecimento essencial do Ser (*Wesung des Seyns*) e para deixar nascer o Ente enquanto mantenedor dessa Verdade original.³³

Para que se salte em direção ao outro é necessário um solo. O jogo entre eles não se rompe com o salto, mas a oscilação se entreluz no próprio ato. A possibilidade do saltar já habita a oscilação constitutiva do próprio Ser. Quando se entrevê a sua necessidade é porque a História do Ser já foi vislumbrada enquanto História do seu esquecimento. Já se habita voltando-se, se volta habitando a abertura da Verdade do Ser³⁴. Dessa forma, por já estar situado nesse “entre”, não há uma contraposição ou uma inversão de um modo do pensamento em outro mais adequado. Há, sim, um salto no qual o “entre”, o próprio diferenciar entre os modos de pensar se deixa entrever. Uma crítica à Metafísica e a busca pela essência do Niilismo já se dão a partir desse “entre”, da abertura da Verdade do Ser não entrevista pela

³¹ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 173.

³² Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 179.

³³ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 179.

³⁴ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 174.

Tradição e sua Linguagem. Assim, se deixa entreluzir que a própria busca pela essência e superação do fenômeno niilista enquanto restauração da Metafísica já faz jogar as duas possibilidades do pensamento. A restauração da Metafísica se dá a partir dessa oscilação entre os dois modos do pensar. Dessa maneira, “no intento do outro início, o Niilismo deve ser apreendido mais fundamentalmente enquanto consequência essencial do abandono do Ser”³⁵. O “outro início” é o espaço de abertura no qual pode ressoar essa oscilação constitutiva do Ser enquanto ressoante nesse jogo oscilante de pensar. O “outro início” somente é o “outro” enquanto se der como o espaço de oscilação com o “primeiro início”. Ambos oscilarão sobre o mesmo, mas não de igual modo: o início, o Ser em sua verdade. Heidegger indica as diferenças↔proximidades entre esses dois modos do pensamento na seguinte passagem das *Beiträge*:

O outro início do pensamento é assim chamado não porque há uma forma diferente de todas as filosofias precedentes, mas porque ele deve ser o único outro a partir da referência com o único primeiro início. Desse recíproco referir-se de um ao outro início já se encontra determinado o tipo de meditação pensante da passagem. O pensamento da passagem executa o projeto fundante da verdade do ser como meditação historial. A história não é aqui o objeto ou o âmbito de uma consideração, mas aquilo que o questionar pensante suscita e alcança enquanto lugar das suas decisões. O pensamento na passagem coloca em diálogo o primeiro passado (*Gewesene*) do ser da verdade e o extremo futuro da verdade do ser e neste diálogo dá a palavra à essência do ser até agora não questionada. No saber do pensamento da passagem do primeiro início permanece decisivo como primeiro e é, contudo, superado (*überwunden*) como início. Para esse pensamento, o mais claro respeito diante do primeiro início – respeito que o revela na sua unicidade – deve ser acompanhado pela falta de timidez no destaque de um outro questionar e dizer.³⁶

Deixar o que ficou esquecido entreluzir é chamar para o pensamento do “outro início” uma certa tonalidade de reserva (*Verhaltenheit*) e carência (*Not*). Somente assim pode-se abrir espaço para a Verdade do Ser e do Ente, pois eles não serão aprisionados em uma atitude de presentificação constante e superdimensionada. A Verdade do Ser e do Ente ressoarão a partir de um deixar vir e não como imposição de um fazer e de uma vivência. O “outro início” do pensamento, nessa reserva, não visa se voltar para algo diferente do próprio Ser. No entanto, o deixa entrever a partir de novas tonalidades, deixando-o ressoar em sua Verdade. Para isso, a Linguagem tem um papel central. Quando se busca restaurar o “primeiro início” enquanto o saltar para o “outro início” do pensamento, somente um questionar sobre a

³⁵ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 138.

³⁶ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 5-6.

própria Linguagem pode deixar entrever o “como” dessa passagem. Ela é o guia desse caminho que se deixa entreluzir como a Verdade do Ser.

II. A Linguagem

Para entrever como a Linguagem deixa entreluzir o “acontecimento essencial” do Ser enquanto guia possível para o “outro início” do pensamento, é necessário, aqui, retomar a primeira marcante consideração de Heidegger acerca da Linguagem. Ela aconteceu em sua principal obra, *Sein und Zeit*³⁷ (*Ser e Tempo*). Nela, o Ser é entrevisto à luz do *Dasein* cotidiano. O Homem enquanto Ente se diferencia dos demais Entes intramundanos justamente por habitar o mundo enquanto *Dasein*, nessa abertura específica. Enquanto tal, o Homem pode questionar a seu próprio Ser enquanto que os outros entes intramundanos não. Diante disso, o que se quer entrever é o sentido do Ser em geral através do lugar no qual esse *Dasein* se dá. Para tal, Heidegger leva a constituição do Homem e sua referência ao Ser para uma ambiência nunca antes entrevista; isto quer dizer, para dentro do jogo ocultar-se/mostrando, mostrar-se/ocultando. Para dar conta de tal tarefa, o pensador precisa deslocar as concepções hodiernas do Homem enquanto ser racional e do Ser como essência em si e substantivada para dimensões aquém dessas derivações. A Metafísica deixa entrever o Homem como uma *Vorhandenheit*, ou seja, “como algo que está à mão”. Com a referência entre *Dasein* ↔ Ente ↔ Homem, esta constituição será deslocada para uma outra possibilidade. Então, entram em jogo “ser-no-mundo”, “ser-em” e “ser-com-os-outros”. Heidegger passa os primeiros cinco capítulos de *Sein und Zeit* apontando como essas dimensões constituem o *Dasein* e sua referência constitutiva com o Ser. Através disso, trilhando este caminho, poder-se-ia chegar ao sentido do Ser em geral. No entanto, qual o por quê desse caminho? Para que isso se desse não mais apoiado na Tradição Metafísica, ele precisa lançar mão de novas bases, ou seja, de uma filosofia calcada na Fenomenologia Hermenêutica. Não é como se toda a Metafísica tivesse errado na busca pelo Ser, mas apenas deixou ressoar esse lugar mais primordial através do esquecimento do Ser enquanto Ser, transformando-o em Ente. Deixar o sentido do Ser se entreluzir é permitir que ele se dê enquanto tal, ou seja, enquanto Ser ambientado nesse dar-se hermenêutico. Daí a importância da obra de 1927: buscando conciliar dizer e não dizer para salvaguardar o próprio sentido do Ser, Heidegger indica caminhos para um novo método,

³⁷ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967. [*Ser e Tempo*. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. v. 1-2.]

chamado posteriormente pelo hermenêuta Paul Ricoeur de “Hermenêutica Ontológica”³⁸. A ontologia marcou a Metafísica como também as obras de Heidegger. A sua grandeza, entretanto, está em apontar um novo caminho para ela.

Dessa maneira, calcado sobre novas bases, Heidegger aponta para a ambiência da Linguagem. Em *Sein und Zeit*, é justamente o parágrafo 34 do capítulo quinto o lugar que marcará um dos pontos de germinação dessa temática. Através da obra *Unterwegs zur Sprache* (A Caminho da Linguagem), especificamente no texto intitulado *Aus einem Gespräch von der Sprache: zwischen einem Japaner und einem Fragenden*³⁹ (Por uma conversa sobre a Linguagem: entre um Japonês e um Questionante), de 1953/54, pode-se vislumbrar o caráter efervescente da Linguagem em *Sein und Zeit*:

Quem pode se arrogar a doação de um tal dádiva? Eu apenas sei isso: a reflexão sobre a linguagem e o ser determina, desde cedo, o caminho do meu pensamento, por isso a discussão permanece tanto quanto é possível no fundo. Talvez seja a falta fundamental do livro “Ser e Tempo” que eu tenha me atrevido a avançar muito cedo, muito longe.⁴⁰

Nessa passagem, Heidegger não somente vislumbra a importância e relevância da Linguagem como “pano de fundo” (*Hintergrund*) de toda a sua obra, mas também como em *Sein und Zeit* ela ficou apenas entrevista e não lhe foi dada um foco predominante. No entanto, ela estava lá na forma de um “sentir-se situado” (*Befindlichkeit*). Ao mesmo tempo, com a fala do pensador, pode-se entrever o quão necessário é vislumbrar a Linguagem na busca pelo sentido do Ser e outrora conhecida como sua Verdade.

Em *Sein und Zeit*, a Linguagem se deixa entrever como o “sentir-se situado” em um lugar. No entanto, como isto se dá? Ela surge no momento em que Heidegger vislumbra “o Ser-em enquanto tal”⁴¹. Uma das portas de entrada para isso é “a constituição existencial do “Da””⁴² do *Dasein*. Aqui, é necessário deter-se para entrever essas duas perspectivas.

A primeira é a questão de “o Ser-em enquanto tal”. Nesse momento, torna-se evidente aquilo que Paul Ricoeur frisou em seu livro, *Interpretação e Ideologia*⁴³: o importante na busca pelo Ser é o “em”, a ambiência. O que ressoa nela é o índice do jogo de ocultamento/não-ocultamento do Ser. Buscando apreender as contribuições de Heidegger na tarefa de erigir a Hermenêutica enquanto um método, Ricoeur indica a importância do “em”:

³⁸ RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 17-59.

³⁹ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 85-155.

⁴⁰ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 93.

⁴¹ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 130.

⁴² Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 134.

⁴³ Paul Ricoeur, *Interpretação e Ideologias*, p. 31-32.

Os fundamentos do problema ontológico devem ser procurados do lado da relação do ser com o mundo, e não da relação com outrem. É na relação com a minha situação, na compreensão fundamental de minha posição no ser, que está implicada, a título principal, a compreensão. [...]Não se trata do ser-com um outro, que duplicaria nossa subjetividade, mas do ser-no mundo. Esse deslocamento do lugar filosófico é tão importante quanto a transferência do problema de método sobre o problema do ser. A questão *mundo* toma o lugar da questão *outrem*. Ao *mundanizar*, assim, o compreender, Heidegger o despsicologiza. Esse deslocamento ficou inteiramente desconhecido nas interpretações ditas existencialistas de Heidegger. As análises da preocupação, da angústia, do ser-para-a-morte foram tomadas no sentido de uma psicologia existencial requintada, aplicada a estados de alma raros. Não se deu a devida atenção ao fato de essas análises pertencerem a uma meditação sobre a *mundanidade do mundo* e de pretenderem, essencialmente, arruinar a pretensão do sujeito cognoscente de erigir-se em medida da objetividade. [...]O que se deve precisamente reconquistar, sobre essa pretensão do sujeito, é a condição de *habitante* desse mundo, a partir da qual há situação, compreensão, interpretação.⁴⁴

É justamente dentro dessa ambiência do “em” que se pode entrever a referência entre a busca pelo sentido do Ser e a sua Verdade. Enquanto em *Sein und Zeit*, a busca é pelo sentido do Ser, já nas *Beiträge* se vislumbra a Verdade do Ser. A partir do momento em que se deixa entrever o “em” como sustentáculo de ambas as buscas, consegue-se perceber a conexão entre elas. Quando se busca a ambiência na qual o Ser se dá e na qual ressoa o seu “acontecimento essencial” (*Wesung*), sentido e verdade se entrelaçam. A Verdade do Ser se deixará entrever pelo sentido ressoado nessa ambiência. O Ser se dá no “Da” do *Dasein* de um modo e tonalidades próprias que o singularizam no seu acontecimento. Isto quer dizer: o Ser “ocorre essencialmente” (*west*) na sua Verdade deixando ressoar um sentido e não outro.

Nas *Beiträge*, o Ser é entrevisto à luz da *Ereignis*, uma referência mais originária. Aqui, está em jogo a constituição mútua e no instante entre “mundo ontológico” e “mundo ôntico”. As bases para se pensar o Homem já estão lançadas em *Sein und Zeit*. A partir daí, pode-se entrever como se dão as referências fomentadoras da atualização Ente/Homem/Mortal. Na referência mais originária com a *Ereignis*, a Verdade do Ser é um índice do modo e das tonalidades nos quais essas referências do “mundo ontológico” se dão. O Sentido do Ser abre lugar para entrever a sua Verdade quando a busca muda o seu foco: não apenas apontar para o acontecimento das referências, mas deixar entreluzir o “como” delas. O Sentido do Ser se deixa entrever por esse substrato mais originário do que as derivadas concepções de racionalidade ou substancialidade. A sua Verdade é a busca pelo modo e tonalidades das referências enquanto índice do “ocorrer essencialmente” do Ser. Como se

⁴⁴ RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990, p. 31-32.

pode perceber, ambas as buscas estão interligadas. Não há como separar referência do seu modo/tonalidades e vice-versa. Heidegger pontua isto nas *Beiträge*:

A questão pelo “Sentido do Ser” é a questão de todas as questões. Na execução de seu desenrolar se determina a essência daquele, o que aqui elege “Sentido”, isso pelo qual a pergunta enquanto sentido se conserva, o que ela enquanto pergunta abre: a abertura para o ocultar-se, a Verdade.⁴⁵

Já a segunda perspectiva é a constituição do existencial do *Dasein*. Ela se daria não por elementos racionais, mas sim através da *Stimmung* (tonalidade afetiva) e da *Befindlichkeit*. Enquanto o Ser se deixa vislumbrar na referência com o *Dasein*, isso desloca o “ocorrer essencial” do Homem enquanto racional, enquanto “algo que está à mão” para uma nova ambiência. Dessa maneira, o jogo do Ser em ocultar-se/mostrando, mostrar-se/ocultando deixa entrever o Homem não mais apenas sob o julgo da Metafísica. Não mais está em jogo a racionalização. Ela é derivada. O Homem só se compreende enquanto racional, dentro de uma determinada lógica, porque já “se sente situado” e tonalizado. A partir disso, ele vislumbra atualizações tais como de sujeito-objeto. Diante disso, é necessário, agora, vislumbrar como Heidegger, em *Sein und Zeit*, delimita ambas as dimensões. No que tange à *Befindlichkeit*, ele escreve:

O sentir-se situado (*Befindlichkeit*) não apenas abre o *Dasein* em seu lançamento e em sua dependência do mundo já aberto com seu Ser, ele é, por si mesmo, o modo existencial do Ser pelo qual ele (*Dasein*) se entrega constantemente ao “mundo”, se deixa assaltar por ele (mundo) tanto que, em certo modo, ele (*Dasein*) se afasta de si mesmo.⁴⁶

Já no que diz respeito à *Stimmung*, ele pontua:

A tonalidade afetiva (*Stimmung*) torna evidente “como um é e se torna”. Nesse “como um é”, o ser tonalizado afetivamente (*Gestimmtsein*) leva o Ser no seu “Da”. [...] Na tonalização afetiva (*Gestimmtheit*), o *Dasein* já sempre é medida da tonalidade afetiva enquanto o Ente aberto ao qual o *Dasein* esteve entregue no seu Ser enquanto o Ser que ele tem de ser existente.⁴⁷

É dentro dessa perspectiva que a Linguagem é entrevistada como um “sentir-se situado” que se deixa ressoar como uma “tonalidade afetiva”. Há uma referência entre *Befindlichkeit* e *Stimmung*. O Homem “se sente situado” no “Da” do *Dasein* assim como na referência com o Ser enquanto também “se sente situado” no mundo e com os outros a partir de uma “tonalidade”. Heidegger indica essa referência na seguinte passagem de *Sein und Zeit*:

⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 11.

⁴⁶ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 139.

⁴⁷ Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 134.

No sentir-se situado (*Befindlichkeit*) está situado existencialmente uma dependência aberta (*erschließende*) de mundo a partir da qual pode encontrar algo futuro. No ato ontológico fundamental, nós devemos deixar o descobrimento primário do mundo à “mera tonalidade afetiva” (*bloßen Stimmung*).⁴⁸

A referência entre “mundo ontológico” e “mundo ôntico” é marcada por essa oscilação entre “tonalidade afetiva” e “sentir-se situado”. O jogo entre elas deixa ressoar “mundo ontológico” enquanto “mundo ôntico”. Enquanto o “*Da*” do *Dasein* se abriu para o dar-se do Ser, enquanto o Homem habitou este espaço enquanto Ente, o mundo sentido e tonalizado é habitado. Cada atualização ôntica nesse mundo é devedora deste “sentir-se situado” e desta “tonalidade afetiva” ontológica. Isso quer dizer: o ressoar de “mundos” é marcado por um jogo no qual um dos jogadores é a Linguagem.

O papel da Linguagem vai se diferenciando ao longo do pensamento de Heidegger. No entanto, isto não quer dizer que um momento negue completamente o outro. Apenas há uma mudança de perspectiva e, justamente por isto, uma complementaridade. Somente onde existem diferenças pode ser entrevisto esse jogo de co-pertença. Assim, vislumbra-se que a busca se altera não por uma simples escolha ou capricho do pensamento, mas por uma necessidade imposta pela própria coisa a se pensar. Quando a busca pelo sentido do Ser se transforma na busca pela sua Verdade, o papel da Linguagem também se altera. Quer dizer: tanto Sentido quanto Verdade transitam sobre o mesmo, ou seja, o Ser, mas o vislumbram a partir de entradas diferentes. Dessa maneira, a Linguagem se desloca para referências mais originárias na medida em que a porta de entrada é vislumbrar esse “mais originário”.

Deve-se estar atento para perceber essa sutil diferença. Em *Sein und Zeit*, a referência entre o “*Da*” do *Dasein* e o Ser é entrevista tendo como guia o Ente e sua atualização humana. O Homem se “sente situado” no “*Da*” do *Dasein* enquanto que este também é o lugar do “acontecimento essencial” do Ser. A porta de entrada aqui é a referência entre Ser ↔ *Dasein* ↔ Ente ↔ Homem. Dessa maneira, a Linguagem, enquanto um “sentir-se situado”, se deixa entrever através de um jogo de papéis. Ao mesmo tempo em que possui essa especificidade ressaltada neste período de *Sein und Zeit*, ela também deixa vislumbrar as possibilidades posteriormente trabalhadas nas *Beiträge* e na *Unterwegs zur Sprache*. Quando, com as *Beiträge*, a Linguagem é deslocada para uma dimensão mais originária e à luz da Ereignis, ela continua deixando ressoar a referência entre Ser ↔ *Dasein* ↔ Ente ↔ Homem. Em cada instante, a atualização Ente no “*Da*” do *Dasein*, a abertura de mundo enquanto espaço/tempo

⁴⁸ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 137-138.

a partir do “sentir-se situado”, a Linguagem já é um índice do ouvir a Linguagem da essência, ou seja, a referência mais originária entre Ereignis e Ser.

A Linguagem enquanto um “sentir-se situado” faz jogo com outras duas *befindlichkeiten*: compreensão e interpretação. Não se pode deixar levar por uma dimensão derivada quando se busca entrever como ambas se dão enquanto “sentir-se situado”. Obviamente, por estar em um terreno ontológico, compreensão e interpretação são existenciais e não existenciárias. Isso quer dizer: toda compreensão e interpretação que o Homem faz no “mundo ôntico”, seja de um simples texto, seja de algo ocorrido com ele, qualquer exercício deste tipo já está ambientado em uma compreensão e interpretação mais originárias. “Sentir-se situado” é o modo pelo qual o “Da” do *Dasein* se abre tanto para o Ser quanto para o Homem jogando, assim, mundo. A partir disso então, a compreensão enquanto *Befindlichkeit* é um desses modos. Dessa maneira, a compreensão enquanto modo ditará a “tonalidade afetiva” das referências entre mundo, Homem e Ser. Ela propicia a abertura do “Da” do *Dasein* enquanto a sustenta desse modo, como abertura. Assim, compreendendo o Ser ontologicamente, o Homem é capaz de habitar o mundo aberto por essa mesma compreensão. Qualquer não compreensão ou má compreensão ônticas são devedoras de uma compreensão ontológica mais originária, ou seja, uma pré-compreensão. Ela abre uma gama de modos possíveis de referência entre Ser e *Dasein*. Um destes modos será atualizado enquanto Ente humano. Toda possibilidade de poder-ser atualizada através de uma compreensão, em um instante, se deixa entrever na compreensão. Enquanto o “Da” do *Dasein* se deixa vislumbrar como compreensão, essa abertura permite fluir o poder-ser. O como isto será atualizado permite que este “acontecimento essencial” ressoe enquanto jogo de propriedade/impropriedade e ainda de autenticidade/inautenticidade. Na passagem seguinte de *Sein und Zeit*, Heidegger assinala o caráter mais originário da compreensão, assim como a referência entre *Befindlichkeit* e *Stimmung*:

Enquanto existenciais (*Existenzialien*), sentir-se situado (*Befindlichkeit*) e compreensão (*Verstehen*) caracterizam a abertura (*Erschlossenheit*) originária do ser-no-mundo. No modo da tonalização afetiva (*Gestimmtheit*), o *Dasein* vê possibilidades entre as quais ele é aqui. No abrir lançante de tais possibilidades, ele já está tonalizado afetivamente. O projeto do poder-ser mais próprio está entregue ao fato do lançamento no *Da*.⁴⁹

Com isso, entra em jogo, aqui, a interpretação. Ela é a “tradução” das possibilidades desse pré-compreender o Ser. Esse jogo entre compreensão e interpretação é o que dita o modo como as referências se dão, como elas se situam. Com isto, percebe-se a

⁴⁹ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 148.

impossibilidade de se separar uma da outra. Quando se volta para a compreensão, já se está também na ambiência da interpretação e vice-versa. Segundo Heidegger, a compreensão seria mais originária já que projeta as possibilidades atualizáveis que tomam forma na interpretação. Mesmo assim, mesmo uma sendo mais originária do que a outra, não se pode desassociar o movimento de ambas. Aqui, deve-se entrever que “mais originário” não é um “estar em primeiro lugar”. O terreno em que habita a compreensão/interpretação/situação do pensamento de Heidegger não é o da Metafísica. Dessa maneira, determinações lógicas tais como “primeiro e segundo lugares” são derivadas. Enquanto Hermenêutica Ontológica, “mais original” está longe de querer apontar para uma relação lógica de causa e efeito, de primeiro e segundo. “Mais originário” quer dizer: mais ontológico e, por isto mesmo ressoante em toda derivada atualização, mesmo na lógica. Com isto, pode-se entrever que a interpretação é o índice de como o *Dasein* pré-compreende o Ser. Interpretação deixa ressoar já uma pré-compreensão. Sendo mais originária e mantenedora da abertura referencial, é constitutiva de tais determinações a compreensão, ou seja, a Hermenêutica. Sobre o jogo entre compreensão e interpretação, Heidegger indica em *Sein und Zeit*:

O *Dasein* projeta, enquanto compreensão, seu Ser de possibilidades. Através do seu próprio revés, esse *ser para possibilidades* compreendente é ele mesmo, enquanto aberto no *Dasein*, um poder-ser. O projetar da compreensão tem a possibilidade própria de formar-se. Nós nomeamos interpretação (*Auslegung*) a formação da compreensão. Nela, a compreensão se apropria (*eignet*) do seu compreendente compreendido. Na interpretação, a compreensão não se torna algo outro, mas ela mesma. Interpretação se funda existencialmente na compreensão e não nasce aquela desta. A interpretação não é o ato provido do conhecimento do compreendido, mas a elaboração das possibilidades projetadas na compreensão.⁵⁰

É necessário, aqui, trazer de volta o terceiro elemento quando se busca entrever a dimensão oscilante entre compreensão e interpretação. Ele é aquele entrevisto por Paul Ricoeur como o ponto que deveria ser observado, prioritariamente, em *Sein und Zeit*: a situação. Quando pré-compreende-se o Ser e o interpreta, o modo como se habita a sua Verdade, o modo como o seu sentido é vislumbrado se deixa entrever aí. Logo, compreender, interpretar e situar não podem ser desassociados.

Com isto, pré-compreendendo o Ser e o interpretando em uma possibilidade atualizável, o mundo se abre para e a partir do *Dasein*. Ele não gera o mundo, não o cria, mas se deixa vislumbrar como mantenedor de seu acontecimento. Toda a rede de sentido se deixa entrever a partir dessa possibilidade situada. O *Dasein* habitar o mundo compreendendo/interpretando/situando o Ser enquanto mundo é o índice desse jogo. Dessa

⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 148.

maneira, pode-se entrever porque o Homem se dá enquanto ser-no-mundo: o “*Da*” do *Dasein* é o lugar no qual o Ser “ocorre essencialmente” em sua Verdade enquanto o Homem se deixa vislumbrar como o ressoar desse acontecimento. Ele é o índice atualizado de uma possibilidade compreensiva/interpretativa/situada da referência entre Ser e *Dasein*. Ele é “ser-no-mundo” enquanto se deixa colocar como mantenedor desse “ocorrer essencialmente” do Ser, enquanto deixa entrever o jogo do Ser no “*Da*” do *Dasein* como o sentido do Ser. O mundo não se funda no *Dasein*, mas sua abertura é sustentada pelo seu “acontecimento essencial” enquanto Homem mortal. Dessa maneira, compreensão/interpretação/situação atualizáveis no “*Da*” do *Dasein* são o índice de como este suporta a Verdade do Ser, deixando desvelar a referência como o seu sentido.

Diante disso, vislumbrando compreensão/interpretação/situação na referência entre Ser e *Dasein*, como entrever o sentido de uma proposição no “mundo ôntico”? Este sentido é anterior, não logicamente, mas originalmente a esta proposição. É porque uma pré-compreensão já está em jogo com uma interpretação e situação que o *Dasein* enquanto “ser-no-mundo” pode “proposicionar” essa oscilação. No entanto, ao longo da história da Metafísica foram atribuídas à palavra “proposição” uma série de significados. Heidegger elenca três em *Sein und Zeit*: (1) proposição como manifestação (*Aufzeigung*). Aqui, Heidegger deixa entrever a relação entre essa significância e a de *λόγος* enquanto “deixar ver o ente a partir dele mesmo”⁵¹. O que se visa, aqui, não é um sentido, mas o modo como um ente está “à mão”, à disposição para o *Dasein*. Utilizando o exemplo do pensador, o “martelo é pesado demais”. Aqui, o martelo é desvelado em sua *Zuhandenheit*, em sua manualidade somente porque uma circunvisão (*Vorsicht*), um sentido já se deixou entrever. A tríade compreensão/interpretação/situação marca a referência *Dasein* ↔ Ser, de um para o outro, em uma comum pertença na abertura de mundo. É esse jogo, essa abertura que já traz o mundo em uma rede de sentidos circunvista que sustenta toda proposição do “mundo ôntico”. (2) Proposição enquanto predicação (*Prädikation*). Aqui, se vislumbra a determinação, a especificação do ente que se desvelou na sua manualidade. Se no primeiro o ente salta da rede de sentidos do mundo aberto por meio de sua “funcionabilidade”, aqui isto que o torna objeto usável é restringido: “é pesado demais”. Em ambos os momentos ocorre uma restrição da visão. Isso quer dizer: dentre os entes possíveis de saltarem da rede mundo, o martelo foi o privilegiado. Ele foi entrevisto justamente quando se evocou a sua manualidade. Com a predicação, essa restrição se torna mais aguda. Assim, como não era qualquer ente, mas sim o

⁵¹ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 154.

martelo, também não o é qualquer um, mas “o pesado demais”. Percebe-se, também, que a relação entre manifestação do ente e sua predicação é indissociável. A proposição no “mundo ôntico” deixa entrever esse modo de abertura de mundo e dar-se da referência mais originária enquanto compreensão/interpretação/situação. (3) Proposição no sentido de comunicação (*Mitteilung*), de “dizer para fora” (*Heraussage*). Nesta última perspectiva, o ente que já foi manifestado em sua manualidade e restringido em sua condição manifestada, é agora comunicado. Enquanto “ser-no-mundo”, habitando uma rede de sentidos aberta enquanto mundo, o *Dasein* comunica essa relação entre *Aufzeigung* e *Prädikation*. A comunicação deixa ver com os outros “o ente indicado em sua determinação”⁵². No entanto, deve-se entrever que mais originária do que esta partilha proposicional é a abertura de mundo enquanto rede de sentidos. Independentemente da proposição específica que faz saltar um ente em sua manifestação funcional, é constitutivo do *Dasein* ser “ser-no-mundo”. Essa constituição mais originária deixa entrever o jogo referencial de:

Dasein ↔ Ser / *Dasein* ↔ os outros *Dasein* / *Dasein* ↔ entes não dotados
da dimensão de *Dasein*.

Isto quer dizer: a comunicabilidade de uma proposição é devedora dessa comunicabilidade mais original, o Discurso da referência entrevista enquanto compreensão/interpretação/situação.

A partir disso, há um jogo aqui entre “mundo ôntico” e “mundo ontológico”. Tomando a proposição nas delimitações da *Aufzeigung*, *Prädikation* e *Mitteilung* como única possibilidade atualizável da tríade compreensão/interpretação/situação, entrevê-se, assim, a dimensão problemática da Metafísica. A referência marcada pela tríade mais originária não apenas tem como atualização essa tríade proposicional derivada. Reduzir, assim, a ambiência mais originária é supervalorizar uma possível resposta a este discurso referencial como toda resposta possível. Totalizando-se assim, o Ser, o seu sentido e a sua Verdade entrevistados por meio dessa linguagem proposicional serão esquecidos. Isto se dá porque ele não se esgota em um dizer ôntico, seja ele qual for, marcado ou não pela Metafísica. O jogo que lhe é constitutivo, a oscilação entre ausência/presença, não se reduz à relação da tríade proposicional derivada. Cada atualização é um índice desse jogo e não toda a resposta possível dele. Esse jogo é enigmático não porque não tenha resolução, mas porque não é passível de tal. Resolver o jogo de oscilação do Ser é aniquilar as possibilidades do seu “ocorrer essencialmente”. Quando não se está atento para esta sutileza tonal entre “a” e

⁵² HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 155.

“uma”, a linguagem ôntica, proposicional e derivada, continuará não dando conta da diferença ontológica entre Ser e ente. Não dará conta do jogo oscilante entre eles, ou seja, o Mistério constitutivo da própria questão do Ser.

Uma outra janela aberta pelo jogo entre “a” e “uma” é a dimensão em que jogam atualização autêntica e inautêntica do “ocorrer essencial” do Ser. Ambas têm sua condição de possibilidade na própria constituição originária do Ser. Enquanto joga com presença/ausência, ele torna possível o próprio esquecimento desse jogo. Por que isso? Porque um modo possível de dizer a oscilação é presentificando-a, fixando-a e estratificando-a. Um outro modo é se colocar em uma linguagem que dê conta desse jogo. A história da Metafísica foi marcada pelo esquecimento do Ser. Quer dizer, igualou Ser e Ente quando, a partir da tríade proposicional derivada, não deu atenção a uma dimensão mais originária: o *als* (como). Estando sob o julgo da proposição, o *als* ficou restringido a uma conformidade entre sujeito e objeto, mente e coisa, mente e enunciado. Assim, o “como” se tornou conformidade entre duas dimensões já dadas. Ele tornou-se o instrumento pelo qual a Verdade é passível de ser desvelada. Então, a Verdade proposicional é adequação.

Não entrever o “como” na dimensão da tríade hermenêutica referencial compreensão/interpretação/situação é esquecer que o sentido e a Verdade do Ser se deixam vislumbrar como oscilação presença/ausência. Sentido do Ser: referência. Sua Verdade: modo e tonalidades do seu “ocorrer essencialmente”. Se a questão do Ser enquanto sentido já traz consigo a questão da sua Verdade, não vislumbrar a tríade mais originária é não deixar ressoar a sua oscilação. No entanto, só se pode entrever isso quando se deixa entrever que a Verdade aqui não é tida como conformidade. Ela se entreluz enquanto ambiência aberta no qual o Ser “ocorre essencialmente”. Nas *Beiträge*, Heidegger deixa essa dimensão do “como” se entrever com mais força quando busca a Verdade do Ser. Ele se dá como *Ereignis*, ou seja, na ambiência dela, a partir dela. O “como” então remete para um lugar do qual Ser e as referências mais originárias do “mundo ontológico” são devedores. Não se trata mais de uma conformidade entre dimensões já dadas, mas o “acontecimento essencial” de Ser, *Dasein*, ente e Homem ressoante no “como”.

O sentido do Ser, não restringido pela Metafísica, se vislumbra através de uma atualização possível enquanto esta deixa entrever o jogo entre compreender/interpretar/ situar. O jogo é o índice da própria referência, ou seja, o sentido do Ser. Quer dizer: buscar o sentido do Ser é buscar o “como” ele se dá na abertura do “Da” do *Dasein*. “Como” aqui entrevisto enquanto modo. O “ocorrer essencialmente” do Ser se dá em um modo. Em *Sein und Zeit*, Heidegger entrevê essa referência enquanto “como”, enquanto a ambiência de oscilação, o

“entre” Ser, *Dasein* e toda constituição do mundo (sua rede de sentidos para com os outros *Dasein(s)* e os entes), na temporalidade/historicidade. A Verdade enquanto abertura para esse “acontecimento essencial” apenas se deixa entreluzir. No entanto, se o sentido do Ser é entrevisto nesse jogo, a sua Verdade é justamente o apontamento para o lugar no qual ele ocorre e, ainda mais radical, para o modo como ele ocorre. Se nas *Beiträge* se dão apontamentos do modo e tonalidades deste “como”, em *Sein und Zeit* procura-se entrever essa ambiência referencial enquanto “como”. Por isso, não se pode perder de vista a ligação entre *Sein und Zeit* e os textos pós anos 30, pós *Kehre*. Não há referência sem “como” e vice-versa.

É justamente quando a procura pelo sentido do Ser se torna a busca pela sua Verdade que a Linguagem ganha um novo “papel”. Nas *Beiträge* e nos textos da obra *Unterweg zur Sprache*, a Linguagem se deixa entrever como o próprio ressoar da Verdade do Ser no “*Da*” do *Dasein*. O Discurso (*Rede*) e a Linguagem são co-originários, pois é o jogo entre eles que deixa ressoar o modo e a tonalidade nas quais as referências dos elementos do “mundo ontológico” se dão. Elementos estes tais como: Ser, *Dasein*, ente, Ereignis e último Deus. Então, Linguagem e Discurso estão em jogo, mas ambos habitam essa dimensão mais originária, dando conta dela e a deixando ser entrevista. No entanto, em *Sein und Zeit*, a busca ainda é pelo Sentido do Ser, ou seja, entrever o Ser ambientado no “como”. No parágrafo 34 desta obra, Heidegger procura vislumbrar o jogo entre “*Da-sein* e discurso. A linguagem”⁵³. Isto quer dizer: essa oscilação entre *Dasein* e Discurso entreluzente da referência enquanto “como”. Por mais que a Linguagem já traga a questão pela sua Verdade, a ambiência na qual trabalha o pensador em *Sein und Zeit* ainda é menos originária do que as posteriores. Com isso, o jogo entre “mundo ontológico” e “ôntico” é trazido mais à tona. Afinal, quer se buscar um novo sentido do Ser à luz da referência “como”. Se a existência do *Dasein* é marcada pelo “ser-no-mundo” e “ser-com-os-outros”, uma nova referência com o Ser é entrevista. Isso se deixa ressoar tanto na temporalidade quanto na historicidade em que está imbuído o *Dasein*. Com isto, a Linguagem é vista como aquela que dá voz ao “como” da referência e não enquanto aquela que o fomenta, assim entrevista nas obras posteriores já citadas. Pode-se dizer, então, que em *Sein und Zeit*, Heidegger deixa entrever a Linguagem ainda não na sua dimensão mais originária, mas sim em uma referência menos originária com o Discurso. Este, sim, é mais originário. Isto se dá enquanto a Linguagem “é a pronunciabilidade (*Hinausgesprochenheit*) do discurso”⁵⁴. Assim como os outros entes intramundanos, ela pode se tornar apenas mais uma coisa à mão. No entanto, “existencialmente, o discurso é

⁵³ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 160.

⁵⁴ Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 161.

linguagem, pois o ente, cuja abertura ele (o discurso) articula em medida de significado, tem o modo de ser do lançado, indicado ser-no-mundo, a partir do “mundo”⁵⁵.

Deve-se pontuar, aqui, que não se trata de um discurso como o falado no mundo cotidiano, ôntico. Apesar desse Discurso ser fomentador, através da Linguagem, de uma ponte entre “mundos” ontológico e ôntico, ele não é aquele proferido no “dia a dia” e nem carrega ou suporta um sentido já dado. Ele é a possibilidade dos sentidos ao deixar ressoar a pré-compreensão do Ser do *Dasein*, do tom no qual essa abertura possibilita mundo e sua rede de sentidos. Toda Linguagem ôntica e seu discurso proferido pelo Homem no mundo cotidiano, ôntico, já dado, uma palestra, por exemplo, são devedores desse Discurso existencial, não temático. O Discurso traz consigo o modo e a tonalidade da abertura da referência Ser↔*Dasein*↔mundo. Segundo Heidegger, “enquanto constituição existencial da abertura do *Dasein*, o discurso é constitutivo para aquela existência”⁵⁶. O Homem enquanto *Dasein* se sente situado nessa abertura através de uma tonalidade afetiva específica enquanto pré-compreende o Ser. O Discurso dessa pré-compreensão é interpretado enquanto o modo desse habitar. Dessa maneira, quando se diz Discurso se está apontando para o próprio jogo entre compreensão e “sentir-se situado”. Como Heidegger indica:

*Existencialmente, o discurso está igualmente originário para com o sentir-se situado e a compreensão. Antes da interpretação apropriante, compreensibilidade já também está sempre articulada. Discurso é a articulação da compreensibilidade. Ele está situado aquém, já está na base da interpretação e da declaração. Aí, na interpretação, nós nomeamos o sentido já articulado no discurso, pois mais originário. Aí, na articulação articulada, falante enquanto tal, nós nomeamos o todo de significado.*⁵⁷

Nesse momento, pode-se entrever radicalmente porque sentido e Verdade do Ser não podem ser desassociados e se dão em jogo constitutivo da própria busca pela questão do Ser. Quando se vislumbra o Ser nesse referencial “como”, o modo e as tonalidades já se deixam entrever. Isto se deve porque não há referência sem modo/tonalidades e vice-versa. Quando se busca a Verdade do Ser enquanto o seu modo de “ocorrer essencialmente”, o “como” também é trazido à tona. A diferença entre as duas é uma simples e ao mesmo tempo determinante questão de porta de entrada. Sentido do Ser, “como” referencial, sua Verdade, modo/tonalidades. Indissociáveis porque efetivamente constituídas em uma co-pertença.

Enquanto se deixa entrever como o modo e as tonalidades nos quais o *Dasein* habita o mundo, o Discurso também detém o papel de “comunicar”. Isto quer dizer: enquanto se dá

⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 161.

⁵⁶ Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 161.

⁵⁷ Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 161.

no mundo, com os outros, o *Dasein* habita uma rede de sentidos, a compartilha com outros entes dotados do caráter de *Dasein*. Ele comunica essa rede de sentidos, pois comunica um modo de habitar o mundo. Ele comunica o Discurso interpretativo da pré-compreensão do Ser enquanto modo de habitar o mundo. Segundo deixa entrever Heidegger: “o discurso é a articulação “discurso é o articular significante da compreensibilidade do ser-no-mundo ao qual pertence o ser-com e aí permanece em um determinado modo de um ser com o outro preocupante (*miteinandersein besorgenden*)”⁵⁸.

Assim, se vislumbra que um horizonte está em jogo com o Discurso. Ele comunica limites, mesmo que estes ainda não tenham um tema específico. Cada atualização de habitar mundo é devedora desse Discurso interpretativo da pré-compreensão do Ser. Isto quer dizer: os horizontes da abertura de mundo no qual a referência Ser ↔ *Dasein* se deixam entrever são devedores do Discurso. Há, aqui, um ciclo: enquanto o *Dasein* está na referência com o Ser, esta se dá no modo e tonalidades interpretados da pré-compreensão referencial “como”. O Discurso marca singularmente cada referência atualizada enquanto deixa fluir essa referência entre Ser ↔ *Dasein*. Não há como desassociar Discurso e referência, assim como não tem como separar Ser e *Dasein*. O jogo entre ambos é constitutivo deles.

Dessa maneira, pode-se entrever que o que o Discurso comunica, o dito dessa referência é o próprio pronunciamento do modo e das tonalidades, é o próprio compreender interpretado discursivamente. É nesse jogo que o *Dasein* habita o mundo, habitando essa referência Ser ↔ *Dasein* enquanto que esse jogo entre modo e tonalidades se dá nessa referência. Como Heidegger assinala:

Todo discurso sobre..., que comunica no seu discursado, tem, ao mesmo tempo, o caráter de *pronunciar-se* (*Sichaussprechen*). *Dasein* se pronuncia discursante, não porque esteja, em primeiro lugar, insulado enquanto um “interior” frente a um fora, mas porque ele já está “fora” entendido enquanto ser-no-mundo. O pronunciado é justamente o ser fora que chama (*heißt*) o modo (*Weise*) respectivo do sentir-se situado (*Befindlichkeit*) (da tonalidade afetiva (*Stimmung*)) pelo qual seria assinalado que o modo diz respeito a completa abertura do ser-em. O índice lingüístico pertencente à manifestação do situado ser-em está situado no tom, na modulação, no ritmo do discurso, “no modo (*Art*) do falar”. A comunicação das possibilidades existenciais do sentir-se situado (*Befindlichkeit*), que chama o abrir da existência, pode tornar-se alvo próprio do discurso “poetante”.⁵⁹

A partir desse ponto em diante do parágrafo 34 em *Sein und Zeit*, Heidegger joga com elementos que depois serão de suma importância para a compreensão/interpretação/situação da Linguagem e sua essência. São eles: a dimensão poética, a essência da

⁵⁸ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 161.

⁵⁹ Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 162.

Linguagem, o “Da” do *Dasein*, o ouvir e o calar-se. Já aqui, o pensador deixa entrever que buscar a essência da Linguagem não é estar em jogo com as outras ciências, tal como a Lingüística. O trabalho proposto por esta não leva vislumbrar o essencial da Linguagem na constituição da referência “como” entre Ser e *Dasein*. Segundo Heidegger pontua:

As tentativas em formar a “essência da linguagem” tomaram pois, também sempre, a orientação desses momentos de maneira isolada e conceituaram a linguagem no guia das idéias da “expressão”, da “forma simbólica”, da comunicação enquanto declaração, do “manifesto” da *Erlebnis* ou da “formação” da vida. Mas também nada se ganharia para uma completa e suficiente definição da linguagem se se quisesse juntar sincreticamente essas peças de determinações diferentes. O decisivo permanece em destacar previamente toda a ontologia-existencial da estrutura do discurso do fundamento da analítica do *Dasein*.⁶⁰

Dessa maneira, entrevê-se que somente a partir da referência entre Ser e *Dasein* sob novas bases que não a da Metafísica, a essência da Linguagem pode ser vislumbrada no seu “acontecimento essencial”. Por isso, por mais que nos textos posteriores a *Sein und Zeit* Heidegger dê mais ênfase à questão da Linguagem em sua dimensão mais originária, coloque o Discurso em uma co-originariedade com a Linguagem, não quer dizer que a chave de entrada referencial Ser ↔ *Dasein* seja esquecida. Ela é apenas, juntamente com a Linguagem, radicalizada em uma ambiência ainda mais originária à luz da Ereignis. A busca pelo Ser perpassa toda a obra de Heidegger, seja através da busca pelo seu sentido, seja pela sua Verdade.

Este fio condutor que atravessa *Sein und Zeit* e perpassa as obras posteriores se deixa entrever, também, quando Heidegger traz para o jogo do Discurso a questão do calar-se (*schweigen*), do ouvir e do “Da” do *Dasein*. O Discurso não se trata de uma necessária expressão verbal ôntica. Ele está fundado também no calar-se. A atualização do *Dasein* no mundo também pode se dar através da não fala, da não “falação”. Enquanto escuta o Discurso da pré-compreensão interpretativa do Ser e se coloca no resguardo do calar-se, o *Dasein* se deixa entrever como o lugar no qual a abertura para com o Ser se deixa vislumbrar. Assim, o “acontecimento essencial” do Ser se deixa vislumbrar no seu jogo de ausência/presença. Heidegger pontua:

Mas calar-se (*Schweigen*) não significa ser mudo. Ao contrário, o mudo tem a tendência de “falar”. Um mudo não apenas provou que não pode se calar, lhe falta até toda possibilidade de provar tal coisa. E tão pouco quanto o mudo, alguém que está habituado, por natureza, a falar pouco não mostra que ele se cala e pode se calar. Quem nunca diz alguma coisa também não pode se calar em um dado instante. Apenas em um discursar autêntico é possível calar-se propriamente. Para

⁶⁰ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 163.

poder calar-se, o *Dasein* deve ter alguma coisa a dizer que significa dispor de uma abertura própria e rica de seu si mesmo. Então, reticência (*Verschwiegenheit*) se faz evidente e o “falatório” se abafa. Reticência articula, enquanto modo (*Modus*) do discursar, a compreensibilidade do *Dasein* tão originalmente que provém dela o poder ouvir autêntico e o um ser com o outro transparente.⁶¹

Enquanto o *Dasein* escuta esse Discurso da pré-compreensão interpretativa do Ser, ele pode se dar no mundo e com os outros. “Somente quem já compreende, pode escutar”⁶². Com essa pontuação, Heidegger deixa entrever não somente que a compreensão é mais originária, mas também que quem escuta já está, de alguma forma, delimitado por um horizonte de compreensibilidade. Mais radical: quem escuta já está pré-delimitado por uma ambiência que se abriu na tonalidade dessa compreensão interpretativa discursiva escutada. Habitando esse Discurso da pré-compreensibilidade interpretativa do Ser, o *Dasein* ouve enquanto reticente, enquanto aquele que se coloca na reservar, voluntariamente, para ouvir. Deixando-se entrever enquanto esse jogo entre compreensão e escuta é que “discursar e escutar se fundam na compreensão”⁶³. Isto quer dizer: há uma tensão oscilante entre compreender, escutar e discursar. Para discursar onticamente, seja através do resguardo do calar-se ou não, o *Dasein* já habita essa ambiência do jogo entre compreensão, discurso e escuta. Escutando a compreensibilidade interpretativa discursiva do Ser, o *Dasein* se deixa entrever como o espaço para atualização desse jogo. Desse modo, todo discurso ôntico, toda compreensão/interpretação/situação ônticas são devedoras desse habitar compreensivo interpretativo discursivo escutante mais originário.

Diante disso, em *Sein und Zeit* entrevê-se que a Linguagem é o índice do modo como essa atualização se dá no mundo e com os outros. Depois, com a busca pela Verdade do Ser, a Linguagem vai fazer jogar com toda essa ambiência da compreensão, interpretação, escuta e Discurso. Sua essência será vislumbrada aí e, assim, a Linguagem da essência poderá ressoar no dito do pensador. Entretanto, em ambos os períodos, há um jogo que é importante ser entrevisto aqui: a Linguagem e a referência (*Bezug*). Tanto nas *Beiträge* quanto nos textos de *Unterweg zur Sprache*, a Linguagem é vislumbrada enquanto referência “como” em um modo e tonalidades próprios. O “ocorrer essencialmente” da Linguagem é devedor desse jogo e vice-versa. Em *Sein und Zeit*, a Linguagem é o índice já atualizado dessa referência mais originária. Independente do lugar no qual a Linguagem está localizada, o seu jogo com a referência permanece.

⁶¹ HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967, p. 164-165.

⁶² Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 164.

⁶³ Martin Heidegger, *Sein und Zeit*, p. 164.

Assim, é importante entrever agora o que se toma por referência. Ela é a chave para compreender/interpretar/situar a busca pelo Sentido do Ser e, depois, sua Verdade. Por referência, Heidegger não quer dizer relação. Por que disso? Relação remete a uma constituição ambientada no terreno da Metafísica. Pensar a partir disso é pressupor que Ser e *Dasein* já se deram em si, nas suas particularidades e só posteriormente entraram em relação. Já por referência, o pensador quer apontar para a necessidade e o jogo constitutivo mútuo e instantâneo entre Ser e *Dasein*. A referência é o jogo no qual a Linguagem dita o modo desse se dar. Se o que se busca é o Sentido do Ser e sua Verdade à luz da Linguagem, da compreensibilidade discursiva do Ser, a referência deve ser entrevista. Como Heidegger mesmo pontua no texto *Aus einem Gespräch von der Sprache: zwischen einem Japaner und einem Fragenden*:

A linguagem é, portanto, o que prevalece e carrega a referência do homem com a duplicidade entre ser e ente. A linguagem decide a referência hermenêutica⁶⁴.

Refiro-me à palavra “referência”. Geralmente, pensamos com ela a relação. O que se sabe da relação, pode-se designar de maneira formal e vazia, utilizando um sinal de cálculo. Pense no procedimento da lógica matemática. Contudo, também podemos escutar a palavra “referência”, de maneira totalmente diversa, na frase “o homem se encontra numa referência hermenêutica com a duplicidade de ser e ente”. E devemos inclusive fazê-lo, quando nos dispomos a pensar com atenção o que se acabou de dizer⁶⁵.

Com essas duas passagens, pode-se entrever como a Linguagem está sempre em jogo, tanto com a compreensão quanto com a referência. A mudança ao longo das obras de Heidegger sobre essa temática apontam apenas para uma maior radicalidade, maior originariedade pela qual a Linguagem é entrevista. Com isso, querer vislumbrá-la é colocar em jogo períodos distintos, mas que se ligam pela simples, porque mais próxima, e distante, porque mais misteriosa busca: a questão do Ser.

⁶⁴ HEIDEGGER, Martin. *A Caminho da Linguagem*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p. 97.

⁶⁵ Martin Heidegger, *A Caminho da Linguagem*, p. 99.

CAPÍTULO 2: A ESSÊNCIA DA LINGUAGEM

I. A busca pela essência da Linguagem

A busca pela questão do Ser enquanto sua Verdade deixa entreluzir a própria busca pela essência da Linguagem. A Linguagem se dá aqui como o próprio lugar do “ocorrer essencialmente” do Ser. Ela é o índice deste “acontecimento essencial”, resguardar o seu movimento (*Be-wägung*) enquanto ela mesma se dá nesse movimento. Ele deve ser entrevisto como a tonalidade do caminho a percorrer na busca da essência da Linguagem. Enquanto o pensamento a habita, ele irá se voltar para a região na qual já está situado. Percorrendo este caminho, deixando-o entreluzir enquanto o “ocorrer essencialmente” da essência da Linguagem, ela mesma pode entreluzir. Buscá-la é, então, deixar o movimento da sua essência ressoar enquanto “tonalidade caminho” pelo qual se anda. No texto *Das Wesen der Sprache*, Heidegger indica essa referência entre movimento e caminho:

Nós ouvimos a palavra *Be-wägung* no sentido de: em primeiro lugar, dar e fundar caminhos. Outrora, nós entendemos caminhar (*bewegen*) no sentido de: conseguir com que alguma coisa mude de lugar, com que aumente ou diminua, com que se altere. Mas *Be-wägen* significa: guarnecer de caminhos a região. De acordo com um antigo uso lingüístico do dialeto suábio-alemão, “*wägen*” pode querer dizer: abrir um caminho, por exemplo, através da terra profundamente coberta de neve.⁶⁶

A partir do momento em que todo discurso direto sobre o Ser o aprisiona novamente no jogo metafísico da presença, a busca pela essência da Linguagem deixa vislumbrar o Ser e o seu “como” a partir de um ressoar, de um aceno (*Wink*). Este caminho no qual a essência da Linguagem já está situada é acenado pelo próprio movimento de seu “ocorrer essencialmente”. Dessa maneira, as referências oscilantes do “mundo ontológico” se deixam entrever, mas se evita o perigo de aprisioná-las em um discurso totalizante e presentificante. Evita-se o perigo de aprisionar esta busca em um “o que é”.

Buscar entrever a essência da Linguagem é deixar entreluzir o caminho próprio percorrido por ela. Aqui não se está recorrendo a um método capaz de dizer o que é a essência da Linguagem, mas sim buscando o “como” do próprio “ocorrer essencialmente” dela.

⁶⁶ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 197-198.

Heidegger deixa entrever essa diferença enquanto a própria diferença entre método científico e a busca do pensamento pela essência da Linguagem. Citando o pensador:

As ciências conhecem o caminho para o saber sob o título do método. Mesmo na ciência moderna, esse não é um mero instrumento a serviço da ciência, mas o método é que toma, por sua vez, as ciências a seu serviço. [...] Nas ciências, o tema não é apenas posto pelo método, mas ele [tema] é imposto e subordinado, ao mesmo tempo, no método. O correr vertiginoso que impulsiona atualmente as ciências, sem que nem elas mesmas saibam para onde estão indo, provém da propulsão acelerada do método e de suas possibilidades, cada vez mais e mais abandonada à técnica. No método está situado todo poder do saber. O tema pertence ao método. No pensar, as coisas se comportam de outro modo comparado com a representação científica. Aqui, não há nem método nem tema, mas a região que assim se chama porque ela põe em liberdade, rivaliza o que dá a pensar para o pensar. O pensar se detém na região na medida em que ele percorre os caminhos da região. Aqui, o caminho pertence à região. Essa relação não é apenas difícil para o representar cientificamente mas, de modo algum, entrevista. A seguir, quando nós nos recordamos disso, do caminho da experiência pensante com a Linguagem, nós não colocamos em voga nenhuma reflexão metodológica. Nós já andamos na região, no domínio que nos assalta.⁶⁷

Sendo assim, já se parte aqui de uma compreensão/interpretação/situação: a busca pela essência da Linguagem só se torna a ambiência possibilitadora da superação do Niilismo enquanto restauração da Metafísica; só se dá enquanto lugar do ressoar da Verdade do Ser enquanto for entrevista sob novas tonalidades. Afinal, restaurar é justamente isso: transformar o que já existe enquanto instaura novamente isso que já é. A partir do momento em que as ciências modernas habitam a Metafísica, isto quer dizer que a questão do método e toda a problemática aí imbricada se deixam entrever também a partir da Metafísica. Para buscar a essência da Linguagem é necessário transcender as ciências modernas enquanto um saltar da Metafísica no “outro início” do pensamento. Essa busca quer deixar entrever o próprio “entre”, o próprio jogo fomentador da Metafísica, mas também a ambiência que torna possível o “outro início” do pensamento. Buscar este “entre” exige do pensamento uma nova Linguagem, diferente daquela sustentada pela Metafísica. Voltar-se para a Linguagem enquanto questão já aponta de início este duplo jogo: buscar a essência da Linguagem é deixar ressoar através dela o seu próprio jogo constitutivo. Buscar a sua essência é já experienciar (*erfahren*) a Linguagem enquanto ressoante do jogo constitutivo do Ser em sua Verdade. Dessa maneira, quando se deixa entrever a essência da Linguagem a partir da Linguagem, se está experienciando a Linguagem no seu próprio “ocorrer essencialmente”, se está experienciando o Ser em sua Verdade. Somente através do fazer essa experiência com a

⁶⁷ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 178-179.

essência da Linguagem, o deixando ressoar no discurso é que esse pode ser o espaço ressoante do próprio jogo constituinte da Linguagem↔Verdade do Ser.

Heidegger, ainda fazendo referência ao seu texto *Das Wesen der Sprache*, deixa entreluzir o que seria este “fazer” de “fazer uma experiência com a essência da Linguagem”. Citando o pensador:

Fazer uma experiência com algo, seja esse algo uma coisa, um Homem, um Deus significa que ele nos assalta (*widerfährt*), que ele nos atinge, que ele nos sobrevém, que nos derruba e nos transforma. O discurso de “fazer” não aponta nessa precisa direção de que nós realizamos a experiência através de nós; fazer significa aqui: passar por (*durchmachen*), sofrer (*erleiden*), acolher aquilo que nos atinge na medida em que nós nos submetemos a ele. Ele se faz algo, ele se entrega, ele se submete.⁶⁸

A partir dessa delimitação, Heidegger deixa entrever o espaço no qual a busca pela essência da Linguagem habita. O Homem, que faz essa busca, a faz enquanto experiência. No entanto, este “fazer” não está situado na ambiência da Metafísica e do seu discurso presentificante. “Fazer” não é uma imposição do sujeito frente a um objeto, porque aqui o jogo em questão não é o par sujeito/objeto. Busca-se deixar entreluzir a condição de possibilidade desse par, dando um passo atrás em busca da ambiência e suas tonalidades constituintes de todo discurso metafísico derivado. A essência da Linguagem e seu “ocorrer essencialmente” entreluzem essa ambiência mais originária. Ela se constitui no jogo dessa ambiência enquanto que a ambiência se dá nesse jogo. Tentar entrever o “como” dessa ambiência, desse espaço do “acontecimento essencial” do Ser é entrever o próprio “como” da essência da Linguagem. O Homem, ao fazer esta experiência, também se deixa ressoar na sua essência: ou seja, ser o mantenedor ressoante deste movimento do Ser↔Linguagem. Para tal tarefa, o Homem precisa deixar fazer, deixar ser o espaço do ressoar da Verdade do Ser enquanto Linguagem. Há uma postura de reserva (*Verhaltenheit*), de se deixar afetar para que o movimento do Ser ressoe. Sem esse posicionamento, próprio do “outro início” do pensamento, o discurso dizente desse movimento permanece sob o domínio da Metafísica. Permanecendo aí, ele não deixa entrever o próprio jogo referencial oscilante constituinte do “mundo ontológico”.

Delimitando o “fazer”, o próximo passo de Heidegger é deixar entreluzir o que seria propriamente “fazer uma experiência com a essência da Linguagem”. Citando o pensador:

Então, fazer uma experiência com a Linguagem significa: nos deixar assaltar propriamente pela reivindicação da Linguagem quando nós a aceitamos, quando

⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 159.

nós nos submetemos (*fügen*) a ela. Se é verdade que o Homem tem propriamente a morada de seu *Dasein* na Linguagem, independentemente se ele sabe disso ou não, então, uma experiência que nós faremos com a Linguagem nos tocará no âmago da estrutura de nosso *Dasein*. Nós, que falamos a Linguagem, podemos a seguir ser transformados (*verwandelt*) através de tais experiências, de repente ou com o tempo. Mas, então, é talvez uma experiência que nós fazemos com a Linguagem, até então já tão grande para nós hodiernos, quando ela também apenas nos atinge até esse ponto de nós nos tornamos, pela primeira vez, atentos a *nossa relação com a Linguagem* para permanecer no horizonte dessa relação, de hoje em diante.⁶⁹

Com isso, qualquer discurso atrelado à Metafísica sobre a Linguagem serve aqui como ponto de sustentação para a transcendência em direção a um novo ressoar da Linguagem. Buscar a sua essência através do “fazer sua experiência” é dar um passo atrás às buscas executadas pelos discursos metafísicos. Buscar a essência da Linguagem é voltar-se para o lugar no qual o homem já está, no qual ele se dá, deixando entreluzir aquilo que lhe é tão próximo. Essa proximidade da Linguagem se deixa vislumbrar a partir do discurso cotidiano que está banhado pela Linguagem Metafísica. O Homem habita cotidianamente a essência da Linguagem nesse discurso metafísico. Assim como o Ser fica esquecido no seu jogo de ausência/presença, de ocultação/não-ocultação através do discurso metafísico, a essência da Linguagem também não ressoa na sua oscilação de proximidade↔distância. É justamente por isso que buscar superar o Nihilismo perpassa pela busca do “fazer uma experiência com a essência da Linguagem”. Fazendo tal experiência, abre-se a possibilidade para um novo ressoar da Verdade do Ser enquanto Linguagem no discurso já atualizado. Essa busca faz jogar proximidade↔ distância, as deixa ressoar nesse jogo, levando o Homem para o lugar no qual ele já está, mas que a sua Linguagem cotidiana não deixa entreluzir. A Linguagem Metafísica, enquanto banha o discurso cotidiano do Homem, também parte deste “fazer uma experiência com a essência da Linguagem”. No entanto, assim como não deixa entreluzir o jogo referencial oscilante do Ser, ela não vislumbra a ambiência desse jogo e o ressoar dele, ou seja, a Linguagem. Não vislumbrar deve ser compreendido/interpretado/situado aqui como um não questionar tal abertura. Sem questioná-la, não é possível ao Homem deixá-la ressoar enquanto tal, enquanto abertura referencial oscilante.

Para tentar transcender ao discurso metafísico, é necessário aqui esse fazer e essa experiência. Trazê-la para essa busca é deixar entreluzir, antes de tudo, o jogo oscilante entre proximidade↔distância próprio do “acontecimento essencial” da Linguagem enquanto ressoante da Verdade do Ser. Para que o discurso deixe entreluzir esse jogo, é necessário aqui

⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 159.

dar esse passo atrás ao próprio discurso metafísico sobre a Linguagem e trilhar o caminho de sua essência. Voltando à raiz mantenedora de todo e qualquer dizer ôntico, a Linguagem já atualizada terá a possibilidade de deixar ressoar o seu próprio “ocorrer essencialmente”. Heidegger assinala bem esse jogo entre os discursos dizentes da essência da Linguagem:

Todavia, então, fazer uma experiência com a linguagem é algo outro do que fornecer conhecimentos sobre a linguagem. Tais conhecimentos nos são colocados à disposição e fomentados, continuamente, até o ilimitado, pela ciência da linguagem, pela lingüística e pela filologia das diferentes línguas, pela psicologia e pela filosofia da linguagem. Recentemente, a investigação científica e filosófica das línguas tem em vista a fabricação do que se nomeia de "metalinguagem". A filosofia científica, que busca através de uma fabricação dessa supralinguagem, se entende, conseqüentemente, enquanto metalingüística. Isso soa como metafísica, não apenas soa, também é; então, a metalingüística é a metafísica da tecnicização universal de todas as línguas para ser somente instrumento de informação funcionante interplanetariamente. Metalinguagem e esputinique, metalingüística e técnica de foguetes são o mesmo. [...] É claro que a opinião não pode apenas estar em voga pelo o que aqui é julgado depreciativamente, isto é, a investigação científica e filosófica das línguas e da linguagem. Essa investigação tem seu particular direito e guarda seu próprio peso. Ela sempre dá a aprender pela sua útil essência. Mas os conhecimentos científicos e filosóficos sobre a linguagem são uma coisa e a experiência que nós fazemos com a linguagem é outra. Se a tentativa de nos levar à possibilidade de uma tal experiência for bem sucedida, até onde se estende entre cada um de nós o talvez bem sucedido, isso nenhum de nós tem na mão.⁷⁰

Dessa maneira, deixa-se entrever que a busca pelo “fazer uma experiência com a essência da Linguagem” joga tanto com o “primeiro início” do pensamento quanto com o “outro início”. O próprio caminho em direção a esse outro modo do pensar é delimitado pela busca da essência da Linguagem. No entanto, é necessário aqui entrever que o limite entre uma Linguagem Metafísica e uma que a transcende é muito tênue. Na verdade, o que se quer vislumbrar é um jogo entre as possibilidades. Ele é possível, pois tanto o discurso metafísico quanto aquele entreluzente da essência da Linguagem, no seu acontecimento essencial, parte do mesmo solo, mas não de igual modo. Através do texto de Heidegger *Aus einem Gespräch von der Sprache: zwischen einem Japaner und einem Fragenden*, pode-se entrever que a diferença entre ambas as Linguagens e seus respectivos discursos é apenas uma diferença tonal; quer dizer: mais ou menos originário. Ao mesmo tempo em que a diferença entreluz a partir de um “apenas”, ela se torna um problema quando não entrevista. Só se pode vislumbrar tal comum-pertença na tonalidade “diferença” a partir do momento em que já se habita a ambiência do “entre” Linguagens.

⁷⁰ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 122.

No texto entre Heidegger e o Japonês, este último traz à tona uma preleção de Heidegger intitulada *Ausdruck und Erscheinung*⁷¹ (*Expressão e Manifestação*). A partir dela, alguns acenos sobre a passagem de uma tonalidade para a outra se deixam entreluzir. O ponto de apoio é a diferença entre “expressão e manifestação” e “referência hermenêutica” (*hermeneutischen Bezug*). A “expressão e manifestação” enquanto ambientada na metafísica se deixa entrever a partir da distinção sujeito/objeto ou mente/coisa. No rastro disso está a concepção de fenômeno. Tanto na definição moderna, tomando como exemplo a figura de Kant, quanto na grega, ambas se apóiam no *Anwesen* (presença). No texto entre Heidegger e o Japonês, este último expõe essa relação no que tange à filosofia de Kant:

“Expressão” diz a exteriorização do interior e remete para o sujeito. “Manifestação”, ao contrário, indica o objetivo, caso me seja permitido lembrar aqui a terminologia de Kant. Segundo essa terminologia, as manifestações, os fenômenos, são contraposições, isto é, os objetos da experiência. Com o título do curso, o senhor se ateu à correlação de sujeito-objeto.⁷²

Com isso se deixa entrever que, em Kant, a manifestação do fenômeno é manifestação daquilo que é presente. A presença marca, assim, o acontecimento da manifestação fenomênica. Na concepção grega, o fenômeno também se deixa entrever através desta manifestação regida pela presença. Segundo Heidegger, “φαινόμενα significa para eles [os gregos]: levar a brilhar e manifestar nisto”⁷³. Em ambas as definições, “o aparecer (*Erscheinen*) permanece o rasgo fundamental da presença do presente na medida em que isso leva ao desabrigamento”⁷⁴. Isso reflete o próprio proceder da Metafísica que privilegiou em seu discurso o Ente, a presença eterna em detrimento do jogo referencial oscilante do Ser. Dentro do horizonte da presença, a Linguagem se reduz às representações fonéticas e gráficas. O sujeito faz uso da Linguagem tornando-a objeto, marcando, assim, a relação entre ambos. No entanto, Heidegger não entrevê “expressão” nem “manifestação” a partir do que ficou explícito na Metafísica. Ele quer deixar entreluzir o que ficou esquecido. Assim, a volta aos gregos não é para retomar o que ali foi dito, mas para se aproximar da própria essência da “manifestação”, deixando entreluzir, então, a sua fonte esquecida. Dessa maneira, “dedicar-se a pensar este não pensado significa: perseguir mais originariamente o que os gregos pensaram, visualizá-lo na proveniência de sua essência. Essa

⁷¹ No texto *Aus einem Gespräch von der Sprache: zwischen einem Japaner und einem Fragenden*, o Japonês remete em sua fala a esta preleção de Heidegger dada como curso e discutida no Japão nos anos 20. HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 128.

⁷² Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 102.

⁷³ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 132.

⁷⁴ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 132.

visão é grega em seu modo de ser, mas quanto ao que é visualizado já não é, nem nunca poderá ser grega”. Assim, para seguir essa indicação, somente fazendo o movimento de *wiederholen* (ir buscar, procurar novamente) dentro do discurso da própria Tradição Metafísica, no caso aqui específico, dentro do discurso grego. Citando Heidegger:

Ninguém pode se colocar para fora do círculo de representação dominante com um salto, sobretudo não pode quando se trata de vias há muito tempo percorridas do pensar que passam discretamente até agora. Além disto, um tal fazer contrastar com o até agora já está por si só moderado pelo recuperar de maneira mais originária o sido (Gewesene) que a vontade aparentemente revolucionária tenta, sobretudo, outra coisa. Com prudência, na primeira página de *Sein und Zeit* está o discurso de “*Wiederholen*”. Isso não quer dizer o trazer semelhante do sempre igual, mas: vir ou ir buscar/procurar, recolher, reunir o que se oculta nos antigos. [...] A atenção sobre os vestígios que remetem o pensar para o domínio de sua fonte.⁷⁵

Buscando, então, deixar entrever essa fonte que ficou esquecida pela Tradição Metafísica pode-se adentrar na ambiência sustentadora de todo e qualquer discurso, seja ele metafísico ou não. O entreluzir dessa fonte se dá enquanto esse movimento de “ir buscar, procurar novamente” o que não foi entreluzido. Dessa maneira, o discurso a partir do horizonte dessa busca deixa entrever o próprio jogo referencial oscilante do Ser enquanto Linguagem. Há, aqui, um jogo entre o dito e o não dito, entre “primeiro início” do pensamento e “outro início”. Este enigma não pede uma resolução por uma das opções. Resolvê-lo é, antes de tudo, não deixar o Ser ressoar no seu jogo referencial oscilante, ou seja, é não deixar o Ser ressoar na sua Verdade. Se o que se busca é o “entre”, o espaço de proximidade↔distância Ser↔Ente↔*Dasein*, o pensamento que intenciona deixar isso ressoar deve também se manter no “entre”. No entanto, é necessário um alerta, um resguardo. Heidegger deixa vislumbrar que não há garantias de que nesse “ir buscar, procurar novamente” a fonte será necessariamente entrevista em uma tonalidade diferente da dos gregos. Quer dizer: voltar à Tradição buscando entrever a fonte é fazer o movimento de volta à origem, buscando esse jogo mais originário. No entanto, a tonalidade do discurso que deixará ressoar esta volta é tão importante quanto o movimento. É justamente aqui que não há uma garantia de confluência. O *wiederholen* é este movimento de volta a origem, mas o discurso dessa volta pode ou não ser metafísico. Não basta habitar o “entre” e, assim, entrever a necessidade do ressoar da Verdade do Ser. É necessário um habitar enquanto fazer, lembrando que fazer aqui se dá na tonalidade de um “deixar ressoar”. A partir do momento que o que difere o discurso metafísico do ressoado no “outro início” do pensamento é uma

⁷⁵ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 130-131.

questão de tonalidade, a linha entre ambos se deixa entrever como tênue. Com isto, percebe-se o quão próximos estão os discursos ao passo que se distanciam quando um deixa a fonte ressoar no seu jogo e o outro não. No entanto, sob o domínio da presença e do presente, o Homem já foi assaltado pela fonte, mesmo que ela não ressoe oscilante no seu discurso. Heidegger deixa entrever isso quando busca aquilo que sustenta a própria “manifestação” enquanto presença. Citando o pensador: “na proveniência da Manifestação dirige-se até o Homem aquilo para onde a duplicidade (*Zwiefalt*) de presença (*Anwesen*) e presente (*Anwesendem*) se abriga”⁷⁶. A partir do momento em que “o importante é entrever na sua proveniência essencial a manifestação enquanto essência da presença”,⁷⁷ a fonte sustentadora disso se deixa entreluzir. A presença do presente é somente uma tonalidade do jogo da “duplicidade”. Ela encobre o próprio movimento da “duplicidade” mas, mesmo assim, esse movimento já se ofereceu ao Homem. Novamente: para entrever esse encobrimento, é necessário habitar o “entre” do “outro início” e do “primeiro início” do pensamento. No entanto, mesmo não o deixando ressoar, o “entre” da “duplicidade” sustenta qualquer discurso. O Homem se dá enquanto Homem, pois justamente se coloca como a abertura escutante dessa “duplicidade”. Ela chega até ao Homem enquanto mensagem (*Botschaft*) “sem que o próprio Homem repare que já escuta (*hört*) esta mensagem”⁷⁸. Enquanto se dá na referência com o Ser tomando para si o *Dasein* como tarefa, o Homem “é necessitado (*gebraucht*) a escutar”⁷⁹ essa mensagem. Tomar o *Dasein* como tarefa é se colocar disponível para que essa mensagem ressoe através da sua própria atualização Homem. Para que haja esse ressoar, o Homem corresponde (*entsprechen*) escutando a mensagem da duplicidade. “Esta exige que o Homem corresponda a ela...”⁸⁰. Todo esse jogo de escuta, necessidade↔exigência e correspondência se dá na ambiência da “referência”. Ela é hermenêutica, “porque ela traz a notícia daquela mensagem”⁸¹. Essa referência traz consigo um duplo jogo de “necessitar” (*brauchen*) e trazer, apresentar (*beibringen*). Ao mesmo tempo em que o Homem é necessitado para que o Ser ressoe na sua Verdade, a atualização Homem, este apresentar do que é trazido, ou seja, o apresentar da mensagem da referência oscilante se dá enquanto Verdade desse “acontecimento essencial” do Ser. É nessa ambiência do “entre” que a própria essência da Linguagem habita e é a partir dela que o caminho para vislumbrá-la se dá.

⁷⁶ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 135.

⁷⁷ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 135.

⁷⁸ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 135.

⁷⁹ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 135.

⁸⁰ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 136.

⁸¹ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 136.

II. A Linguagem e sua essência.

A busca pela essência da Linguagem através do fazer sua experiência é entrevista por um caminho no qual a “mensagem” da referência hermenêutica oscilante constituinte do Ser é o guia. Voltar-se para a Linguagem não é voltar-se só para ela, mas para o lugar no qual Linguagem e Verdade do Ser se dão. Segundo Heidegger, no texto *Die Sprache*⁸² (*A Linguagem*) de 1950 da obra *Unterwegs zur Sprache*, “a Linguagem significa discutir, não tanto ela, mas nos levar para o lugar de sua essência: reunião (*Versammlung*) na *Ereignis*”⁸³. É neste lugar que o jogo entre Linguagem e Verdade do Ser se dá ressoando o “entre” da referência. Assim, essa referência traz consigo a mensagem desse “acontecimento essencial”, uma pré-compreensão ressoante “entre” Ser↔*Dasein*↔Ente. Correspondendo a essa mensagem, o Homem se dá enquanto tal, enquanto lugar do próprio ressoar do “acontecimento essencial” do Ser em sua Verdade. O caminho para o “outro início” do pensamento começa a ser trilhado e a Linguagem sob o domínio do discurso metafísico é transcendido. Tendo como guia a “mensagem” da referência hermenêutica, a busca pela essência da Linguagem se deixa entrever a partir do seu próprio falar (*Sprechen*). Essa mensagem se deixa entreluzir como o próprio falar da Linguagem. Tentar entrever “como” isto se dá é já percorrer o caminho da busca pela essência da Linguagem enquanto a caminho do “outro início” do pensamento. O Homem fala a Linguagem, ele está muito próximo dela a partir do momento em que fala uma língua. No entanto, tal proximidade também traz o risco de torná-la um objeto, de aprisionar a própria essência da Linguagem em um discurso Metafísico. Buscar a essência da Linguagem não é elaborar uma compreensão/interpretação/situação sobre a Linguagem que tenha valor universal para todas as línguas faladas no mundo. Não é buscar um denominador que deixe entrever o que há de comum em todas as línguas já sob o domínio da Metafísica. É deixar entreluzir o próprio “acontecimento essencial” da Linguagem enquanto ressoante da Verdade do Ser. Buscar a essência da Linguagem é levar o Homem para o lugar no qual ele já se dá, mesmo habitando tal ambiência através do discurso metafísico. É levar o Homem para o falar da Linguagem, para a origem do próprio “acontecimento essencial” da “referência hermenêutica” ressoante Linguagem. O movimento de *wiederholen* se deixa entrever aqui. Buscar o falar da Linguagem é buscar o que ficou esquecido, mas não aniquilado pela Tradição Metafísica.

⁸² HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 11-33.

⁸³ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 12.

Afinal, Homem fala onticamente, mesmo através de um discurso metafísico, porque corresponde à fala da Linguagem, à mensagem da referência hermenêutica oscilante constituinte do próprio “entre” Ser \leftrightarrow Dasein \leftrightarrow Ente. No texto citado acima, Heidegger indica essa referência entre o falar da Linguagem e o “refletir” (*nachdenken*) a Linguagem:

Portanto, refletir a Linguagem exige que nós entremos no falar da Linguagem para, através da Linguagem, do *seu* falar, não do nosso, acolher a morada. Nós apenas estamos dispostos (*gelangen*) no domínio que a Linguagem nos adjudica a sua essência a partir dele, dentro do qual se é bem sucedido ou também mal sucedido. Nós deixamos o falar à Linguagem. Nós nem queremos fundamentar a Linguagem a partir de outra coisa que não seja ela mesma, nem queremos explicar outra coisa através da Linguagem.⁸⁴

Esse trecho tem acenos muito importantes na busca pela essência da Linguagem. Além de compreender/interpretar/situá-la a partir do seu falar, dessa mensagem, ele também aponta para uma restrição. Essa delimitação, em uma primeira aproximação, parece colocar em xeque a referência até aqui compreendida/interpretada/situada. Esta seria: o jogo entre Verdade do Ser e Linguagem. No entanto, é justamente tal restrição que deixa entrever esse jogo na tonalidade do “outro início” do pensamento. No momento em que se busca a essência da Linguagem a partir dela mesma e não para explicar algo outro ou fundamentá-la a partir de algo outro, se está apontando para a tonalidade dessa busca. Referenciar Linguagem e Verdade do Ser a partir dessa restrição é, desde já, deixar entrever que ambas não se dão separadas mas, sim, se aproximam pela essência da Linguagem. O “acontecimento essencial” do Ser, ou seja, sua Verdade se dá quando a Linguagem se deixa ressoar enquanto Linguagem. Vislumbrar a essência da Linguagem é deixar entreluzir esse próprio acontecimento. Dessa maneira, ter como horizonte a Verdade do Ser não é buscar fundamentar a Linguagem e seu falar a partir de outra coisa. É, de maneira mais originária, entrever a própria essência da Linguagem, o seu próprio falar ressoante da Verdade do Ser.

O falar da Linguagem traz para o jogo uma dimensão ainda mais originária na qual Verdade do Ser e Linguagem se pertencem mutuamente, ou seja, a *Ereignis*. É a partir dela e com ela que o “ocorrer essencialmente” do Ser é entreluzido enquanto Linguagem \leftrightarrow Verdade. É a partir dela e com ela que o próprio Homem encontra o seu “ocorrer essencialmente” enquanto aquele mantenedor do jogo Linguagem \leftrightarrow Verdade do Ser. Habitando a essência da Linguagem, o Ser ressoa enquanto ressoa a *Ereignis*. Quando se busca por ela, torna-se imprescindível resvalar na própria Verdade do Ser. Isso se dá, pois, no jogo do “acontecimento essencial” da Linguagem enquanto ressoante da Verdade do Ser e da Verdade

⁸⁴ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 13.

do ser enquanto atualizada na Linguagem, a *Ereignis* se dá ressoante nesse movimento. O Falar da Linguagem deixa entreluzir a sua essência enquanto traz para o jogo a *Ereignis*.

Citando Heidegger:

A Linguagem é: Linguagem. A Linguagem fala. Quando nós nos deixamos cair nesse abismo (*Abgrund*) que nomeia essa frase, nós não caímos em um caminho vazio. Nós caímos na altura. Cujas altivez abre uma profundidade. Ambas atravessam (*durchmessen*) um lugar no qual nós queremos nos sentir como em casa para encontrar a morada para a essência do Homem. [...] Refletir a Linguagem significa: estar disposto (*gelangen*) de um modo no falar da Linguagem que *ereignet* como o que concede a Morada à essência dos Mortais.⁸⁵

Com isso, percebe-se que a busca pelo fazer uma experiência com a essência da Linguagem é fundamentalmente o fazer uma experiência com a referência constituinte do “entre” Ser↔*Dasein*↔Ente à luz do movimento da *Ereignis*. Experienciar a essência da Linguagem, deixando com que isso ressoe, é deixar o próprio Ser ressoar na sua Verdade embebido do movimento da *Ereignis*.

Para que a busca pela essência da Linguagem enquanto o fazer sua experiência se deixe entrever, é necessário, então, começar pelo lugar no qual a própria Linguagem ressoa, ou seja, a palavra. Segundo Heidegger, em um outro texto seu intitulado *Das Wort*⁸⁶ (*A Palavra*), de 1958 da obra *Unterwegs zur Sprache*, a palavra é o lugar no qual o próprio “acontecimento essencial” da essência da Linguagem se dá. É claro que aqui a ambiência não é a Metafísica e a palavra não está sob o seu julgo. Para poder transcender a este domínio, o pensador chama para a busca a palavra poética. Ao longo das obras de Heidegger, ele chama para o jogo do pensamento poetas tais como: Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843), Georg Trakl (1887-1914) e Stefan George (1868-1933). Trazê-los para a busca pela essência da Linguagem não é querer reduzir a poesia a uma outra dimensão. É justamente por entrever a Verdade do Ser em uma tonalidade própria que trazê-los para cá é importante. Heidegger pontua isto na seguinte passagem:

A conversa verdadeira (*eigentliche*) com a poesia de um poeta é só o poetizante (*dichtende*): a conversação poética entre poetas. Mas também é possível e até necessário, de tempos em tempos, uma conversa do *pensar* com o poetas, mas concretamente por isso, porque ambos se apropriam (*eignet*) respectivamente em uma relação primorosa, ainda que diferente com a linguagem. [...] A conversação do pensar com o poetas busca provocar a *essência* da linguagem para que os mortais aprendam novamente a morar na linguagem.⁸⁷

⁸⁵ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 13-14.

⁸⁶ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 219-238.

⁸⁷ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 38.

Através do poetar (*dichten*), a palavra não se reduz somente à questão da presença mas, sim, se deixa entrever como o lugar ressoante do jogo entre presença↔ausência. Este jogo enquanto constitutivo do “acontecimento essencial” do Ser também se deixa entreluzir na essência da Linguagem. Essa dupla co-pertença tonal de jogo é também um índice da própria co-pertença entre Linguagem e Verdade do Ser. Dessa maneira, como a palavra a partir do poetar deixa entrever tal jogo, é importante trazê-la para dentro da busca por um fazer uma experiência com a essência da Linguagem. Pode-se dizer que ela é o ponto de contato mais ôntico, mais próximo do mundo já atualizado no qual o Homem se dá e está com os outros Entes e *Dasein(s)*. Partir dela é um primeiro passo em direção a uma dimensão mais originária, por assim dizer, mais ontológica. Enquanto o Homem já habita a essência da Linguagem e fala correspondendo ao falar dela, a palavra deixa entreluzir essa habitação. Se ela for metafísica, a palavra se fecha ao redor do domínio da presença. Se ela deixar ressoar o próprio “ocorrer essencial” da Linguagem, o “outro início” do pensamento está dando os seus primeiros indícios.

Justamente para tentar dar um “passo atrás” do próprio aprisionamento da palavra pela eterna presentificação da Metafísica, Heidegger traz para o “ocorrer essencialmente” da palavra aquilo que não é dito. A palavra, ao mesmo tempo em que mostra algo, traz algo a presença, faz algo alumiar, também resguarda um não-falado. Citando Heidegger: “a *jóia rica e delicada* é o “ocorrer essencialmente” (verbal) ocultado (*verborgene*) da palavra, o dizente invisível e a coisa enquanto coisa já nos oferece (*darreicht*) no não-falado (*Ungesprochenen*)”⁸⁸. Aqui, não se quer priorizar uma dimensão em detrimento da outra. Fazer tal escolha é cair novamente no registro da Metafísica. Mesmo porque o falado e o não-falado da palavra não se dão separadamente, mas em um jogo, deixando ressoar o próprio jogo referencial oscilante constitutivo do Ser. A partir do momento em que é um jogo, uma oscilação, privilegiar um em detrimento do outro é já não dar conta do “acontecimento essencial” de ambos. Justamente porque se dão em um jogo de comum-pertença de modo derivado, ôntico, se pode escolher um ou outro. No entanto, nem falado nem não-falado podem se tornar objetos destrincháveis quando se busca entrever o jogo referencial oscilante. Isto se dá porque ambos são tonalidades do mesmo jogo, se dão enquanto “entre” do “ocorrer essencial” da própria Linguagem ressoante atualizada da Verdade do Ser. Separar um do outro é novamente cair nos ranços da Metafísica e, ulteriormente, não deixar o Ser ressoar em sua Verdade.

⁸⁸ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 236.

A citação acima de Heidegger deixa entrever dois guias importantes na busca pela essência da Linguagem. A partir do falar da Linguagem, vislumbrar a sua essência se dá o jogo de falado (*Gesprochenen*) e do não-falado (*Ungesprochenen*). É justamente no “falado” que o “ocorrer essencialmente” do falar se deixa entreluzir. A partir dele, o falar não se consome ou termina, mas sim, permanece resguardado. No “falado”, a Linguagem é entreluzida apenas como o passado (*vergangen*) de um falar.⁸⁹ Enquanto passado, o “falado” deixa entrever o próprio jogo entre “não-falado” e “falado”. O falar resguarda essa oscilação na ambiência da palavra. No entanto, não é um “falado” qualquer, assim como não é uma palavra qualquer. É o falado e a palavra da poesia, do poeta. “Por conseguinte, o que se busca está situado no poético do falado”⁹⁰. “Puro falado é a poesia”⁹¹. Com este puro não se quer buscar algo insípido, mas sim, o falar mais originário da Linguagem, da sua essência. A Linguagem fala enquanto “ocorre essencialmente”. Ela diz o próprio jogo da sua essência em um falar. É justamente esse falar da essência da Linguagem, ou seja, a Linguagem da própria essência da Linguagem que se quer entrever aqui.

Para vislumbrar a palavra enquanto esta ambiência do jogo referencial oscilante constitutivo da essência da Linguagem ressoante da Verdade do Ser é necessário se voltar para o que Heidegger deixa entreluzir por “a jóia rica e delicada”. Esse é o segundo guia importante na busca aqui entrevista. Citando o Pensador:

Rica significa: abastado para o conceder (*Gewähren*), abastado em passar (*Reichen*), abastado em alcançar (*Erreichen*) e deixar chegar (*Gelangenlassen*). Mas essa é a riqueza da essência da palavra que leva a brilhar a coisa enquanto coisa no dizer, ou seja, no mostrar.

Delicada significa, segundo o antigo verbo *zarton*, o mesmo que: confiado (*vertraut*), alegre (*erfreuend*), cuidante (*schonend*). O cuidar é um passar e um liberar, mas sem vontade e força, sem obsessão e dominação.⁹²

A palavra é uma jóia rica e delicada enquanto se pode entrever o seu próprio jogo constituinte. Ao mesmo tempo em que faz uma coisa brilhar, ou seja, traz a presença, ela abre espaço para uma nova significação, para um novo dizer ainda “não-falado”. Ela é rica, pois traz à luz, ela é delicada, pois o sentido atualizado é fugaz. Este passa e é liberado para que um novo ressoar do jogo do “entre” possa ser atualizado. A própria coisa exige este “trazer à luz” para que ela se dê no seu “ocorrer essencialmente”: alumiar enquanto presença do presente. Citando Heidegger: “O reinar da palavra cintila enquanto a exigência/condicionante

⁸⁹ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 16.

⁹⁰ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 19.

⁹¹ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 16.

⁹² Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 236.

da coisa à coisa. A palavra começa a alumiar (*leuchten*) enquanto a reunião que leva o presente (*Anwesendes*) na sua presença (*Anwesen*)”⁹³. Assim, a partir do que foi, um novo “trazer à luz” pode acontecer a partir do próprio “acontecimento essencial” da essência da Linguagem ressoante da Verdade do Ser. A cada atualização, este jogo é resolvido em uma solução que vêm à luz. No entanto, ele não é aniquilado pela atualização. A oscilação se oculta para que a presença se dê e o “é” se alumie. Este movimento de retração da oscilação em cada atualização, em cada vir à luz é rico, pois permite que as coisas se dêem. Ao mesmo tempo é delicado e fugaz, pois serve como ponto de apoio para novas atualizações. O “é” tem este duplo aspecto: traz a coisa à luz, mas também é o sustentáculo liberador da ambiência do “entre” para novas atualizações possíveis. Sendo assim, o mais rico e delicado na palavra é o próprio jogo do “ocorrer essencialmente” que está ocultado nela. Ocultado porque o que se mostra na palavra é a presença. No entanto, a questão aqui é: a palavra a partir do poeta não só traz a coisa à luz, mas também deixa entreluzir nisso o jogo, a oscilação ocultada. A presença não é toda a possibilidade dizente do jogo referencial oscilante, da essência da Linguagem ressoante da Verdade do Ser. Cada atualização é um índice deste jogo, mas não todo ele. É justamente a palavra poética que faz sentir esta diferença entre “um” e “todo”. É justamente a palavra o guia em busca do falar da Linguagem enquanto falar da própria essência.

Dessa maneira, enquanto preserva um “não-falado” trazendo à luz a coisa, a palavra se dá nesta ambiência de Mistério. Ela o deixa ressoar enquanto o enigma dos enigmas insolúveis. Este jogo misterioso do “entre” é o que deve ressoar na palavra para que a Linguagem ressoe o seu “ocorrer essencialmente” enquanto Verdade do Ser. Não entrever este Mistério da palavra é não trazer a Linguagem à Linguagem, ou seja, ao seu “acontecimento essencial” mais próprio. Citando Heidegger:

É o não-recursar-se (*Sich-nicht-versagen*) ao Mistério da palavra, ao que é a exigência/condicionante (*Bedingnis*) da coisa (*Dinges*). [...] Permanece enquanto Mistério a distância (*Ferne*), enquanto Mistério de experienciar é a distância próxima. A solução dessa distância de tal proximidade (*Nähe*) é o não-recursar-se do Mistério da palavra. Para esse Mistério falta a palavra, ou seja, aquele dizer (*Sagen*) que pode levar a essência da Linguagem à Linguagem.⁹⁴

Compreender/interpretar/situar o jogo de “falado”↔“não-falado”, de presença↔ausência, de ocultar-se↔não-ocultar-se da palavra enquanto Mistério é deixar entreluzir o jogo de proximidade↔distância constituinte do Ser. De uma outra forma, mas falando do mesmo

⁹³ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 237.

⁹⁴ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 236.

jogo, a proximidade↔distância se deixa entrever enquanto a tonalidade do “acontecimento essencial” da palavra ressoante da essência da Linguagem. Ao mesmo tempo em que traz a coisa à presença, à luz, para a proximidade do atualizado Homem, atualizado neste jogo, a palavra resguarda uma distância, um “não-falado”, uma ausência. A palavra se dá neste jogo, mas para ele não há palavras. Dizer o que o jogo “é” é justamente não deixá-lo ressoar. Toda palavra já atualizada, independentemente se está tentando nomear o jogo ou não, já advém dele. Ela já é o espaço no qual o Mistério ressoa mesmo sem tentar dizê-lo. O inverso é verdadeiro: tentar dizer o Mistério diretamente é uma maneira de não o deixar entreluzir. Cada coisa que vêm à luz já se dá nessa experiência de Mistério sem necessariamente essa coisa falar do Mistério. Ela se dá a partir do Mistério e seu “acontecimento essencial” é o índice dele. Dizer o que o Mistério da palavra é, traz ambos para a ambiência da Metafísica. O jogo referencial oscilante do “entre” não é objeto do pensamento. O que se busca é o seu “como” a partir da essência da Linguagem ressoante da Verdade do Ser. O Mistério da palavra, da essência da Linguagem e da Verdade do Ser se faz sentir no próprio “ocorrer essencialmente” delas. Somente o ressoar do Mistério é entrevisto, assim como a palavra deixa ressoar através do “levar à luz” o não-falado, o jogo oscilante ocultado. É um discurso ressoante e não presentificante. Não se fala o que é esse jogo, mas como ele ressoa, preservando, assim, essa dimensão misteriosa, preservando o “entre” em sua oscilação. Aprisionar a palavra na simples presença é não deixar esse espaço entreluzir enquanto misterioso. Por isto, no “outro início”, a reserva é uma tonalidade fundamental tão importante. Na abertura para que esse espaço se dê sem uma imposição do tipo metafísico, ela pode ser entrevista enquanto misteriosa no seu “ocorrer essencialmente”. Não recusar o Mistério é abrir espaço para que os primeiros indícios do “outro início” do pensamento possam entreluzir. “Outro início” do pensamento no qual o poetar é um guia imprescindível. Não há recusa do Mistério, do jogo do “entre” da palavra poética, assim como não há a recusa do dizer. Enquanto “dizente”, o poeta se coloca nesse delicado, porque fugaz e rico, porque possibilitador jogo do “acontecimento essencial” da essência da Linguagem ressoante da Verdade do Ser. Citando Heidegger:

Na medida em que se recusou a renúncia do Mistério da palavra, o poeta guarda a jóia através da renúncia na memória (*Andenken*). Desse modo, a jóia torna-se o que o poeta enquanto um Dizente (*Sagender*) prefere em detrimento de todas as outras coisas, o que o poeta aprecia acima de todo o resto. A jóia torna-se propriamente a mais digna a ser pensada do poeta.⁹⁵

⁹⁵ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 236-237.

A palavra, enquanto “jóia mais digna de ser pensada”, é a ambiência na qual as coisas são nomeadas, ou seja, são trazidas à luz nesse jogo oscilante. Esse nomear (*nennen*) chama a própria fala da Linguagem, chama a sua essência para que nesse “nomear” um significado atualizado venha à luz enquanto ressoante do jogo referencial oscilante “entre”. Esse jogo de presença↔ausência, “falado”↔“não-falado” ressoa no “nomear” que é chamado (*Gerufenen*). Assim, a coisa é trazida na proximidade a cada vez que é nomeada e a essência mesma da Linguagem, a sua Linguagem da essência é chamada. A nomeação (*Ruf*) chama para cá (*herruft*) e para lá (*hinruft*) o jogo entre presença/”falado”/proximidade↔ausência/”não-falado”/distância. Quer dizer: a nomeação resguarda o próprio movimento do “entre” no qual habita a essência da Linguagem, no qual ela mesma se constitui. Neste espaço entreaberto pelo “*her*” e pelo “*hin*”, a essência da Linguagem é nomeada, ao mesmo tempo em que coisa e mundo também são.

Deve-se entender/compreender/situar “mundo” aqui a partir dos próprios acenos de Heidegger. Citando-o: “a palavra “mundo” não é agora mais usada no sentido metafísico. Ela não nomeia nem o universo representado secularmente da natureza e da história, nem nomeia a criação (*mundus*) representada teologicamente, nem se refere meramente à totalidade do presente (κόσμος)”⁹⁶. Mundo se deixa entrever enquanto a ambiência na qual a essência da Linguagem entreluz ressoante do Ser na sua Verdade, ou seja, do seu “acontecimento essencial”.

A palavra enquanto o lugar da chegada (*Ankunft*) da nomeação daquilo que é chamado deixa entrever o “é” como a ambiência na qual a ausência é abrigada pela presença. A palavra, enquanto ressoa esse jogo, se deixa entrever como ressoante da própria essência da Linguagem. A coisa é nomeada enquanto a própria essência da Linguagem também é. Nessa chegada, na palavra, a nomeação nomeante (*der Ruf nennende*) chama vir (*heißt kommen*). Com este jogo de “nomear”, “chamar” (*rufen*) e “chamar” (*heißen*), pode-se entrever um caminhar em direção ao próprio falar da Linguagem, a Linguagem da sua essência. A palavra nomeia enquanto “chama” a coisa à presença. No entanto, este “chamar”, *rufen*, menos originário porque mais próximo da atualização “é”, “chama” (*heißen*) o próprio jogo oscilante, o “entre” no qual a essência da Linguagem habita e se constitui. Este “chamar” *heißen* convida (*einladen*) as coisas à palavra, ou seja, elas se dão no “é” da palavra e deixam ressoar o movimento próprio da oscilação referencial. Elas deixam ressoar o próprio jogo entre ausência↔presença, proximidade↔distância, “falado”↔“não-falado”. Estas

⁹⁶ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 24.

coisas nomeadas (*genannten*) pela palavra enquanto chamadas (*gerufen*) ao “é” reúnem junto de si (*versammeln bei sich*) céu, terra, mortais e divino, ou seja, a *Geviert*⁹⁷. Este quadripartido, este “quatro” (*Vier*) se dá enquanto uma unidade originária de um *Zueinander*, ou seja, “um para com o outro mutuamente”. Quer dizer: quando a palavra que “nomeia” e “chama” traz à luz, traz a coisa ao é, essa coisa deixa ressoar o próprio jogo da diferença do “entre” na unidade originária da *Geviert*. Nessa diferença, um está para com o outro, um se constitui a partir do outro mutuamente. Eles não podem ser destrinchados ou separados totalmente. Estão sempre em uma referência, abrem a ambiência do “entre” no qual a essência da Linguagem se deixa entrever como ressoante da Verdade do Ser. Por isso, quando se volta para este espaço do “entre”, o *Zueinander* é importante. Através dele, a atualização possível da unidade originária *Geviert* é entrevista no seu jogo de comum-pertença. A diferença enquanto “ocorrer essencialmente” naquilo que lhes é próprio “céu, terra, mortais e divino” só se deixa vislumbrar a partir do momento em que um está para com o outro, a partir do outro, em um “mutuamente”.

As coisas são trazidas à luz pelo “nomear chamante” enquanto um deixar perdurar (*verweilenlassen*) a partir da *Geviert*. Esse deixar perdurar que reúne é a partir do qual as coisas se coisificam (*dingen*). Quando a palavra “nomeia” e “chama” (*rufen*) a coisa ao “é”, ela “chama” (*heißen*) também esta dimensão mais originária. O *heißen* é este chamar, mas não de trazer a coisa à palavra ainda que seja seu fomentador. É um “chamar” da própria essência da Linguagem ressoante através da *Geviert*. Hermeneuticamente, nenhum desses momentos se dão em uma disposição vertical do tempo. Não é como se existisse primeiro o “nomear”, depois o “chamar” (*rufen*) e posteriormente o “chamar” (*heißen*). Para que a essência da Linguagem seja entrevista no seu jogo, no seu movimento mais originário, é necessário aqui vislumbrar esse jogo do mais ôntico para o mais ontológico. É necessário entrever a “diferença ontológica”. No próprio “chamar e nomear” já está o ressoar do “chamar” enquanto (*heißen*). A palavra só pode trazer à luz, a coisa ao “é” enquanto “chama” (*heißt*) a

⁹⁷ Ao longo das obras de Heidegger, ele refere-se à *Geviert* de duas maneiras: (1) no texto *Die Sprache*, enquanto reunião de mortais, divinos, terra e céu (*Sterblichen, Göttlichen, Erde, Himmel*). HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 23; (2) no texto *Das Wesen der Sprache*, *Geviert* é entrevista enquanto reunião de Deus, Homem, terra e céu (*Gott, Mensch, Erde, Himmel*). Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 214. Uma possível compreensão/interpretação/situação para a mudança de termos é a questão da própria Tradição Metafísica. As palavras “Deus” e “homem”, além de trazerem consigo toda uma compreensão/interpretação/situação atrelada à Metafísica, deixam entrever menos o que Heidegger quer acenar aqui: o próprio movimento do “acontecimento essencial” da *Geviert*. Já as palavras “divinos” e “mortais” resguardam mais esse “ocorrer essencialmente”, ou seja, que suas divindade e mortalidade marcam o “acontecimento essencial” de ambos. No entanto, são apenas conjecturas e o relevante aqui é tentar buscar de que modo a *Geviert* está atrelada ao próprio “acontecimento essencial” da essência da Linguagem.

Geviert. Ela perdura no próprio “nomear e chamar” da palavra à luz, ao “é”. É este perdurar que torna possível a própria atualização da coisa ao “é”.

O Homem “nomeia” o mundo a partir do “é” chamado e nomeado pela palavra enquanto chamado (*heißen*) da *Geviert*. É a partir do ressoar desta unidade que as coisas se coisificam, vêm à palavra e, dessa maneira, o mundo se abre no “nomear” do Homem. Ao mesmo tempo, no “nomear” do Homem, as coisas nomeadas são no seu coisificar chamadas. Quer dizer: quando o Homem nomeia o mundo, as coisas vêm ao “é”, o coisificar delas se dá e a *Geviert* ressoa nessa atualização. Um ressoar que é entrevisto através de um perdurar, de um deixar perdurar pela palavra, pela ambiência que “nomeia e chama” a coisa no seu coisificar. É por isto que aqui se fala tanto em “ressoar”. Quando se quer entrever a essência da Linguagem, o “perdurar” é um outro guia dessa busca. O que se quer vislumbrar é o movimento da essência enquanto esta deixa entrever uma Linguagem própria. Se o que se quer é o movimento, não se pode tentar dizer o que ele é, mas sim deixar entreluzí-lo a partir do ressoar, do “como” ele perdura. A palavra, a coisa “nomeada e chamada” no seu coisificar deixa entrever o ressoar da unidade originária na qual o movimento da essência da Linguagem se dá enquanto Linguagem desta essência.

O mundo nomeado pelo Homem é o próprio índice do perdurar, do ressoar da coisificação da coisa. Trazida à luz pela palavra, a coisa deixa ressoar a *Geviert* enquanto desdobra o próprio mundo. Aqui há uma referência entre “mundos ontológico e ôntico”. O Homem, quando se volta para a busca da essência da Linguagem, parte da ambiência na qual já está, na qual ele se dá. Quer dizer: qualquer busca que queira entrever o mais originário parte do menos originário não para privilegiar um em detrimento do outro, mas para entrever justamente o “entre”. É nessa oscilação que a referência constitutiva de tudo que “é” e de tudo que possibilita o “é” se dá. Entrever a essência da Linguagem é voltar-se para esse “entre”, essa ambiência na qual o próprio diferenciar se deixa entreluzir. É necessário também ressaltar que dizer “mundos ontológico e ôntico” não é colocar essa busca dentro de uma espécie de graduação. Só seria gradual se essas diferenças tonais fossem passíveis de separação, de um destrinchar. Como elas se dão em um jogo mútuo, suas diferenças tonais se deixam entrever enquanto uma questão de “um” e “o”. O mundo atualizado ôntico é uma possibilidade do “acontecimento essencial” das referências ontológicas, mas não toda possibilidade. O “é”, a dimensão mais ôntica já atualizável necessita em seu “acontecimento essencial” de todo esse jogo mais originário. Mesmo quando a palavra se dá sob o domínio da Metafísica, ela advém desse jogo. O mundo nomeado pelo Homem é desdobrado a partir do “nomear e chamar” da coisa à sua coisificação. É porque a coisa perdura enquanto coisificada

através do “é” da palavra que o mundo se desdobra. Dessa maneira, as coisas coisificadas suportam (*tragen aus*) o mundo nomeado pelo Homem, pois o nomear da palavra as nomeia e as chama no seu “acontecimento essencial”. Suportar (*austragen*) aqui não no sentido de que o mundo é construído sobre deste jogo de coisa e coisificação. Não é um suportar como de uma casa construída em cima de uma rocha. Suportar deve ser entrevisto no sentido de um gesto (*Gebärde*). O Homem se deixa vislumbrar como o suportador da abertura mundo ao nomeá-lo pela palavra. Esta traz a coisa no seu coisificar enquanto possibilita o gesto de mundo. O Homem não o cria, nem o projeta, mas é o mantenedor da abertura na qual a essência da Linguagem na unidade da *Geviert* pode se dar ressoando abertura mundo↔coisa chamada, nomeada e gesticulada. Citando Heidegger:

Assim como o chamar (*Rufen*) que nomeia as coisas, as chama para cá e para lá, então o dizer (*Sagen*) chama nela mesma para cá e para lá que nomeia o mundo. Ele confia (*traut*) mundo às coisas e abriga, ao mesmo tempo, as coisas no brilho do mundo. Este concede (*gönnt*) as coisas na sua essência. As coisas gesticulam Mundo. Mundo concede as coisas.⁹⁸

O Homem é o mantenedor da abertura na qual a palavra “nomeia e chama” a coisa ao “é” deixando ressoar e perdurar a *Geviert* enquanto coisificar. Essa abertura só se dá porque a coisa foi nomeada e chamada ao “é”, porque a *Geviert* perdurou no coisificar da coisa enquanto chamada (*heißen*) pela atualização da palavra. É justamente o jogo entre coisa, mundo e chamar (*heißen*) que deixa entrever a mensagem referencial oscilante que chega à palavra. Dessa maneira, a própria essência da Linguagem se deixa entreluzir como ressoante desta referência hermenêutica. Ela se deixa entrever como um modo dessa referência e esse modo é a própria mensagem, hermenêutica, que o Homem escuta e com a qual se corresponde ao falar. Fazer uma experiência com a essência da Linguagem é já fazer uma experiência com esta mensagem referencial oscilante hermenêutica. Para vislumbrar esse movimento, essa oscilação enquanto a própria fala da Linguagem, é necessário se voltar para a intimidade (*Innigkeit*). Mundo, coisa e chamar (*heißen*) deixam entrever a ambiência do próprio “entre” nomeado por Heidegger de “intimidade”. Esta se volta para o *Mitte*, ou seja, o meio no qual um co-pertence ao outro em um jogo referencial oscilante. Esse próprio jogo se dá neste *Zueinander*, nesta comum-pertença. Esse “meio” se deixa entrever enquanto unido (*einig*). Este unido se dá enquanto íntima (*innig*). Dessa maneira, a ambiência desse “entre” entreluz enquanto uma *Innigkeit*, ou seja, uma “intimidade”. Não há, aqui, uma contração entre mundo e coisa e nem uma união. Da mesma forma, um não está ao lado do outro como se fossem em

⁹⁸ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 24.

si. O jogo ressoante da “intimidade” é justamente a oscilação entre a proximidade↔distância. Este jogo é entrevisto na palavra quando essa traz a coisa à luz no seu coisificar concedente de mundo. No entanto, esse jogo da palavra resguarda um “ocorrer essencialmente” entre ausência↔presença. Esse resguardar ressoante na palavra tem sua condição de possibilidade nesta dimensão da “intimidade”. A coisa “é” e faz perdurar a *Geviert* enquanto deixa ressoar esse jogo mais originário da “intimidade”, da dimensão aberta nessa oscilação, lembrando que a própria abertura já se dá nessa oscilação do “entre”. Mesmo quando a coisa “é” nomeada e chamada no seu coisificar, a “intimidade” ressoa como a condição de possibilidade de toda atualização “palavra”. A coisa só “é” porque corresponde à fala da Linguagem, a essa mensagem da referência oscilante ressoante da abertura enquanto “intimidade”. Segundo Heidegger:

Os dois modos [mundo e coisa] do chamar (*heißen*) são segregados, mas não separados. Mas eles também não estão apenas acoplados um ao outro. Então, mundo e coisa não subsistem um ao lado do outro. Eles traspassam um ao outro. Com isso, os dois atravessam um meio (*Mitte*). Nisto, eles estão unidos (*einig*). Então, enquanto unidos, eles são íntimos (*innig*). O meio dos dois é a intimidade (*Innigkeit*). A nossa língua nomeia o meio de dois de entre (*Zwischen*). A língua latina diz: inter. A isto corresponde o alemão “*unter*”. A intimidade de mundo e coisa não é nenhuma fusão. Intimidade apenas reina (*waltet*) onde o íntimo (*innige*) mundo e coisa permanece puro, segregado (*geschieden*) e se segrega (*sich scheidet*). No meio dos dois, no entre de mundo e coisa, no seu inter, neste *Unter-*reina o que segregou (*Schied*).⁹⁹

Entra na busca pela essência da Linguagem a *Unter-Schied*, ou seja, a “diferença”. Esta se deixa entrever como necessária ao próprio “acontecimento essencial” da ambiência na qual jogam “intimidade” e “diferença”. Essa ambiência deixa entreluzir o jogo de proximidade↔distância enquanto unidos↔íntimos↔meio. A proximidade↔distância só pode se dar enquanto ressoa do jogo dimensional entre “intimidade” e “diferença”. A abertura dessa dimensão ressoa enquanto tonalidade proximidade↔distância e esta se dá enquanto índice ressoante da própria abertura. Desse modo, “intimidade” oscila “diferença” e “diferença” oscila “intimidade” na abertura dessa ambiência na qual a essência da Linguagem se dá. O meio no qual a “intimidade” se deixa entrever não é algo à parte em referência à “diferença”. Enquanto “intimidade”, o meio deixa entreluzir “diferença” e não algo exterior trazido para o jogo. A oscilação entre “intimidade” e “diferença” se dá enquanto dimensão. Essa dimensão faz jogar unidos↔íntimos↔meio a partir do qual a tonalidade proximidade↔distância ressoa. O jogo que vem à palavra se deixa entrever enquanto

⁹⁹ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 24.

ressoante de um outro mais originário. Mundo e coisa enquanto se dão nesse jogo de proximidade↔distância deixam ressoar o próprio jogo dimensional de “intimidade” ↔ “diferença”. Esse jogo mais originário diz através da mensagem da referência oscilante o próprio modo do “ocorrer essencialmente” de mundo e coisa. Um se dá para com o outro mutuamente, compartilham o mesmo solo, mas resguardam suas diferenças. Esse modo de tonalizar a abertura é o modo mesmo da essência da Linguagem enquanto Linguagem da essência¹⁰⁰. A busca por esta Linguagem, pela sua fala enquanto Linguagem da essência caminha em direção não só ao modo de tonalizar a abertura, mas daquilo que a fomenta. Fazer uma experiência com essa essência é fazê-la a partir da ambiência fomentadora do próprio modo do Homem se dar no mundo com as coisas e os outros. É fazer uma experiência deixando este “ocorrer essencialmente” ressoar no jogo do “primeiro início” e “outro início” do pensamento.

A partir deste horizonte, deixa-se entrever que a ambiência oscilante aberta pelo jogo de “intimidade” e “diferença” se dá enquanto o próprio lugar do diferenciar. Para que mundo e coisa se deixem entreluzir naquilo que lhes é próprio, é necessário o jogo entre proximidade e distância. Assim, ambas se dão enquanto modo de referência deixando entrever a própria oscilação mundo e coisa. A palavra traz o “é” às coisas e estas coisificadas suportam enquanto acenam o mundo. Um só pode acenar o outro deixando ressoar a dimensão “intimidade”↔“diferença” enquanto mensagem da referência oscilante hermenêutica, deixando ressoar a essência da Linguagem. Quando o Homem fala correspondendo-se ao falar da Linguagem, ele fala a partir dessa dimensão enquanto mensagem da referência oscilante hermenêutica. O modo da abertura constituinte de mundo e coisa se dá em uma correspondência a essa mensagem, ao modo que ela traz advindo do próprio “ocorrer essencialmente” dimensional. O Homem fala em um escutar correspondente dessa mensagem da “intimidade” e “diferença” que ressoa enquanto o jogo proximidade↔distância. Isso se dá porque a própria tonalidade proximidade↔distância já se deixa entreluzir enquanto uma correspondência ressoante ao modo no qual a abertura dimensional se deu. Não são dois pares tonais ou modais, mas um jogo no qual proximidade↔distância já se deixa vislumbrar como uma possibilidade da dimensão “intimidade”↔“diferença”. Assim, fundamentalmente, o Homem só fala porque escuta (*hört*) essa mensagem referencial oscilante resguardadora desse jogo.

¹⁰⁰ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 176.

Deve-se entrever, também, que o falar da Linguagem não se deixa entreluzir enquanto um diálogo, mas sim como um monólogo.¹⁰¹ Quer dizer: somente a Linguagem fala, pois só o seu falar carrega a mensagem da referência oscilante hermenêutica; e, enquanto só ela que fala, ela o faz solitariamente. O Homem fala através de suas línguas enquanto corresponde a este falar da Linguagem. Ele “ocorre essencialmente” a partir do falar da Linguagem, escutando a mensagem do “ocorrer essencialmente” dela. Ele é um ressoar do próprio “acontecimento essencial” da Linguagem enquanto esta resguarda um modo, uma tonalidade no qual as coisas, o mundo e o Homem se dão. Somente porque a Linguagem fala solitariamente, o Homem pode ser entrevisto no jogo de proximidade↔distância com o “ocorrer essencialmente” da essência da Linguagem. Para que se vislumbre o “solitariamente” da Linguagem, é necessário já habitar o lugar do “entre”. Só se vislumbra o só porque ele não está tão só assim. A Linguagem fala só, fala enquanto mensagem ressoante proximidade↔distância no Homem, porque ele já se situa no horizonte do “acontecimento essencial” dela. Expressar esse jogo pela palavra “diálogo” é trazer para a busca um registro metafísico. Enquanto diálogo, seria de se supor que a Linguagem e Homem se dessem em si mesmos e, posteriormente, entrassem em relação. Enquanto monólogo, se quer acentuar a comum-pertença do “acontecimento essencial” de ambos. Quer-se deixar entreluzir o movimento essencial em comum constituinte de ambos. Um não se dá sem o outro. A atualização Homem é um corresponder dele ao falar da Linguagem enquanto que o próprio Homem atualizado é o índice do “ocorrer essencialmente” da Linguagem. Somente porque corresponde ao “acontecimento essencial” dela, o Homem pode se corresponder ao mundo e à coisa, ambos ressoantes da Linguagem da essência correspondida. A Linguagem fala e o Homem escuta o seu falar. Como ele escuta, se deixa entrever na sua própria atualização Homem.

A palavra que traz a coisa à luz é a ambiência na qual esse escutar correspondente se deixa entreluzir. Ela resguarda o “ocorrer essencialmente” da essência da Linguagem na atualização “é” quando o Homem corresponde escutando a fala oscilante da Linguagem. O falar oscilante se deixa entreluzir como a própria Linguagem da essência, como a própria Linguagem do “mundo ontológico”, como a própria Linguagem do “ocorrer essencialmente” do Ser. Na passagem seguinte, Heidegger assinala o que ele compreende/interpreta/situa como sendo o jogo entre *Unter-Schied*, ou seja, “diferença” e “intimidade”:

¹⁰¹ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 265.

A intimidade de mundo e coisa ocorre essencialmente (*west*) no que segregou (*Schied*) do entre, ocorre essencialmente na *Unter-Schied*. A palavra *Unter-Schied* foge agora ao usual e habitual emprego. O que a palavra *Unter-Schied* agora nomeia não é uma espécie de conceito para vários modos de diferenças (*Unterschieden*). Agora, a nomeada *Unter-Schied* somente é enquanto esta uma. Ela é única. A *Unter-Schied* aqui mantém separada de si o meio (*Mitte*) em direção ao e por meio do mundo e das coisas que estão unidos através do um para o outro mutuamente (*Zueinander*). A intimidade da *Unter-Schied* é o unificante do Διαφορά, do suporte através do suportante. A *Unter-Schied* suporta mundo no seu mundanizar (*welten*), ela suporta as coisas no seu coisificar (*dingen*). Ela os suporta um ao outro, portanto, suportante. A *Unter-Schied* não serve de medianeiro posterior como se ela juntasse mundo e coisas através de um meio trazido para cá. A *Unter-Schied* indaga mundo e coisas para sua essência somente enquanto o meio, no seu um para com o outro mutuamente, cuja unidade ela suporta.¹⁰²

Então, a partir disso se deixa entrever que *Unter-Schied*, a “diferença” não está sob o domínio da Metafísica, apesar de lhe ser a condição de possibilidade. Não estando apenas subjugada a um discurso metafísico, a “diferença” aqui não deve ser compreendida/interpretada/situada a partir da distinção sujeito↔objeto, mente↔coisa. “Intimidade” e “diferença” não são dois objetos que por estarem à mão podem ser colocados e retirados de uma relação. Elas não subsistem em si e aquém de todo posterior acontecimento mundo e coisa, suportando-os. Muito menos, nem “diferença” nem “intimidade” podem ser colhidos como resultantes da referência mundo e coisa. Não segue a lógica de que se ambos se dão em uma proximidade↔distância, logo o que os suporta também segue este jogo. Aqui, o “se...logo” não se deixa entrever enquanto regra desse jogo mais originário. A bem da verdade, toda lógica derivada e atualizada no “mundo ôntico” já é devedora dessa referência oscilatória mais originária. O Homem já se deixa entrever como o mantenedor escutante correspondente da abertura da Verdade do Ser enquanto Linguagem quando estabelece relações lógicas às coisas no mundo. A coisa já se coisificou suportada pelo jogo dimensional de “intimidade”↔”diferença” ressoante enquanto *Geviert* e, assim, ela pôde ser passível de uma apreensão lógica. O mesmo acontece com o mundo já que seu “ocorrer essencialmente” está em uma referência íntima e unida para com a coisa. Sobre a “diferença” e como não se deve compreendê-la/interpretá-la/situá-la, Heidegger pontua nesse trecho:

A palavra *Unter-Schied* não mais considera, portanto, uma distinção que é disposta primeiro através de nossa apresentar entre objetos. A *Unter-Schied* tampouco é só uma relação (*Relation*) que existe entre mundo e coisa de modo que ela possa verificar um apresentar (*Vorstellen*) que se encontra ali. A *Unter-Schied* não é retirada posteriormente de mundo e coisa como referência deles.¹⁰³

¹⁰² HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 25.

¹⁰³ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 25.

Ao mesmo tempo, o pensador continua no trecho abaixo a dar um aceno sobre como a “diferença” deve ser entrevista. Ele pontua: “A *Unter-Schied* para mundo e coisa *ereignet* coisas no acenar de mundo, *ereignet* mundo no conceder (*gönnen*) de coisas”.¹⁰⁴ Aqui, mais uma vez, a *Ereignis* é trazida à tona e seu movimento se deixa entrever a partir da própria oscilação da essência da Linguagem. No capítulo 3 dessa dissertação ficará mais claro o quão importante ela é para entrever não somente a busca pelo fazer uma experiência com a essência da Linguagem enquanto Linguagem da essência mas, também, como isso se deixa entrever a partir de uma tonalidade religiosa. Por agora basta apenas vislumbrar que o jogo de “intimidade”↔”diferença” advém enquanto ressoante do próprio movimento da *Ereignis*. Isso deixa entrever não somente o quão originário é esse jogo, mas também como deve ser vislumbrada a “diferença”. A partir da *Ereignis ereignet*, ou seja, a partir do movimento dela, “diferença” se deixa entreluzir “nem como uma distinção nem como uma relação”¹⁰⁵. A “diferença” aqui não é propriamente o que há de diverso entre mundo e coisa, mas sim o espaço no qual estas particularidades se deixam entrever. “Diferença” se deixa entreluzir enquanto a tonalidade do espaço aberto, da abertura na qual mundo e coisa se aproximam em uma distância. Mundo e coisa se dão no jogo de proximidade↔distância enquanto deixa ressoar a mensagem da referência oscilante da abertura dimensional “intimidade”↔”diferença”. Mundo e coisa são apenas atualizações correspondentes desse jogo entre “intimidade”↔”diferença”. A essência da Linguagem enquanto Linguagem da essência se dá nesse jogo e se deixa entrever a partir dessa dimensão aberta tonal. Citando Heidegger:

A *Unter-Schied* está para mundo e coisa na mais alta dimensão de queda (*Fall Dimension*). Mas “dimensão” nessa queda também não quer dizer mais um distrito simplesmente dado para onde se estabelece isto ou aquilo. A *Unter-Schied* é a dimensão na medida em que ela (a *Unter-Schied*) mede mundo e coisa naquilo que lhes é próprio. De início, o medir dela abre o separado e o um para com o outro mutuamente (*Aus- und Zu-einander*) de mundo e coisa. Tal abrir é o modo pelo qual, aqui, a *Unter-Schied* atravessa (*durchmißt*) ambos. Enquanto meio para mundo e coisa, a *Unter-Schied* considera a medida (*Maß*) de suas essências. No chamar (*Heißen*) que chama (*ruf*) coisa e mundo, é o chamado (*Geheißene*) propriamente: a *Unter-Schied*.¹⁰⁶

A partir do trecho citado acima, pode-se entrever não somente a referência mais originária entre “chamar” como *rufen* e “chamar” como *heißen* assim como o próprio “como” da “diferença”. Enquanto “dimensão de queda”, enquanto a mais alta, Heidegger deixa

¹⁰⁴ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 25.

¹⁰⁵ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 25.

¹⁰⁶ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 25-26.

vislumbrar essa abertura; abertura que é marcada não só por uma queda, mas também por uma altitude. Esse jogo entre queda e altura deixa ressoar a tonalidade própria da dimensão ressoante na proximidade↔distância. Mundo e coisa ressoam nas suas essências, nesse modo específico de proximidade↔distância quando são atravessados pela “diferença” nessa dimensão tonal. O modo como ela os atravessa se deixa ressoar pela própria medida das essências de mundo e coisa. Há um duplo jogo entre abertura e “ocorrer essencialmente”. O jogo de proximidade↔distância mundo e coisa é devedor dessa abertura oscilante medidora das suas essências. Proximidade↔distância é o modo no qual mundo e coisa se dão enquanto advém daquilo que lhes é mais próprio. O “como” que se abre é devedor do “ocorrer essencialmente” daquilo que se abre. O círculo aqui não é vicioso, pois o “como” pode sempre se dar de outro modo. O “ocorrer essencialmente” se dá no movimento e, enquanto tal, não é passível de apenas uma atualização modo, atualização tonalidade. O “como” da abertura advindo da medição das essências tem a possibilidade de se alterar a cada atualização da palavra no “é”. Cada instante atualizado chama a vir uma tonalidade, um modo do “ocorrer essencialmente”. Assim, o falar da Linguagem chega à palavra, mas cada chegada, em um instante, pode ou não se dar em uma nova abertura tonal.

Enquanto se dá como ambiência da essência da Linguagem, essa “dimensão de queda” se deixa entrever como Linguagem da própria essência. Compreende-se/interpreta-se/situa-se assim como isto se dá: a Linguagem da essência enquanto esse jogo referencial oscilante ressoante proximidade↔distância se deixa entrever enquanto medida da própria essência do Mundo e da coisa, medida do desdobramento do Ser na sua Verdade, no seu “acontecimento essencial”. Quando a palavra traz a coisa à luz no seu coisificar gesticulante de mundo mundanizado perdurando a *Geviert*, neste chamar (*rufen*) coisa e mundo, o que se deixa chamar (*heißen*) é a “dimensão de queda” enquanto “diferença”. A palavra resguarda o “ocorrer essencialmente” enquanto chama coisa e mundo para a “diferença” dimensional chamada (*Geheißene*).

Para que o falar da Linguagem seja entrevisto, é necessária a busca por este jogo entre chamar como *rufen* e chamar como *heißen*. Entrevendo o falar da Linguagem, pode-se deixar entreluzir a própria essência da Linguagem enquanto Linguagem da essência. Esta Linguagem traz um modo todo próprio de “acontecimento essencial”. Ela se deixa entrever como o ressoar da medição das essências de mundo e coisa que se dão nessa abertura dimensional oscilante. A própria abertura permite que aquilo que é próprio ao mundo e à coisa se dê. Essa oscilação singulariza tudo que ali se atualiza ao mesmo tempo em que

singulariza a própria abertura em um modo, em uma tonalidade. Quando mundo e coisa vêm à palavra, a “diferença” é chamada enquanto dimensão da medição daquilo que lhes é próprio. A “diferença” expropria (*enteignet*) mundo da coisa e coisa do mundo. Naquilo que lhes é próprio, mundo e coisa repousam um no outro enquanto uma unidade ainda não entrevista no jogo proximidade↔distância. A “diferença”, ao seu modo de silenciar nutrindo (*Stillen*), desobriga mundo de demorar-se (*verweilen*) coisa e coisa de demorar-se mundo. Isto quer dizer: ambos se dão um com o outro mutuamente enquanto são atravessados pelo modo silenciador nutridor da “diferença” e, assim, o jogo referencial oscilante de proximidade↔distância ressoa. Com isso, a abertura se tonaliza nessa oscilação enquanto esta é índice da abertura e a “diferença” se deixa entrever como essa dimensão na qual a “intimidade” é chamada, na qual o próprio diferenciar se dá como jogo de proximidade↔distância. Heidegger indica essas referências na passagem abaixo:

O chamar (*rufen*) originário que chama vir a intimidade de mundo e coisa é propriamente o chamar (*heißen*). Esse chamar (*heißen*) é a essência do falar. No falado (*Gesprochenen*) da poesia ocorre essencialmente o falar. Ele é o falar da Linguagem. A Linguagem fala. A Linguagem fala no momento quem que ela chama vir o chamado (*Geheißene*) coisa-mundo e mundo-coisa no entre da *Unter-Schied*. [...] O chamar (*heißen*) da Linguagem encomenda à ordem (*Geheiß*) da *Unter-Schied* o seu chamado em tal modo. A *Unter-Schied* deixa repousar (*läßt beruhen*) o coisificar da coisa no mundanizar do mundo. A *Unter-Schied* expropria (*enteignet*) a coisa no repouso da *Geviert*. Tal expropriar não rouba nada da coisa. Ele dispensa a coisa naquilo que lhe é próprio: que a coisa demore-se mundo. O silenciar/nutridor (*Stillen*) está abrigado no repouso. A *Unter-Schied* silencia/nutrindo a coisa enquanto coisa no mundo.¹⁰⁷

Se a “diferença” silencia/nutrindo mundo e coisa, é necessário, aqui, se voltar para este movimento “silenciar nutridor”. Através dele, o jogo entre proximidade↔distância se deixa entrever enquanto “acontecimento essencial” tonalizado de mundo e coisa. A palavra os chama (*rufen*) naquilo que lhes é próprio enquanto chama (*heißen*) a própria “diferença” silenciadora nutridora. No entanto, o “silenciar nutridor”, enquanto condição de possibilidade do modo tonal proximidade↔distância, deixa entreluzir a própria *Ereignis*. Há aqui, no “acontecimento essencial” do falar da Linguagem enquanto Linguagem da essência o ressoar da *Ereignis*. Seu movimento se deixa entrever enquanto “silenciar nutridor” através do qual a própria “diferença” é chamada ao jogo com a “intimidade”. Assim, abre-se a dimensão na qual proximidade↔distância se deixa entrever como o modo do “ocorrer essencialmente” tanto de coisa, quanto de mundo. Essa abertura se dá enquanto movimento (*Be-wägung*) oscilante entre mundo e coisa possibilitado pelo próprio “silenciar nutridor” da “diferença”.

¹⁰⁷ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 28-29.

Sem o movimento, a abertura não se daria e mundo e coisa não chegariam até a palavra. Deixar o próprio movimento ressoar na palavra através do “é” é um dos caminhos em direção ao salto para o “outro início” do pensamento. Citando Heidegger:

Entretanto, tal silenciar nutridor se *ereignet* apenas no modo que cumpra, simultaneamente, a *Geviert* do mundo o gesto da coisa a tal ponto que o silenciar nutridor concede satisfação à coisa para demorar-se mundo. A *Unter-Schied* silencia nutrindo duplamente. Ela silencia nutrindo quando deixa repousar a coisa na graça de mundo. Ela silencia nutrindo quando deixa satisfazer o mundo em coisa. No duplo silenciar nutridor da *Unter-Schied* se *ereignet*: o silêncio nutridor (*Stille*).¹⁰⁸

Através disso, entra em jogo, então, uma palavra-chave que soa bem estranha. Seu sentido corrente, comum não é preservado e ela é torcida semanticamente. Isto se deve, pois, à própria busca pela essência da Linguagem enquanto Linguagem da essência, enquanto falar da Linguagem perpassa caminhos nunca antes entreluzidos. A Metafísica parte deles, mas não os deixa ressoar no seu discurso. Então, aqui se pode entrever mais radicalmente que esta incapacidade advém da própria coisa a ser dita. Como deixar entreluzir o movimento do “acontecimento essencial” da Linguagem se a palavra resguarda a ausência e traz à luz a presença? A palavra não deixa de “ocorrer essencialmente” assim. O que se vislumbra aqui é apenas uma diferença tonal: toda presença já resguarda o jogo do “ocorrer essencialmente” e ela não é um “em si” que diz toda a essência. Essa mudança de postura, essa reserva a respeito do que se diz sobre o “mundo ontológico” é justamente o que é necessário para se saltar no “outro início” do pensamento. Dessa maneira, como não habita a ambiência da Metafísica, silenciar nutridor (*stillen*) ou silêncio nutridor (*Stille*) deve ser compreendido/interpretado/situado aquém, mais originariamente a toda distinção entre soar e não soar. Estando aquém dessa diferença já atualizada entre som e não-som e, justamente por isso, “ela (*Stille*) de nenhuma maneira é apenas o silêncio”¹⁰⁹. O que se deixa entrever com essa palavra não é a falta, o preenchimento de som ou o total silêncio, mas sim o próprio modo pelo qual a “diferença” chamada deixa ressoar mundo no seu mundanizar e coisa no seu coisificar. O jogo dimensional de “intimidade” e “diferença” silencia nutrindo coisa e mundo assim como a própria abertura na qual eles se dão também é silenciada nutrida. Dessa maneira, o “silêncio nutridor” ou o seu movimento “silenciar nutridor” se deixa entrever mais a partir do “repouso” (*Ruhe*). Coisa e mundo se dão em um jogo no qual um repousa no outro. A partir disso, um se aproxima do outro enquanto distância e se distancia aproximando. Este repouso

¹⁰⁸ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 29.

¹⁰⁹ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 29.

não é um *Reglose*, um imóvel, apesar da imobilidade ter sua essência aí, no repouso. A Linguagem da essência se deixa entrever como esse jogo referencial oscilatório entre “ocorrer essencialmente” de mundo e coisa chamados naquilo que lhes é próprio quando a “diferença” chamada os silencia nutrindo. Todo esse acontecimento é mais rico em movimento do que qualquer outro atualizado no “mundo ôntico”. Rico no sentido de que é este movimento a condição de possibilidade de qualquer outro derivado.

A partir disso, pode-se entrever, então, que o movimento referencial oscilante entre mundo e coisa no chamado (*heißen*) da *Unter-Schied* e trazido à luz no chamar (*rufen*) da palavra é o ressoar, ou como nomeia Heidegger, “é o soar enquanto soado” (*Läuten als das Geläut*). É isto que soa quando a palavra chama (*rufen*) mundo e coisa ao “é”. Dar-se-á o próprio jogo “diferença” chamada para o “meio” da “intimidade” no modo do silêncio nutridor ressoado enquanto proximidade↔distância. Esse movimento soante de proximidade↔distância já atualizado deixa entreluzir um jogo mais originário que soa nesse chamar (*rufen*) da palavra. “Cada palavra do falar dos mortais fala a partir de tal escuta e enquanto esta”¹¹⁰. O Homem enquanto Mortal fala quando se corresponde (*entspricht*) ao falar da Linguagem, à Linguagem da essência. “A Linguagem fala. Seu falar chama vir (*kommen heißt*) a *Unter-Schied* que expropria mundo e coisa na simplicidade de sua intimidade”¹¹¹. “O Homem fala na medida em que ele corresponde à Linguagem. O corresponder é escutar (*hören*). Ele [o corresponder] escuta na medida em que pertence ao chamado do silêncio nutridor”¹¹².

Esse movimento da própria Linguagem da essência se deixa entrever enquanto essência da Linguagem, enquanto “ocorrer essencialmente” dela a partir do que Heidegger nomeia de *Sage*, ou seja, o Dito¹¹³. A essência da Linguagem se deixa entrever como ressoado do próprio movimento da essência no qual jogam proximidade↔distância, “intimidade”↔“diferença”. Aqui, tanto movimento (*Be-wägung*) e movimentar (*be-wägt*) quanto proximidade e distância se deixam entrever a partir de uma tonalidade já atualizada de tal modo de abertura. O jogo entre elas já se dá enquanto um modo de abertura. O “mundo ontológico” é marcado por essa referência oscilante hermenêutica. A essência da Linguagem se deixa entreluzir, então, como uma atualização da atualização. É claro que uma não se dá sem a outra e, por isto, é de suma importância a busca pela essência da Linguagem. Ela ressoa

¹¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 32.

¹¹¹ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 32.

¹¹² Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 33.

¹¹³ Tradução para a língua português da edição francesa na qual encontra-se a palavra-chave *La Dite* enquanto *Sage*. HEIDEGGER, Martin. *Acheminement vers la parole*. 1. ed. Paris: Gallimard, 1976. p. 133.

o “ocorrer essencialmente” da essência, do “mundo ontológico”, do Ser na sua Verdade. A Linguagem da essência é mediada pela própria essência da Linguagem. Assim, o Homem se deixa ressoar nesse jogo e corresponde a ele quando fala. Correspondendo, ele deixa entreluzir a Linguagem da essência e, então, ele corresponde ao mundo e à coisa entreluzidos nesse jogo. O que se quer entrever aqui é a fugacidade da atualização essência da Linguagem enquanto uma possível atualização da Linguagem da essência. Como foi esta, poderia ser qualquer outra e não há garantias de sua continuidade neste modo e nesta tonalidade. Nem mesmo a abertura na tonalidade proximidade↔distância está resguardada por uma garantia. Mesmo porque, nesta dimensão mais originária, garantias e não garantias lhes são derivadas. A partir disso se deixa entrever como cada atualização é uma e não toda possibilidade de deixar entreluzir essa essência, de deixar entreluzir o Ser na sua Verdade. A Linguagem fala quando ressoa este movimento da essência, quando a *Sage* é o índice do próprio “ocorrer essencialmente” dessa essência. Ela se faz sentir através da atualização mundo e coisa na tonalidade proximidade↔distância ressoante da dimensão oscilante “intimidade”↔“diferença”. Como acena Heidegger, em duas passagens de seu texto intitulado *Das Wesen der Sprache* a respeito da *Sage*:

Sagen significa: mostrar, deixar aparecer, apresentar aclarante-ocultante-libertante de mundo.¹¹⁴

...nós nomeamos a *Sage*. Nela, nós suspeitamos a essência da Linguagem. *Sagen*, *Sagan* significa mostrar: deixar aparecer, pôr em liberdade, aclarante-ocultante apresentar o que nós nomeamos mundo. Aquilo que ocorre essencialmente na *Sagen* é o véu que se estende de mundo, é o aclarante-cobridor.¹¹⁵

Enquanto Linguagem da essência desse movimento instituidor do “mundo ontológico”, ela comunica uma mensagem que ressoa enquanto essência da Linguagem. A Linguagem comunica a mensagem da referência osciladora. Mundo e coisa vêm à palavra, ao “é” que deixa ressoar e resguarda o “ocorrer essencialmente” dessa essência enquanto deixa soar o próprio falar da Linguagem. Ela fala enquanto sua essência “ocorre essencialmente”. Esse movimento conflui com o próprio “acontecimento essencial” do Ser na sua Verdade. A Essência não deve ser compreendida/entendida/situada enquanto algo em si do qual tudo provém. Este registro é metafísico e trilhar os caminhos em direção à essência da Linguagem enquanto Linguagem da essência é saltar deste modo do pensamento ao “outro início”. Essência, aqui, resguarda esse movimento do próprio “ocorrer essencialmente”. É o

¹¹⁴ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 214.

¹¹⁵ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 200.

acontecimento do que é próprio, daquilo que aproxima e ao mesmo tempo difere, é o movimento da referência hermenêutica. A mensagem dessa referência é o jogo de proximidade↔distância que só pode ser entreluzido a partir do momento em que o pensamento busca entrever a essência enquanto “ocorrer essencialmente”.

A *Sage* se deixa vislumbrar enquanto a tonalidade reunidora de dois outros modos ressoantes do próprio jogo da essência: o pensar (*denken*) e o poetar (*dichten*). Pensar e poetar estão um para com o outro mutuamente enquanto deixam entrever o próprio movimento da referência oscilante proximidade↔distância ressoantes da dimensão “intimidade”↔“diferença”. Eles deixam entrever o falar da Linguagem da essência enquanto essência da Linguagem atualizado nesse jogo pensar↔poetar reunidos na *Sage*. Esse falar na tonalidade pensar↔poetar se deixa vislumbrar como o próprio Discurso (*rede*) da Linguagem. Enquanto ressoa o jogo referencial oscilante proximidade↔distância da dimensão “intimidade”↔“diferença”, pensar↔poetar se deixam entrever enquanto o discurso da Linguagem da essência enquanto essência da Linguagem. O Homem fala enquanto corresponde a esse falar da Linguagem, enquanto deixa ressoar na palavra esse Discurso do “entre” da essência da Linguagem enquanto Linguagem da essência. Aqui deve-se entrever que Discurso não é somente aquele já atualizado no “mundo ôntico”. Esse discurso atualizado é devedor dessa abertura discursiva do jogo referencial oscilante pensar↔poetar reunidos na *Sage*. Coisa e mundo “ocorrem essencialmente” na referência oscilante proximidade↔distância na dimensão “intimidade”↔“diferença”. Eles “ocorrem essencialmente” deixando perdurar tal jogo oscilante enquanto *Geviert*. Essa unidade reunidora é o índice da própria abertura no jogo entre tonalidade atualizada proximidade↔distância na dimensão “intimidade”↔“diferença”. A partir dela, o Homem pode discursar. A partir do Discurso da referência hermenêutica enquanto mensagem referencial oscilante, o Homem corresponde e, então, fala discursivamente. O que parece uma conseqüência lógica e até temporal linear, na verdade se dá em um instante. Cada atualização no “mundo ôntico” já traz consigo todo o ressoar do discurso do “entre” da essência da Linguagem. Se na obra *Sein und Zeit*, Heidegger entrevê o discurso de uma maneira derivada, aqui ele faz jogar as duas dimensões: o Discurso mais originário enquanto ressoante de pensar↔poetar a partir do qual o discurso ôntico entreluz ou não aquele mais originário.

Um outro modo de entrever a referência oscilante entre pensar↔poetar é a constante volta de Heidegger para a dimensão da poesia (*Dichtung*). Ele busca, através desta, a palavra que não somente traz as coisas e o mundo ao “é” mas, também, resguarda o “ocorrer

essencialmente” de ambos. Esse movimento em torno da poesia se deixa vislumbrar como necessário para pensar a própria essência da Linguagem. A *Sage* reúne pensar e poeitar. Buscá-la sem entrever esse jogo é não deixar vislumbrar o movimento do seu “ocorrer essencialmente”. É não vislumbrar o pensamento como aquela ambiência de reserva necessária para que a essência se dê. No texto *Der Weg zur Sprache*¹¹⁶ (*O caminho para a Linguagem*), de 1959 da obra *Unterwegs zur Sprache*, Heidegger acena:

Talvez nós possamos nos preparar um pouco para a transformação de nossa referência à Linguagem. A experiência poderia despertar: todo pensar do sentido é um poeitar, toda *Dichtung* é, porém, um pensar. Ambos pertencem um para com o outro mutuamente através do dizer (*Sagen*) que já aceitou o não aceitável porque é o pensamento (*Gedanke*) enquanto o agradecimento (*Dank*).¹¹⁷

Dessa forma, assim como “intimidade” e “diferença” não se deixam separar radicalmente, pensar e poeitar seguem esse rastro. Mesmo porque, eles se dão enquanto ressoantes atualizáveis do jogo “intimidade”↔“diferença”, abertura dimensional na qual mundo e coisa se dão naquilo que lhes é próprio, compartilhando um meio íntimo enquanto proximidade↔distância. Na dimensão aberta por esse jogo dimensional no qual se deixa entrever a tonalidade oscilante proximidade↔distância, a essência da Linguagem *Sage* “ocorre essencialmente”. Quando a Linguagem fala deixando ressoar esse “acontecimento essencial”, o movimento do jogo dimensional ressoante atualizado enquanto proximidade↔distância se dá abrindo caminho para o próprio entreluzir da essência da Linguagem.

A proximidade de pensar e poeitar não se dá porque ambos estão em uma vizinhança (*Nachbarschaft*), ou seja, próximos porque reunidos pela *Sage*. “Então quer dizer, vizinhança não gera proximidade, mas proximidade *ereignet* vizinhança”¹¹⁸. Aqui, volta o jogo dimensional entre “intimidade” e “diferença”. A “diferença” não fora reduzida ao sentido de uma distinção. Ela se deixou entrever como “a mais alta dimensão de queda” na qual mundo e coisa são chamados naquilo que lhes é próprio. Como pensar e poeitar são atualizações ressoantes do jogo dimensional “diferença”↔“intimidade”, a sua proximidade não pode ser reduzida a uma simples vizinhança. A proximidade↔distância do pensar e poeitar se deixa entrever como uma atualização possível do jogo dimensional já atualizado e ressoado enquanto proximidade↔distância. Enquanto modos da *Sage*, pensar e poeitar são atravessados pelo próprio “ocorrer essencialmente” da essência da Linguagem enquanto se movimentam

¹¹⁶ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 241-268.

¹¹⁷ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 267.

¹¹⁸ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 208.

naquilo que lhes é próprio. A proximidade se deixa entrever enquanto distância (*Ferne*) no próprio “acontecimento essencial” da essência enquanto reunidora de pensar e poeitar. Heidegger indica como se deve entender o movimento da proximidade na seguinte passagem:

Ela [a proximidade] é o movimentar (*Be-wëgen*) do cara a cara de um para o outro (*gegen-einander-über*). Nós nomeamos a proximidade na visão desse seu movimentante: a proximidade. [...] Aquilo que ocorre essencialmente da proximidade é o movimento do cara a cara de um para o outro das regiões da *Geviert* de mundo. Esse movimento é a proximidade enquanto a proximidade. [...] Então também a reserva é ainda um modo de volta e abandono no cara a cara de um para o outro.¹¹⁹

Este “cara a cara de um para o outro”¹²⁰ se deixa vislumbrar como ressoado do próprio movimento dimensional da “diferença”. Pensar e Poeitar se dão naquilo que lhes é próprio porque um traspassa o outro em um “meio” íntimo que deixa ressoar a proximidade↔distância deles. Este movimento próprio da proximidade que também chama a distância é nomeada de proximidade (*Nahnis*). A partir disto, coisa e mundo se dão enquanto ressoantes dos modos da essência da Linguagem, ou seja, pensar↔poeitar. Nesse “entre” mantido pelo jogo entre pensar↔poeitar, mundo e coisa se dão em uma comum-pertença enquanto a *Geviert* perdura. Mundo demora-se coisa/coisa demora-se mundo entreluzindo aquilo que lhes é próprio a partir da atualização “entre” pensar↔poeitar da atualização proximidade↔distância ressoante do jogo dimensional “intimidade”↔“diferença”. O “entre” é justamente essa abertura entrevista enquanto jogo dimensional referencial oscilante quando pensar↔poeitar reunido pela *Sage* deixa ressoar na *Geviert* perdurada a própria Linguagem da essência.

Nesse ressoar ou ainda soar, o falar da Linguagem, a mensagem dessa essência deixa entreluzir o próprio “acontecimento essencial” da Linguagem no movimento do “cara a cara de um para o outro” da *Geviert*: reunião de terra, céu, divinos/Deus e mortais/homem. A Linguagem se deixa entreluzir enquanto *Sage* a partir da *Geviert* no modo oscilante pensar↔poeitar reunido. Assim, a própria *Geviert* se deixa entrever nessa atualização proximidade↔distância ressoante do jogo dimensional da “intimidade”↔“diferença”. O Homem se dá enquanto o Mortal da *Geviert* quando corresponde ao falar da Linguagem, ao seu “acontecimento essencial” enquanto ambiência da Verdade do Ser. Dar-se enquanto

¹¹⁹ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 211-212.

¹²⁰ Tradução para a língua portuguesa da edição francesa na qual se encontra a expressão “*le vis-à-vis de l'un pour l'autre*” para traduzir *gegen-einander-über*. HEIDEGGER, Martin. *Acheminement vers la parole*. 1. ed. Paris: Gallimard, 1976, p. 196.

Mortal através da essência da Linguagem é se deixar entreluzir nesse acontecimento do próprio Ser em seu “ocorrer essencialmente”. É deixar o Ser ressoar na sua Verdade. Citando Heidegger:

A Linguagem nos chega enquanto a *Sage* da *Geviert* de mundo se mantendo, nós enquanto pertencemos aos mortais da *Geviert*, nós podemos apenas falar enquanto nós correspondermos à Linguagem. [...] O movimentante (*Be-wëgende*) que mantém as quatro regiões de mundo na proximidade mais própria de seu cara a cara de um para o outro se mantém na *Sage*, então, também a *Sage* confere o que nós nomeamos com a palavra minúscula “é” e então seu repetir (*nachsagen*). A *Sage* dá “é” no campo livre e ao mesmo tempo escondido de sua concebilidade (*Denkbarkeit*)¹²¹.

A *Sage* reúne junto de si, através dos modos pensar↔poetar, as quatro regiões da *Geviert*. Ressoando no “é” da palavra, o Ser encontra na Linguagem sua casa. Esta não é a essência da Linguagem, mas deixa entreluzir a proximidade↔distância entre Ser e Linguagem. Enquanto casa do Ser, a Linguagem se dá como o próprio acenar do Ser na sua Verdade. O “ocorrer essencialmente” de um se dá em uma co-pertença com o do outro. O Homem só é capaz de entreluzir o “ocorrer essencialmente” do Ser por conta dessa co-pertença. O Ser se dá a partir da Linguagem, da essência *Sage*. Somente porque ele a atravessa é que o pensamento pode tornar questão a própria Verdade do Ser. Apesar dessa co-pertença entre Linguagem e Ser, não dá para dizer que o Ser é Linguagem. Dizer isto é cair de novo no domínio da Metafísica. No entanto, a Linguagem se deixa entrever como modo e tonalidade do próprio “ocorrer essencialmente” do Ser.

A essência da Linguagem enquanto Linguagem da essência se deixa entreluzir no próprio abrigo da palavra. Essa mensagem da referência oscilante que a Linguagem fala, esse discurso da tonalidade atualizada proximidade↔distância do jogo dimensional “intimidade”↔“diferença” se deixa entrever enquanto movimento da própria essência da Linguagem. Ela se dá aí, a partir daí ela “ocorre essencialmente” tornando capaz o Homem de falar em uma correspondência. O Homem habita mundo, correspondendo a este mundo enquanto corresponde à Linguagem. O Homem entreluz o Ser na Linguagem correspondendo-se à sua Verdade. O Homem se dá enquanto mantenedor dessa abertura enquanto corresponde-se. Correspondendo-se, ele se dá naquilo que lhe é próprio e o “mundo ontológico” ressoa, a referência com o “mundo ôntico” se deixa entrever como “entre”. A partir dessa referência oscilante correspondente vislumbra-se o próprio jogo entre unidade e multiplicidade. As multiplicidades do “mundo ôntico” são devedoras desse movimento mais

¹²¹ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 215.

originário da essência da Linguagem enquanto Linguagem dessa essência. Neste “entre”, a unidade se deixa entrever na batalha de proximidade↔distância. É nessa batalha que habitam tanto Ser quanto a Linguagem. O “mundo ôntico” e sua multiplicidade de sentidos são devedores do “ocorrer essencialmente” do “mundo ontológico” nessa referência oscilante proximidade↔distância do jogo dimensional “intimidade”↔“distância”. A “dimensão de queda” deixa entreluzir a própria multiplicidade ressoante na *Geviert*, na quadratura a partir da qual o Homem pode falar “é” e a multiplicidade se dá. O “ocorrer essencialmente” do Ser enquanto sua Verdade, essa luta de se mostrar↔se ocultar, de deixar ressoar o “entre” se deixa entrever a partir dessa busca pela essência da Linguagem. A Linguagem é a casa do Ser e, assim, a palavra traz a coisa ao “é”. Nem tudo que é dotado de “é” no mundo ôntico questiona o seu próprio Ser. No entanto, para a palavra levar a coisa ao “é”, o Homem tem que corresponder ao falar da Linguagem ao mesmo tempo em que se volta para a Verdade do Ser. Como o “é” da palavra vai deixar essas referências ressoarem é o que difere “primeiro início” e “outro início” do pensamento. Resguardando na palavra o “entre” referencial oscilante, a Linguagem como casa do Ser se deixa entrever como índice da essência da Linguagem e não como sua essência. A partir dessa distinção consegue-se entrever o seguinte: é justamente por se dar enquanto casa do Ser que o Homem, correspondendo-se ao falar da Linguagem, pode colocar a questão sobre o sentido e a Verdade do Ser.

CAPÍTULO 3: *EREIGNIS* E LINGUAGEM

I. Filosofia da Religião

Quando se busca entrever a “essência da Linguagem enquanto Linguagem da essência” faz-se jogar duas dimensões: Filosofia e Religião. Elas falam a partir da mesma ambiência, mas não de igual modo. Isto quer dizer: ao conjugar essas duas dimensões, se pode não apenas vislumbrar o “acontecimento essencial” do Ser, mas também todas as referências originais fomentadoras disso. O poeta nomeia o Sagrado. De maneira semelhante, uma busca que não conjugue a dimensão religiosa não conseguirá entrever a questão do Ser em toda a sua essência. É próprio desta o jogo entre Sagrado, Fé e Mistério e não entrever como isto se dá, é não deixar com que ela ressoe em seu acontecimento mais próprio.

Um outro aceno aqui é dado a partir do próprio modo pelo qual a questão é guiada. Heidegger, buscando entrever a Verdade do Ser em seu “acontecimento essencial”, lança novas bases, aponta caminhos para um “outro início” do pensamento. Posteriormente chamado de “Hermenêutica ontológica”¹²², entrar por esse método é perceber que dimensões, tais como a religiosa, a ética ou a estética, são indissociáveis. Quando se busca entrever a questão do Ser em bases hermenêuticas, todas essas dimensões se deixam vislumbrar em seus “acontecimentos essenciais”. Elas se dão em uma unidade e buscar uma é, conseqüentemente, resvalar em outra. Mesmo assim, privilegiou-se aqui a dimensão religiosa. A intenção não foi supervalorizá-la em detrimento das outras. Escolher entrever a questão pela porta de entrada dessa dimensão é já, desde o início, estar atento para ouvi-la. Mesmo assim, não se pode perder de vista que tal escolha é só um guia e que, hermeneuticamente não há esta separação.

Um último aceno é necessário também: não se está buscando através do Sagrado, Fé e Mistério estipular um solo comum à todas as religiões sejam elas de matriz judaico-cristã ou não. Não se quer aqui assinalar se tal religião atualizada no mundo é ou não religiosa. No entanto, o que se busca é entrever o modo pelo qual tanto Sagrado, Fé e Mistério se deixam vislumbrar enquanto dimensão religiosa na habitação pela questão do Ser. Através da habitação desse espaço por meio da tonalidade religiosa, uma correspondência seja possível

¹²² RICOEUR, Paul. *Interpretação e Ideologias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 17-59.

entre o pensamento de Heidegger desdobrado hermenêutica e religiosamente e a compreensão/interpretação/situação de uma experiência religiosa atualizada no discurso das religiões dadas no mundo.

II. Ereignis

A procura pela essência da Linguagem levou a uma possibilidade ainda mais originária¹²³ e extrema: a Linguagem da essência. O dito de Heidegger, “a essência da Linguagem: a Linguagem da essência”¹²⁴ foi o guia deste caminho em busca do próprio dar-se do “mundo ontológico” através da Linguagem. Ela foi a porta de entrada para desvelar as profundezas da constituição referencial¹²⁵:

Homem ↔ Ente ↔ *Dasein* ↔ Ser

Esta dupla seta deve ser entrevista aqui enquanto:

o modo pensar ↔ poetar reunido na *Sage* ressoante da referência oscilante
proximidade ↔ distância no jogo dimensional “intimidade” ↔ “diferença”

Com a Linguagem, pode-se entrever o como da Verdade do Ser (*Wahrheit des Seyns*), ou seja, não o que ela é, mas o modo como ela se dá. No entanto, todos aqueles elementos constitutivos do dar-se da essência da Linguagem estão intimamente ligados a uma e por uma dimensão que lhes é não anterior, mas mais originária. É também em torno desse tom que está delimitada a *Kehre* no pensamento de Heidegger. Esta desemboca justamente na proposta de um “outro início” (*anderen Anfang*) para o pensamento ambientado na Verdade

¹²³ Nas obras de Heidegger entrevistas nessa dissertação, há uma distinção feita que deve ser aqui assinalada. O pensador utiliza quatro palavras distintas para nomear o jogo entre “originário, início, começo”. São elas: *Ursprung*, *Anfang*, *Beginn* e *Ansatz*. Na língua alemã cotidiana, as quatro palavras praticamente têm o mesmo sentido e pode-se usar uma no lugar da outra. Na língua portuguesa, há um semelhante comportamento. Somente um falante mais rigoroso atentar-se para a sutil diferença de sentido existente entre elas. No entanto, nas obras de Heidegger, tal diferença não é nada sutil e não vislumbrá-la é dar um passo para fora da diferença ontológica. *Ursprung* é “origem”: sempre se refere aos próprios elementos constitutivos do “mundo ontológico” tal como o ressoar da *Ereignis* no Ser. *Anfang* é “início”: o exemplo mais próximo, aqui, é a distinção feita por Heidegger entre o “primeiro início” e o “outro início” para o pensamento. *Beginn* é “começo”: esta é utilizada para falar do “começo” da Metafísica e a história do “esquecimento do Ser”. *Ansatz* é “princípio”: Heidegger utiliza essa palavra nas *Beiträge* quando se refere ao “princípio” de algo na tradição Metafísica, mesmo que tenha ficado esquecido para, então, ser entrevistado.

¹²⁴ Tradução da edição alemã na qual encontra-se o dito *Das wesen der Sprache: Die Sprache des Wesens*. HEIDEGGER, Martin, *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 200.

¹²⁵ Deve-se estar atento para o apontamento de que Heidegger utiliza a palavra “referência” em um sentido muito específico. Assim como foi pontuado no capítulo 1 dessa dissertação, na página 39, referência não se reduz a uma relação e, conseqüentemente, ao par sujeito-objeto. Referência se deixa entrever de modo mais originário no qual entreluz o próprio “acontecimento essencial” do Ser. A tentativa de representar as referências do “mundo ontológico” através de setas com duas pontas não é um retrocesso em direção à lógica matemática. Não se pretende encerrar aí as referências mais originárias, mas apenas deixar entrever uma dinamicidade que nem sempre a Linguagem possibilita.

do Ser. Isto quer dizer: a questão do Ser (*Seinsfrage*) é agora uma questão pela sua Verdade a partir da *Ereignis*.

Ereignis, palavra-guia (*Leitwort*) do pensamento de Heidegger a partir dos anos 30¹²⁶, veio à tona de maneira mais proeminente em 1989 com a publicação da obra *Beiträge zur Philosophie: vom Ereignis*,¹²⁷ de 1936/38. Posteriormente, na obra *Unterwegs zur Sprache*, de 1955/59, o pensador também deixará vislumbrar a *Ereignis*, mas através da luz da Linguagem. Apesar da distância temporal entre os textos que tratam especificamente da Linguagem e aquele a respeito da *Ereignis*, ambas as dimensões se complementam. O que se quer mostrar, aqui, é a maneira como isso ocorre e o porquê ser imprescindível vislumbrar a *Ereignis*. Ela se torna porta de entrada não apenas para desvelar a Linguagem da essência do “mundo ontológico”, mas também como indicações de Heidegger em busca de um novo modo de proceder referente ao “outro início” do pensamento.

A importância da *Ereignis* é indiscutível. A partir das *Beiträge*, percebe-se que toda compreensão/interpretação/situação do pensamento de Heidegger está voltada para ela, marcando, assim, todas as referências constitutivas do “mundo ontológico”. Ela é tão decisiva para esse “passo atrás” (*der schritt zurück*)¹²⁸ na busca pela Verdade do Ser, tão necessária para abrir caminho para um outro modo do pensamento, que Heidegger chega a dizer que a *Kehre* do seu pensamento é “a *Kehre* na *Ereignis*” (*die Kehre im Ereignis*)¹²⁹. Isto quer dizer: todos os elementos constitutivos do “mundo ontológico” descritos em *Sein und Zeit*, tais como Ser, *Dasein*, tempo, espaço, Ente entre outros, são entrevistados agora através da ótica da *Ereignis*. Igualmente importante é que através dessa referência constitutiva, pode-se desvelar também a dimensão religiosa na filosofia hermenêutica deste pensador.

Diante disso, torna-se quase impossível não se perguntar: mas como se dá a *Ereignis*? Por que ela é a mais originária? Por que se fala a partir dela e não dela? Dois textos proferidos por Heidegger em forma de conferência, nos anos de 1957 e 1962 respectivamente, *Identidade e Diferença*¹³⁰ e *Tempo e Ser*¹³¹ ajudam na busca dessas respostas. De que

¹²⁶ “Edição de 1949: apenas um aceno na Linguagem da Metafísica. Então, “Ereignis”, desde 1936, a palavra-guia do meu pensar”. HEIDEGGER, Martin. Brief über den “Humanismus”. *Wegmarken*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1996, p. 316.

¹²⁷ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003.

¹²⁸ “O passo atrás (*der Schritt zurück*) aponta para o âmbito, até aqui saltado, a partir do qual a essência da Verdade se torna, antes de tudo, digna de ser pensada”. HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Os Pensadores, p. 189.

¹²⁹ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p.57 e 407.

¹³⁰ HEIDEGGER, Martin. Identidade e Diferença. In: _____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 173-200. Os Pensadores.

maneira? Eles não só permitem fazer a ponte entre a questão da essência da Linguagem/Linguagem da essência e a *Ereignis*, mas também apontam os caminhos a serem percorridos quando se busca entrevê-la. Ao ler esses textos de Heidegger, percebe-se que ele vislumbra a *Ereignis* através de uma dupla via: ora dizendo o que ela não é para vislumbrar os primeiros lampejos do lugar do qual se fala, ora em uma referência mais originária com o Ser, a Linguagem, o tempo e o espaço.

Quanto à primeira via, pode-se primeiro destacar o levantamento etimológico da palavra em alemão *Ereignis*. No uso cotidiano, ela significa acontecimento. Como mesmo pontua Heidegger: “Não podemos representar o que vem designado com o nome de *Ereignis*, guiados pela semântica ordinária; pois esta compreende *Ereignis* no sentido de acontecimento e fato – e não a partir do apropriar como o alcançar e destinar iluminador e protetor”¹³². Em um outro trecho da conferência *Identidade e Diferença*, o pensador alerta: “A palavra *Ereignis* não significa mais aqui aquilo que em geral chamamos qualquer acontecimento, uma ocorrência”.¹³³ Visando buscar o sentido que ficou encoberto pelo próprio desenrolar histórico da Linguagem enquanto língua de um povo, Heidegger volta às raízes da palavra. A história da Metafísica esqueceu o esquecimento do Ser, tomando-o, assim, como presença. A Linguagem, como parte dessa história, participou e também foi afetada por tal esquecimento. O que se pretende com essa busca é ir além do ranço contido em todas as palavras utilizadas no cotidiano. Entrever mais de um sentido possibilita vislumbrar o movimento deste “mundo ontológico” mais originário. Dessa maneira, como faz com a palavra “movimento” (*Bewegung*) na obra *Unterwegs zur Sprache*¹³⁴, aqui, em *Identidade e Diferença*, Heidegger também se reporta a um uso pouco comum para resgatar o que ele entende por *Ereignis*. Segundo o pensador:

“A palavra *Ereignis* é tomada da Linguagem adulta: “*Er-eignen*” significa originariamente: “*er-äugnen*”, quer dizer, descobrir com o olhar, despertar com o olhar, apropriar (*aneignen*). A palavra *Ereignis* deve, agora, ser pensada a partir da coisa apontada, falar como palavra-guia a serviço do pensamento. Como palavra-guia assim pensada, ela se deixa traduzir tão pouco quanto a palavra-guia grega *lógos* ou a chinesa *Tao*. [...] A palavra é empregada agora como *singulare tantum*.

¹³¹ HEIDEGGER, Martin. Tempo e Ser. In: _____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 251-283. Os Pensadores.

¹³² HEIDEGGER, Martin. Tempo e Ser. In: _____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 265.

¹³³ HEIDEGGER, Martin. Identidade e Diferença. In: _____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 180.

¹³⁴ “A região, enquanto região, dá (*ergibt*) caminhos. Ela movimenta (*be-wägt*)”. HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 197-198. Para vislumbrar o jogo que Heidegger faz com esta palavra vide capítulo 2 dessa dissertação página 40.

Aquilo que designa só se dá no singular, no número da unidade, ou nem mesmo num número, mas unicamente”¹³⁵.

A impossibilidade em se traduzir a palavra *Ereignis* não é a única coisa que ressalta a dificuldade em se vislumbrar essa palavra-guia. Tão problemático quanto, é a tentativa de se conjugar qualquer verbo para dizer o que ela é ou como ela se dá. Dessa forma, sempre há um impedimento metodológico que também é lingüístico: não se pode dizer “a *Ereignis* é” ou tampouco “a *Ereignis* se dá” ou qualquer outra expressão utilizando uma conjugação verbal. Na mesma linha, não se deve também predicar a *Ereignis*, tal como: “ela é uma dimensão ou ela é uma ambiência”. Às vezes, utilizam-se esses recursos de modo a tornar mais claro a partir do que se fala mas, nunca se pode achar que tais predicados são efetivamente a *Ereignis*. Segundo Heidegger: “Entretanto, a *Ereignis* não é, nem se dá. Dizer um como o outro significa uma distorção do estado de coisas, como se quiséssemos fazer a fonte derivar do rio. O que resta dizer? Apenas isto: a *Ereignis ereignet*”¹³⁶.

Diante disso, percebe-se que falar da *Ereignis* é mais um falar a partir dela, ou seja, do que ressoa da *Ereignis* enquanto *ereignet* Ser, Linguagem, *Dasein* e os diversos elementos do “mundo ontológico”. Não se deve perguntar pelo o que é a *Ereignis*, mas sim pelo seu como. Isto quer dizer, como se dá Ser, se dá tempo, se dá *Dasein* a partir da *Ereignis*, na *Ereignis*. Buscar isso não diz respeito apenas a tentar apontar a essência da Linguagem: Linguagem da essência e as diversas referências originárias aí implicadas. Concomitantemente, se vê embrenhado por uma questão metodológica. Pensar na *Ereignis* é a “virada” (*Kehre*) no pensamento de Heidegger, assim como o apontamento para um novo caminho a ser trilhado. Como mostra o pensador:

De acordo com isto, manifesta-se o “Se” que dá, no “dá-se Ser”, “dá-se tempo”, como a *Ereignis*. A afirmação é certa, e, contudo, inverídica, isto é, nos esconde o estado de coisas; pois, inadvertidamente, representamo-la como algo que se apresenta, enquanto precisamente procuramos pensar a presença como tal. Mas talvez fiquemos de uma só vez libertos de todas as dificuldades, de todas as análises importunas e aparentemente estéreis, se levantarmos a simples questão, já por demais madura, e a respondermos: Que é a *Ereignis*? [...] Permitam-me aqui uma questão intermediária. Que significa “responder” e “resposta”? Responder, quer dizer, o dizer que corresponde ao estado de coisas que aqui deve ser pensado, isto é, *Ereignis*. Se, no entanto, o estado de coisas proíbe falar-se dele ao modo de uma enunciação, seremos levados a renunciar à proposição por cuja enunciação se espera, ao levantar a questão. Isso, todavia, significa confessar a impotência de pensar, de maneira adequada, aquilo que deve sê-lo. Ou será, por acaso, de melhor conselho, não apenas renunciar à resposta, mas já à própria pergunta? Pois, qual é a

¹³⁵ Martin Heidegger, *Identidade e Diferença*, p. 180.

¹³⁶ HEIDEGGER, Martin. Tempo e Ser. In: _____ . *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 251-283. Os Pensadores, p. 268.

situação da questão, claramente justificável e posta livremente: *Que é a Ereignis?* Com isso perguntamos pela essência, pelo como a *Ereignis* é, isto é, se apresenta.¹³⁷

Seguindo essa trilha, também não se pode entrever a *Ereignis* porque mais originária, como um sustentáculo abarcador que fomenta, sustenta ou, ainda, gera todo o resto. Como bem pontua Heidegger: “*Ereignis* não é conceito supremo abarcador sob o qual seria possível inserir ser e tempo. Relações lógicas de ordem não dizem nada aqui”.¹³⁸ Assim vislumbrada como mais originária, toda distinção lógica entre duas possibilidades isoladas, como por exemplo, finito/infinito, se mostra derivada. O ressoar da *Ereignis*, assim como de todo “mundo ontológico” se vislumbra em uma temporalidade própria e originária, o “instante” (*Augenblick*).¹³⁹ Este reúne passado-presente-futuro em uma unidade e é condição de possibilidade de todo tempo calculável do “mundo ôntico”. Dessa maneira, enquanto não é um conceito supremo que abarca tudo, que perdura como um palco no qual as marionetes vão e vêm, o ressoar da *Ereignis* é “instante”. Somente pensado assim se pode dizer que esse “instante” é finito. Essa finitude marca todo o “mundo ontológico” se deixando vislumbrar na existência/essência do Homem enquanto Mortal. Esta pequena passagem pela mudança da concepção do tempo indica que vislumbrar o ressoar *Ereignis* é caminhar em direção a um novo modo de pensar Tempo; mais radicalmente ainda, um novo pensar. Isto é decisivo tanto na busca pela Verdade do Ser, quanto atentar para a dimensão religiosa implícita nesse modo de pensar. Ver-se-á isto à frente quanto mais for se aproximando da hora de pontuar a referência originária entre *Ereignis* e o Último Deus (*der letzte Gott*).¹⁴⁰

Então, se o vislumbrar da *Ereignis* não está sob o jugo da lógica, assim como todo o “mundo ontológico”, e não pode ser entrevisto diretamente, mas apenas por meio do seu ressoar justamente nesse mundo, como se referir a ela? Heidegger dá uma pista na conferência *Tempo e Ser*:

Mas a única intenção dessa conferência visa a chegar ao exame do próprio ser enquanto a *Ereignis*. Mas aquilo que é nomeado com a palavra a “*Ereignis*” diz algo bem diferente. Nessa mesma direção deve também ser pensado o insignificante e por isso sempre capcioso, porque plurívoco, “enquanto” (*als*). [...] Na expressão: “Ser enquanto *Ereignis*, o “enquanto” quer agora dizer: Ser, deixar

¹³⁷ HEIDEGGER, Martin. Tempo e Ser. In: _____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 251-283. Os Pensadores, p. 265.

¹³⁸ Martin Heidegger, *Tempo e Ser*, p. 266.

¹³⁹ “Onde a verdade do ser (*Sein*) não é querida, onde a pergunta não é movida pela vontade do saber e da experiência, todo tempo-espaço é absorvido da *Augenblick*, enquanto o relampejar do ser (*Seyn*), a partir da continuidade da simples e nunca calculável *Ereignis*”. HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 409.

¹⁴⁰ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 405-417.

presentificar (*anwesenlassen*) no acontecer que apropria, tempo alcançado no acontecer que apropria. Tempo e ser *ereignet* na *Ereignis*.¹⁴¹

Dessa maneira, percebe-se que ao tentar vislumbrar a referência originária entre Ser e Tempo pretendida, mas não executada na obra *Sein und Zeit*¹⁴², Heidegger chega à *Ereignis*. No entanto, não somente isso é entrevisto. O pensador não explora em *Tempo e Ser* o como essa referência se dá, mas pontua que ela se dá. O caminho para vislumbrar isso não é mais a partir da Metafísica que “entificou” tanto ser quanto tempo. É na *Ereignis* que tal originariedade pode ser entrevista em sua constituição, ou ainda, em sua Verdade.

Com isso, chega-se ao segundo ponto trabalhado nas obras pós anos 50. Por meio delas também se pode vislumbrar justamente este papel referencial mais originário da *Ereignis*. O modo como os diversos elementos do “mundo ontológico” se referenciam está marcado pelo ressoar da *Ereignis*. Daí a sua ocorrência em tais textos e, simultaneamente, sua importância. Mesmo não esmiuçando como isso se dá, tanto em *Tempo e Ser* quanto em *Identidade e Diferença*, a *Ereignis* é entrevistada. Por razões claramente metodológicas, o como nunca será plenamente entrevisto. No entanto, é nítida a diferença tonal entre os textos pós anos 50 e, por exemplo, as *Beiträge*. O mesmo acontece com a obra *Unterwegs zur Sprache*. Nela, Heidegger também vislumbra a *Ereignis* através da Linguagem. Essa busca é sempre indireta. Isto quer dizer: o que se busca, primeiramente, é a Linguagem e sua essência. É interessante ressaltar, aqui, que toda vez que há uma maior aproximação da *Ereignis* e de seu movimento, Heidegger se afasta dessa dimensão dizendo: “o carregante-passante do tempo e o concedente-permitente-soltante do espaço, em si mesmo e juntos, ou seja, o jogo do silêncio (*die Stille*), pertencem àquilo que nós não podemos refletir (*nachdenken*) por agora”.¹⁴³ Percebe-se, então, que nas *Beiträge* a busca é pelo ressoar da *Ereignis*, como isso constitui “mundo ontológico”. Nas obras pós anos 50, a busca é pelo ressoado da *Ereignis*, pelos elementos que já se constituíram aí, deixando, assim, entrever o “papal” de cada um na constituição desse ontológico.

Este modo aparentemente esquivo de conduzir a *Ereignis* não se trata, porém, de um “defeito” ou má condução exercida por Heidegger, mas advém como exigência da própria coisa a se pensar. Os primeiros textos publicados sobre a *Ereignis* seguem o próprio modo de proceder do pensador em relação às outras dimensões dignas de serem colocadas em questão pelo pensamento. Qualquer dizer sobre o “mundo ontológico” e seus elementos constitutivos

¹⁴¹ HEIDEGGER, Martin. Tempo e Ser. In: _____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 251-283. Os Pensadores, p. 266.

¹⁴² HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967.

¹⁴³ HEIDEGGER, Martin, *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 214.

não poderia ser entificante ou totalitário. Se o que se está buscando é uma dimensão ainda mais originária, tal modo deve ser ainda mais rigorosamente entrevisto. Mesmo nas *Beiträge*, onde o ‘silêncio nutridor’ está bem mais próximo, pois mais originário, do movimento da *Ereignis* e da sua compreensão/interpretação/situação, essa referência não é entrevista diretamente. Ela se deixa vislumbrar como uma ambiência mais originária e como ponto de partida para uma virada no modo de se pensar a questão do Ser. Isto quer dizer: é justamente o ressoar disso, ou seja, o seu movimento que será entrevisto. Se nos textos pós 50, a referência entre *Ereignis* e elementos ontológicos já era tomada como dada, nas *Beiträge* tentar-se-á vislumbrar o como isso se dá. Daí, é dito que há apenas uma diferença tonal e não uma radical mudança de postura.

Diante disso, percebe-se que o jogo entre esses dois períodos é justamente aquilo que poderá construir uma compreensão/interpretação/situação da referência entre *Ereignis* e Linguagem. Conjuntamente também se entreverá de que modo a dimensão religiosa está tão presente na hermenêutica ontológica de Heidegger. Somente fazendo esta ponte, poder-se-á vislumbrar o que Alain Boutot tão bem pontua:

“Que resta dizer?”, pergunta Heidegger no termo da sua conferência, “Nada a não ser isto: o evento advém (*Das Ereignis ereignet*)”. Com esta repetição, Heidegger quer, não apenas sublinhar a irredutibilidade e originalidade do conceito de *Ereignis* mas, também, convidar o pensamento a prestar atenção, abandonando resolutamente a metafísica, a esse acontecimento que não é um produto do Homem, mas que, porém e paradoxalmente, está também sempre com “necessidade” do Homem para ser.¹⁴⁴

III. Ser e *Ereignis*

Nas *Beiträge*, Heidegger busca a Verdade do Ser à luz da *Ereignis*. É justamente este movimento que caracteriza a virada (*Kehre*) no seu pensamento. Ela é uma virada na *Ereignis* em busca da Verdade do Ser. Com a *Ereignis*, pode-se, então, entrever o como isto acontece, como é o “ocorrer essencialmente” (*es west*) do Ser não mais sob o domínio da Metafísica. É justamente buscando jogar com a Metafísica, “primeiro início” do pensamento e com o “outro início”, que o dar-se do mundo ontológico através do Ser será vislumbrado.

Dessa maneira, entrevê-se que *Sein und Zeit* foi o início preparatório para o caminho na busca pelo Ser em sua Verdade. Sem trilhá-lo, pontuando os elementos constitutivos da

¹⁴⁴ BOUTOT, Alain. *Introdução à Filosofia de Heidegger*. 1. ed. Portugal: Publicações Europa América, 1991, p. 66.

referência Ser, *Dasein* e Ente, seria impossível posteriormente dizer como o Ser, em seu jogo próprio, se dá a partir do movimento da *Ereignis*. É importante ressaltar que não somente o Ser será apreciado a partir dela, mas também o *Dasein*, assim como o Ente e o Homem. Através das diversas obras de Heidegger, esta referência originária vai se tornando cada vez mais demarcada. Ela é:

Sein ↔ *an-wesen/ab-wesen* ↔ *Dasein* ↔ *Seienden* ↔ *Mensch* (Ser ↔ presença/ausência ↔
Dasein ↔ Ente ↔ Homem).

Deve-se atentar para o detalhe de que *Sein* e *Mensch* fazem referência um ao outro diretamente, assim como os demais elementos. A imagem mais adequada para transmitir esse jogo seria de uma fonte. Todos fazem referência a todos constituindo o que aqui é chamado de “mundo ontológico”.

Diante disso, a Verdade do Ser surge como a questão do Ser propriamente dita. Como pontua Heidegger: “Esta questão da Verdade, apenas *uma* forma essencial da questão do Ser, este futuro que está fora do domínio da “Metafísica.””¹⁴⁵ A *Ereignis*, enquanto esse passo atrás em direção a um “outro início” para o pensamento, não está fundada na Metafísica. Dizer isso é justamente alertar que a busca pelo Ser e sua Verdade se dá de modo diferente do que fora na constituição do “primeiro início”. Mais radicalmente dizendo: na Metafísica, a questão pela Verdade do Ser nem sequer foi entrevista no seu “ocorrer essencialmente”. Há uma diferença significativa em como a Metafísica e o “outro início” lidam com a Verdade e o Ser. Começando pela Verdade: enquanto que na Metafísica, ela é dita como adequação entre mente/intelecto/idéia e coisa e, conseqüentemente, certeza, no “outro início”, a Verdade se desvela como *a-letheia*, abertura na qual o Ser se dá em sua Verdade. Heidegger pontua bem essa diferença nas *Beiträge*:

No primeiro início é a verdade (enquanto não ocultamento) uma característica do Ente enquanto tal e segundo a transformação da verdade em certeza, a afirmação torna-se a “verdade” no sentido do Ente transformado em objetivável. (verdade enquanto certeza da sentença, “objetividade”, “realidade” << - >> Ser << do Ente).

No outro início, a verdade é reconhecida e fundada enquanto verdade do Ser (*Seyn*) e o Ser em si mesmo enquanto Ser da verdade, enquanto aquele em si mesmo

¹⁴⁵ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 186.

virado na *Ereignis*, para a Insolência¹⁴⁶ interior da fenda e, por conseqüência, pertence ao *Ab-grund* (abismo).¹⁴⁷

Então, a partir daí, pode-se entrever que uma das chaves para compreender/interpretar/situar a questão do Ser é a própria Verdade como *a-letheia*. No entanto, como isto se dá? Por que é fundamental deslocar a significação da Verdade para uma dimensão mais originária? Para responder a essas perguntas, primeiro é necessário perpassar o sentido da palavra *a-letheia*. Com isso, poder-se-á vislumbrar o quão importante ela é para o jogo do “ocorrer essencialmente” do Ser. Assim como faz com a língua alemã, Heidegger recorre ao uso antigo da palavra *aletheia* para apontar esse jogo do Ser. Ao mesmo tempo em que se esconde, ele também se desvela. Isto quer dizer: quando se dá na sua Verdade, o Ser “ocorre essencialmente” nessa tonalidade específica de mostrar-se/ocultando-se ou ocultar-se/mostrando-se. Segundo Michael Inwood, em sua obra “*Dicionário Heidegger*”¹⁴⁸, *a-letheia* seria concebida como:

Aletheia é o termo grego para “Verdade, veracidade, honestidade, sinceridade”. *Alethes* é “Verdadeiro; sincero, franco; real, atual”. Há também um verbo, *aletheuein*, “falar Verdadeiramente etc.” Essas palavras estão relacionadas a *lanthanein* e à forma mais antiga, *lethein*, “passar despercebido, não ser visto e *lethe*, “esquecer, esquecimento”. Em grego, uma inicial *a* é, em geral, privativa como o prefixo latino *in-* ou o germânico *un-*. (O “alfa privativo” ocorre em muitas palavras derivadas do grego: “anônimo”, “ateísmo”, etc.) *Alethes*, *aletheia* são geralmente aceitos como sendo *a-lethes*, *a-letheia*, ou seja, “não escondido ou esquecido” ou aquele que “não esconde nem esquece.”¹⁴⁹

No que tange ao Ser, Heidegger procede da mesma maneira. Buscando superar o ranço da Metafísica no seu ocorrer histórico através da Linguagem, o pensador propõe uma nova grafia da palavra Ser. No texto *Zur Seinsfrage*¹⁵⁰, a proposta é a de que ele fosse grafado assim: ~~Ser~~. Como o próprio Heidegger ressalta:

Assim sendo, o olhar pensante nesse domínio do “Ser” pode apenas escrever da seguinte maneira: ~~Ser~~. Primeiro, o desenho dessas linhas cruzadas apenas repele, especialmente, o quase erradicável hábito de compreender “o Ser” como alguma coisa fixa em si e apenas como alguma coisa que, às vezes, está frente à frente com o Homem. De acordo com essa concepção, parece como se o Homem estivesse excluído do “Ser”. Entretanto, ele não está só excluído, isto é, ele não está só circundado no “Ser”, mas no “Ser”, a essência do Homem necessitante é obrigada a

¹⁴⁶ *Ausfälligkeit* foi traduzido, aqui, pela palavra em português “Insolência”, resguardando o sentido de: “que, por seu caráter fora do comum, é como uma provocação, um desafio à condição humana; inacreditável, incrível, insólito”. ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 951.

¹⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 185.

¹⁴⁸ INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

¹⁴⁹ Michael Inwood, *Dicionário Heidegger*, p. 4-5.

¹⁵⁰ HEIDEGGER, Martin. *The Question of Being*. 1. ed. London: Vision, 1974.

abandonar a aparência de por-si porque é também de uma natureza diferente do que a concepção de totalidade gostaria de admitir que cerca a relação sujeito-objeto. [...] Sem dúvida, o símbolo das linhas cruzadas pode, segundo o que foi dito, não ser meramente um símbolo negativo de cancelamento. De preferência, ele aponta para as quatro regiões da *Geviert* e para a sua reunião no ponto de interseção.¹⁵¹

É importante ressaltar nesse trecho a lembrança que Heidegger faz de uma outra obra sua, *Vorträge und Aufsätze*,¹⁵² de 1954. Nela, assim como na *Unterwegs zur Sprache*, o pensador trata da *Geviert*. Quando se pretende pensar o Ser não mais à luz da Metafísica, mas sim em direção a um “outro início”, essa dimensão é fundamental. Ela é o próprio índice do “ocorrer essencialmente” do Ser através da essência da Linguagem, ou seja, a *Sage*. Marcar o Ser com a figuração da *Geviert*, reunião de céu, terra, divinos e mortais, é apontar para o lugar no qual ele se dá em sua Verdade: através da essência da Linguagem enquanto Linguagem dessa essência. Esse jogo será melhor entrevisto a seguir, quando entrar em cena a referência entre *Sage* e *Ereignis*. Por ora, a chave aqui ainda é a questão do Ser e sua referência à *Ereignis*.

Essa tentativa do texto *Zur Seinsfrage* não foi a primeira de Heidegger. Nas *Beiträge*, ele aponta para uma outra possibilidade. Ao invés de utilizar os dois traços, há a troca do “i” de *Sein* por “y”, ou seja, *Seyn*. A idéia era a de evitar o ranço que essa palavra traz. Ela está impregnada com uma compreensão/interpretação/situação construída pela história da Metafísica. Como dito anteriormente, essa história levou ao máximo da técnica, ao niilismo e à sua essência, ou seja, ao esquecimento do Ser. Pensando-o sempre a partir da presença e não vislumbrando o seu “ocorrer essencial” enquanto jogo tonal de ausência/presença, o Ser foi confundido com o Ente. Com as *Beiträge*, há o apontamento de uma possível via para poder pensar o “outro início” do pensamento. Essa virada é em direção à *Ereignis*, ou seja, a uma dimensão que poderá dar voz à questão da Verdade do Ser. Enquanto que na Metafísica houve o esquecimento disso, com a *Ereignis* pretende-se entrever o “ocorrer essencial” do Ser na sua Verdade. Então, surge a questão: como isso se dá?

Com a mudança de “i” para “y”, Heidegger não está fazendo uma simples troca gráfica mas, junto com isto, está levando o Ser para uma dimensão ainda mais originária. Para entrever o “acontecimento essencial” do Ser (*Wesung des Seyns*) a partir da sua Verdade, ele tem que colocar em jogo todos os outros elementos do “mundo ontológico”. Dessa maneira, a referência entre Ser e *Ereignis* é vislumbrada no modo e na tonalidade em que este Ser se dá no *Dasein*. Não só Ser ganha uma nova ambiência e, conseqüentemente, novas fronteiras.

¹⁵¹ HEIDEGGER, Martin. *The Question of Being*. 1. ed. London: Vision, p. 82-83.

¹⁵² HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

Dasein passa a ser escrito agora como *Da-sein*. A pergunta é: essa separação seria gratuita? Obviamente, a resposta é não. Se o que se busca é a Verdade do Ser, logo surge a necessidade de não só entrever o como esta se dá, mas também o lugar dessa ocorrência. Com isso, é possível vislumbrar que o próprio acontecimento fomenta o lugar e o lugar fomenta o acontecimento. As fronteiras são demarcadas pelo modo do acontecimento e o acontecimento vem à tona a partir das fronteiras. Sendo assim, o “*Da*” do *Da-sein* se deixa vislumbrar enquanto a clareira (*Lichtung*) na qual o Ser se dá na sua Verdade. Compreendendo/interpretando/situando Verdade enquanto *aletheia*, o jogo do ocorrer essencialmente do Ser começa a ser entrevisto na sua dinamicidade. É justamente nessa ambiência do “*Da*” que o jogo de ocultar-se/mostrar-se do Ser se dá. Ele se deixa entrever naquela tonalidade cuja palavra grega já entrevê: a oscilação entre velamento/desvelamento. Segundo Heidegger:

A questão pelo Ser (*Sein*) torna-se agora a questão pela verdade do Ser (*Wahrheit des Seyns*). A essência da verdade é perguntar pelo acontecimento essencial do Ser (*Wesung des Seyns*) enquanto está para sair da clareira (*Lichtung*) do ocultar-se e, com isso, enquanto está pertencido à essência do Ser em si.¹⁵³

Apesar de nas *Beiträge* Heidegger tentar entrever o Ser na referência mais originária com a *Ereignis*, isso não significa que todos os outros elementos do “mundo ontológico” deixarão de ser vislumbrados. Dizer que se busca o Ser ele mesmo e não mais na referência com o Ente não quer dizer que este deixe de ter o seu papel na constituição do “mundo ontológico”. O fio condutor é apenas um outro: ao invés de tentar vislumbrar o Ser em referência com o Ente, procura-se entrever as diversas referências em seu movimento constitutivo. Aqui, há também um jogo: enquanto se dão na referência, os elementos são o índice dela e ela é entrevista no modo como eles se dão. Dessa maneira, é impossível buscá-la sem vislumbrar o seu ressoar em todos os elementos do “mundo ontológico”. Apenas o que se busca é entrever essa referência oscilatória à luz mais originária da *Ereignis*. A porta de entrada não mais está entre o Ser e o Ente, mas sim entre as referências e a *Ereignis*. Isto quer dizer: como a *Ereignis ereignet* cada uma na referência oscilante. Esse é um possível caminho para se entrever o “acontecimento essencial” do Ser na sua Verdade.

Um outro detalhe importante e que leva o pensamento a partir da *Ereignis* para o “outro início,” é vislumbrar que nenhum desses elementos se dá de maneira isolada e em si. Um constitui o outro em uma necessidade referencial. Deixar de vislumbrar um é pôr em

¹⁵³ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 428.

declínio a própria compreensão/interpretação/situação desse “mundo ontológico”. Agir assim é dar um passo não em direção ao “outro início” do pensamento, mas voltar a habitar o domínio da Metafísica. Até mesmo a própria *Ereignis* só pode ser entrevista na referência *Ereignis* enquanto Ser. Isto quer dizer: o que se vislumbra é o movimento dela, o seu ressoar enquanto *ereignet* “mundo ontológico”. Assim, não se nomeia como *Ereignis* algo em si, mas um enquanto que se deixa entrever nessa referência necessária. Pensar assim é evitar ao menos um pouco o risco de fixá-la como uma fonte de onde tudo brota ou como algo em si gerenciando todo o resto. No entanto, esse perigo já é de antemão evitado pela própria constituição da ponte entre “mundo ontológico” e “mundo ôntico”. Tudo que se dá atualizado onticamente é o ressoar dessa dimensão mais originária. “O mundo ôntico” é o índice atualizado desse movimento. Cada atualização, em um instante, é uma unidade que reúne o jogo constitutivo do “acontecimento essencial” do Ser enquanto acontecimento do “mundo ontológico”. Dessa maneira, não há coisas em si a partir do momento em que todas elas necessitam umas das outras na fundação de mundo. A própria diferença entre *Ereignis*, Ser, *Dasein* e Ente só é vislumbrada a partir dessa referência que reúne a proximidade e a distância constitutiva deles.

Diante disso, vislumbra-se a importância do Ente. Ele também é um índice do ressoar da *Ereignis* e deve ser questionado a partir da Verdade do Ser. Como aponta Heidegger, “a questão pelo Ente deve ser colocada a partir do fundamento apropriante (*eigenen*), a partir da questão pela Verdade do Ser.”¹⁵⁴ Se a história da Metafísica se esqueceu do jogo próprio do Ser, ela também se esqueceu do Ente. Igualar Ser e Ente, não entrevendo a diferença ontológica, é, ao mesmo tempo, não entrevê-los em suas Verdades. A partir do momento em que o modo como cada um se dá no “mundo ontológico” é o índice da referência mais original com a *Ereignis*, o Ente também não pode deixar de ser entrevistado. Na passagem seguinte, Heidegger pontua como Ente seria vislumbrado a partir da *Ereignis*:

De todo, a confusão se intensifica quando se tenta encontrar uma solução para a questão com a ajuda da diferença “ontológica” que advém da ontologia fundamental. Pois esta diferença não é apenas começo em direção à questão guia, mas em direção ao salto (*Sprung*) na questão fundamental, não para jogar, de agora em diante, com o sólido e confuso marco (Entes e Ser), mas voltar na questão pela verdade do acontecimento essencial do Ser (*Wesung des Seyns*) e, com isso, para apreender de outro modo a referência de Ser e Ente, sobretudo, também o *Ente* enquanto tal experiencia uma interpretação transformada (salvamento/recolhimento da verdade da *Ereignis*) e não mais existe nenhuma possibilidade de ainda, de

¹⁵⁴ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p.176.

repente, introduzir clandestinamente “o Ente” enquanto “objetos criados pela mente” ou “ simplesmente à mão (*Vorhandenes*) por si”, etc.¹⁵⁵

Por meio disso, também se vislumbra a interdependência entre o “salto” (*Sprung*) e a questão da pergunta pelo Ser. A partir do momento em que a virada no pensamento é na *Ereignis* e esta o leva para a ambiência da Verdade do Ser, o modo de se entrar nessa ambiência é importante. Na Metafísica, o “se colocar diante” do que se quer dizer é também um índice do acontecimento do Ser. No entanto, este não ressoa a Verdade do Ser. Torná-lo presença também está respaldado na maneira como ele se dá. A partir do momento em que a relação base é a de sujeito-objeto, qualquer modo fundado aí culminaria com a transformação da coisa a se pensar em objeto. Assim, objetivável, a coisa se torna presença e perde o ressoar do jogo de ausência/presença que lhe é constitutivo. Já com o “outro início” e as referências mais originárias a partir da *Ereignis*, sujeito-objeto se desvelam como uma relação derivada. Com isso, todo modo de proceder se altera: a questão pela Verdade do Ser não mais será colocada como um objeto sob o reino da lógica. Para que a Metafísica seja superada, não aniquilada, ou seja, para que se possa jogar entre as duas possibilidades de pensar, “primeiro início” e “outro início”, é importante aqui o “salto”. Heidegger pontua nas *Beiträge*:

O salto, a coisa mais arriscada no procedimento do pensamento inicial, deixa e lança para trás tudo aquilo que é comum e imediatamente não espera nada do Ente, mas salta antes de todas as coisas na direção da pertença ao Ser na sua plena *Wesung* enquanto *Ereignis*. O salto se mostra, dessa forma, aparentemente a máxima falta de respeito, mas encontra-se determinado precisamente por aquele temor (*Scheu*) [...], no qual a vontade de reserva (*Verhaltenheit*) se eleva em direção à insistência de suportar a mais distante proximidade (*der fernsten Nähe*) da refutação hesitante.¹⁵⁶

Com essa passagem, percebe-se como o “acontecimento essencial” do Ser é importante para que se adentre na ambiência do “outro início”. Somente estando ali, a partir dali é que o pensar poderá dar conta das referências mais originárias constitutivas do “mundo ontológico”. O modo como essas ocorrem também pode ser entrevisto no momento em que se salta no “acontecimento do Ser enquanto *Ereignis*.”¹⁵⁷ O próprio “salto” é marcado por esse modo de “acontecimento essencial”. Não se propõe um “salto” que irá dominar, tomar ou se apoderar do acontecimento do Ser, mas um salto marcado pela “disposição fundamental” (*Grundstimmung*) da reserva (*Verhaltenheit*), um salto que dê espaço para o jogo de ausência/presença do Ser. Somente a reserva é capaz de abrir terreno para o modo do

¹⁵⁵ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 207.

¹⁵⁶ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 227.

¹⁵⁷ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 227.

“acontecimento essencial” do Ser: um jogo que conjugue proximidade e distância (*Nähe e Entfernung*). Assim, a Verdade do Ser é entrevista a partir dessa fenda (*Zerklüftung*) do “Da” do *Da-sein*. O Homem deixa colocar o *Dasein* como tarefa e assume uma possibilidade do “ocorrer essencialmente” do Ser nessa abertura enquanto Ente. Como Heidegger acena em outra passagem:

O salto mais autêntico e mais amplo é aquele do pensamento. Não como se a essência do Ser fosse determinável a partir do pensamento (asserção), mas porque aqui, no saber da *Ereignis*, pode ser percorrida novamente a fenda (*Zerklüftung*) do Ser ao longo de toda sua amplitude e podem ser medidas no modo mais extenso, as possibilidades da custódia da Verdade no Ente.¹⁵⁸

Dessa maneira, perguntar-se pela questão do Ser como questão pela sua Verdade é estar nessa ambiência do “acontecimento essencial” do Ser. O Pensar deve saltar para dentro dessa região para que o Ser seja entrevistado naquilo que lhe é mais próprio, advindo do seu movimento essencial. Na citação seguinte, Heidegger pontua como o saltar influiu para que o pensar vislumbre o Ser no seu “acontecimento essencial”:

O Pensar, enquanto inicial, funda o tempo-espaço na suas estruturas de transportar para longe (*Entrückung*) e cativar (*Berückung*) e sobe através da fenda do Ser na unidade, liberdade, casualidade, necessidade, possibilidade e realidade de seu acontecimento essencial (*Wesung*).¹⁵⁹

Então, o que se deixa compreender/interpretar/situar por “acontecimento essencial” (*Wesung*)? Aqui, Heidegger joga com uma tríade referencial: essência (*wesen*), ocorrer essencialmente (*west*) e acontecimento essencial (*Wesung*). A busca pela Verdade no Ser não aponta tanto em direção a uma essência fixa na qual o Ser estaria fundado. O que se quer entrever é o como o Ser ocorre em sua essência, ou seja, naquilo que lhe é próprio, que o singulariza enquanto tal, que possibilita o seu dar-se enquanto referência oscilatória no “mundo ontológico” e, conseqüentemente, a sua unidade. Dessa maneira, o “Ser ocorre essencialmente (*west*) enquanto a *Ereignis*”¹⁶⁰ e, assim, a Verdade de ambos é entrevista a partir desse “acontecimento essencial” (*Wesung*) em um modo muito próprio deles. Com a *Wesung*, a própria oscilação entre os elementos do “mundo ontológico” é entrevista como o modo das referências. Em uma passagem das *Beiträge*, Heidegger acena isto:

Wesung não deve nomear aquilo que se encontra além do Ser, mas aquilo que traz à palavra o seu mais íntimo (*sein Innerstes*), a *Er-eignis*, aquele contra-impulso

¹⁵⁸ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 237.

¹⁵⁹ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 237.

¹⁶⁰ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 30.

(*Gegenschwung*) de Ser e *Dasein*, no qual os dois não são os pólos já presentes na oscilação, mas a pura oscilação mesma (*die reine Erschwingung selbst*).¹⁶¹

Dessa maneira, a Verdade do Ser se deixa entrever como a busca pela oscilação na referência entre os elementos do “mundo ontológico” a partir do movimento da *Ereignis*. Isto quer dizer: o ressoar dessa oscilação faz com que um se dê a partir do outro e, dessa maneira, institua “mundo ontológico”. O acontecimento essencial do Ser não é somente o seu dar-se, mas também de todos os outros elementos referenciais. O próprio Homem aparece como aquele que dá suporte ao “acontecimento essencial” do Ser na sua Verdade. O que seria isto? Seria o Homem se exercer enquanto tal ao tomar o *Da-sein* enquanto tarefa. Não é porque é Homem, é *Da-sein*. Colocando-se no “acontecimento essencial” do Ser, o Homem salta para o “outro início” enquanto *Da-sein* tarefa. Ele habita o “outro início” com este determinado modo de referência necessária. Isto quer dizer: a própria constituição Humana é devedora desse “acontecimento essencial” do Ser na sua Verdade. Heidegger pontua:

“Homem, aquele que é necessitado pelo Ser para suportar o acontecimento essencial (*Wesung*) da Verdade do Ser. Enquanto este mais necessitado, o Homem só é Homem na medida em que ele está fundado no *Da-sein*, ou seja, ele mesmo se torna fundador do *Da-sein*, criando. [...] Mas o Ser é aqui simultaneamente apreendido enquanto *Er-eygnis*. Ambas as coisas pertencem juntas: o movimento no *Da-sein* e a Verdade do Ser enquanto *Ereignis*”.¹⁶²

A porta de entrada para se entrever o acontecimento do Ser na sua Verdade é o *Da-sein*. Duas passagens das *Beiträge* são muito esclarecedoras nesse sentido. Segundo Heidegger:

“O *Da-sein* é a simultaneidade de tempo-espaco com a verdade enquanto o Ente ocorre essencialmente enquanto o fundamento fundante, enquanto o “entre” (*Zwischen*) e o “meio” (*Mitte*) do Ente em si mesmo”.¹⁶³

Na segunda passagem, ele aponta:

Da-sein é o revestimento do acontecimento essencial da verdade do Ser. [...] Desenrolamento da Daidade (*Daheit*) do Da enquanto fundação do *Da-sein*. [...] O Da ocorre essencialmente e enquanto ocorrente, deve ser tomado no Ser do *Da-seins*; o “entre” (*Zwischen*).¹⁶⁴

Com isso, vislumbra-se o “*Da*” do *Da-sein* como a região na qual tempo e espaco se fundam enquanto o Ente se dá. Este é o índice desse “entre” no qual o Ser “ocorrer essencialmente” em seu jogo próprio de ocultar-se/mostrando-se. A *Ereignis ereignet* Ser

¹⁶¹ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 286-287.

¹⁶² Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 318.

¹⁶³ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 223.

¹⁶⁴ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 311.

enquanto este ocorre essencialmente no “*Da*” do *Da-sein*, instituindo tempo-espaço e tendo como índice desse acontecimento essencial o Ente. Por isso, a diferença ontológica é tão importante. A partir do momento em que Ser não é Ente e o Ente não é Ser, ambos podem ser entrevistados em suas Verdades constitutivas. O Ente já é uma atualização do acontecimento do Ser no “*Da*” do *Da-sein*. Por isso, cada atualização é o índice da tonalidade na qual o Ser se dá instituindo tempo-espaço. A História se deixa entrever como a reunião dos diversos instantes atualizados do Ser através do “*Da*” do *Da-sein*. O “*Da*” reflete o modo como cada povo se colocou no “acontecimento essencial” do Ser. Como aponta Heidegger:

Então, o *Da-sein* é o *entre* entre os Homens (enquanto fundantes de história) e os Deuses (na história deles). [...] O *Entre*, do qual primeiramente não surge a referência dos Deuses aos Homens, mas todo *entre*, no qual, primeiramente, espaço-tempo está fundado pela referência porque ele mesmo nasce no acontecimento essencial do Ser enquanto *Ereignis* e enquanto o meio aberto, Deuses e Homens se fazem dissidiáveis um para o outro.¹⁶⁵

A Verdade do Ser é entrevista como o seu “acontecimento essencial” no “*Da*” do *Da-sein* no qual cada atualização Ente torna o Homem “suporte” disto. Dessa maneira, é importante, agora, entrever a questão da própria transcendência do Ser no “*Da*” do *Da-sein*. Isso levará ao primeiro passo para vislumbrar a indicação do caminho para o “outro início” sob a luz da questão religiosa. Segundo Philippe Capelle¹⁶⁶:

Um novo passo do domínio heideggeriano do conceito clássico de transcendência é aqui alcançado. É o ser que se desvela como transcendente ao *Dasein*: tal é o originário da *Ereignis* na qual o *Dasein* é convocado a procurar o ser, a guardar a sua Verdade e a velar o acontecimento do último deus.¹⁶⁷

Diante desse guia, pode-se vislumbrar que é no “*Da*” do *Dasein* que o Ser transcende. Enquanto está fundado no abismo (*Ab-grund*), no Nada com letra maiúscula, o Ser “ocorre essencialmente” em seu jogo de ausência/presença sendo abrigado pelo Ente Humano. Este Nada é aquele originário e misterioso, cuja essência está aparentada com o Ser. É através da essência deste que a restauração da Metafísica para saltar da presentificação do Ser é atingida. No texto *Zur Seinsfrage*¹⁶⁸, o Nada é aquele elemento que sustenta o Ser em uma suspensão para que na referência com o Ente, possa haver ambas as disposições: “*Zuwendung e Abwendung*”. Enquanto está na referência com o Ente, o Ser “se volta para”

¹⁶⁵ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 312.

¹⁶⁶ CAPELLE, Philippe. *Philosophie e Théologie: Philosophie et Théologie dans la pensée de Martin Heidegger*. 2.ed. Paris: CERF. 2001.

¹⁶⁷ Philippe Capelle, *Philosophie e Théologie: Philosophie et Théologie dans la pensée de Martin Heidegger*, p. 119.

¹⁶⁸ HEIDEGGER, Martin. *The Question of Being*. 1. ed. London: Vision, 1974.

ele ou o “evita”. Enquanto se dá em um jogo de ausência/presença, o Ser se volta e evita o Ente para, ao mesmo tempo, se dar através de um resguardo. Assim, a diferença ontológica é preservada e a transcendência do Ser se dá no “Da” do *Da-sein* suportado pelo Ente Humano. Dessa maneira, o Nada aqui é a condição de possibilidade para que o Ente não seja simplesmente uma presença do Ser. Mesmo o Ente estando sempre na referência para com o Ser, através deste elemento, é introduzido uma perspectiva que permite uma diferença. Assim, não é o Homem enquanto Ente que suporta o ser necessitado pelo Ser, quem transcende. Ele é o ponto fixo da transcendência em cada atualização realizada no instante. Um ponto fixo que será ultrapassado a cada nova atualização. Isto quer dizer: o Ente é o índice do “acontecimento do Ser”, mas em uma atualização em detrimento de outras possibilidades ainda não atualizadas. O Nada é o que possibilita assim a diferença ontológica e a transcendência do Ser no “Da” do *Da-sein*. No texto *Sobre o Humanismo: carta a Jean Beaufret*,¹⁶⁹ de 1946, Heidegger também aponta a referência fundamental entre o Nada e a essência do Ser, ou seja, o seu “ocorrer essencialmente” na sua Verdade. Citando o pensador:

O nadificar desdobra seu ser no ser e, de maneira alguma, no *Dasein* do Homem, na medida em que esse *Dasein* é pensado como a subjetividade do *ego-cogito*. O *Dasein* não nadifica, de maneira alguma, na medida em que o Homem, como sujeito, realiza o ato de nadificação, no sentido de recusa; o *Dasein* nadifica, enquanto, como essência em que o Homem ec-sistente, ele mesmo pertence à essência do ser. O ser nadifica – como ser. [...] O nadificar do ser é a essência daquilo que eu nomeio o nada. Por isso, porque pensa o ser, o pensar pensa o nada.¹⁷⁰

Nesse jogo de transcendência entre Ser e *Da-sein* efetivado no Ente, surge o Sagrado. O “Da” do *Da-sein* enquanto a ambiência na qual o Ser se dá em sua Verdade, ocorrendo essencialmente, se deixa entrever a partir dessa abertura sagrada. Vislumbra-se aqui que o “acontecimento essencial” do Ser é um instante que brota de um Nada. Dessa maneira, o Ser vem à tona no seu jogo constitutivo a partir de um não-fundo, se destacando. Assim, é porque o Ser se “consagra” nesse jogo que é possível vislumbrá-lo na diferença, seja com o Nada, seja com o Ente. Ele mesmo já “ocorre essencialmente” como uma atualização do próprio movimento da *Ereignis* e da passagem do último Deus. Sobre o Sagrado, Heidegger aponta em seu texto, *Sobre o Humanismo: carta a Jean Beaufret*:

O Sagrado, porém, que é apenas o espaço essencial para a deidade – o qual, por sua vez, novamente apenas garante uma dimensão para os deuses e o Deus –, manifesta-se somente, então, em seu brilho, quando, antes e após longa preparação,

¹⁶⁹ HEIDEGGER, Martin. Sobre o Humanismo: carta a Jean Beaufret. In: _____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1977, p. 347-373. Os Pensadores.

¹⁷⁰ Martin Heidegger, *Sobre o Humanismo: carta a Jean Beaufret*, p. 371.

o próprio ser se iluminou e foi experimentado em sua Verdade. Só assim começa, a partir do Ser, a superação da apatridade na qual erram perdidos não apenas o Homem, mas também a essência do Homem.¹⁷¹

E mais adiante continua:

Somente a partir da Verdade do ser deixa-se pensar a essência do Sagrado. E somente a partir da essência do Sagrado deve ser pensada a essência da divindade. E, finalmente, somente na luz da essência da divindade pode ser pensado e dito o que deve nomear a palavra “Deus”.¹⁷²

O “Da” do *Da-sein* enquanto Sagrado não só deixa entrever o “acontecimento essencial” do Ser na sua Verdade, mas também é a ambiência na qual os deuses ou Deus se dão na sua deidade. Até agora, entreviu-se como ressoa o movimento do “acontecimento essencial” do Ser em sua Verdade a partir da *Ereignis*. Isso abre o “Da” do *Dasein* enquanto clareira para a Verdade do Ser. No entanto, este movimento se dá em um modo próprio ressoado em cada referência originária do “mundo ontológico”. Isto quer dizer: há um jogo entre movimento, modo e tonalidade. A chave para compreender/interpretar/situar isto está na essência da Linguagem. A Verdade do Ser e a Linguagem estão intimamente referidas, como mesmo pontua Heidegger em uma passagem nas *Beiträge*, “...a essência da *Linguagem* enquanto a nomeação doadora da Verdade do Ser”¹⁷³.

IV. *Sage*, silêncio nutridor e *Ereignis*

Nos textos da obra *Unterwegs zur Sprache*, Heidegger busca a essência da Linguagem para poder, concomitantemente, apontar para a Linguagem da essência. Esta inversão não é apenas um jogo de palavras. Através da essência da Linguagem enquanto *Sage* pode-se entrever o modo como a própria essência, ou ainda, o “acontecimento essencial” do Ser se dá na sua Verdade. Enquanto *Ereignis ereignet* “mundo ontológico”, o seu movimento é entrevisto tanto através do Ser, quanto do *Dasein*, passando pelo Ente e pelo Homem. Agora, quer-se entrever o modo no qual a ambiência desses “acontecimentos essenciais” se dá na tonalidade de ausência/presença.

Para vislumbrar isso, é importante ressaltar que a essência da Linguagem está também marcada pela referência à *Ereignis*, assim como aquilo que ela, a essência, reúne

¹⁷¹ HEIDEGGER, Martin. Sobre o Humanismo: carta a Jean Beaufret. In: _____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1977, p. 347-373. Os Pensadores, p. 360.

¹⁷² Martin Heidegger, *Sobre o Humanismo: carta a Jean Beaufret*, p. 366.

¹⁷³ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 177.

pensar (*denken*) e poetar (*dichten*): atualização da referência oscilatória proximidade↔distância no jogo dimensional “intimidade”↔“diferença”. Como já apontado anteriormente, tal referência também traz para o jogo a *Stille*. Traduzida aqui por “silêncio nutridor”, ele é mais uma chave de entrada para entrever a dimensão religiosa no pensamento que propõe caminhos para o “outro início”. No entanto, antes disso, deve-se agora vislumbrar como se dá a referência entre *Sage*, poetar/pensar e “silêncio nutridor” à luz da *Ereignis*.

O Ser “ocorre essencialmente” no “*Da*” do *Dasein*, ou seja, esta é a região do seu movimento mais próprio. No entanto, esse movimento não se dá apenas como tal, mas em um modo. Dessa maneira, o jogo entre eles é que mantém este lugar aberto para que o Ser se dê em seu modo mais essencial. Através da essência da Linguagem, *Sage*, o “acontecimento essencial” do Ser pode ser vislumbrando através deste como no qual ele se dá. A fenda, a clareira, na qual o Ser se dá, se mantém assim por meio da reunião de proximidade↔distância: pensar e poetar. Como pontua Heidegger, “a *Sage* é a reunião juntante de todo brilhar do mostrar-se no múltiplo que, em todas as partes, deixa aquilo que se mostra permanecer por si mesmo.”¹⁷⁴ Enquanto essência da Linguagem, a Linguagem da essência fala através dessa reunião, dessa proximidade↔distância. Isso se dá de tal modo que o falar é marcado por esse jogo, marcando assim o próprio “acontecimento essencial” do Ser em sua Verdade. Isto quer dizer: enquanto pensar e poetar são colocados “um contra e através do outro” (*gegen-einander-über*), o movimento disto possibilita a *Geviert* de mundo (jogo de mundo), ou seja, a reunião das proximidades e distâncias nas figuras de céu, terra, divinos e mortais. É justamente nessa interseção, nessa fenda, que o Ser “ocorre essencialmente” no “*Da*” do *Da-sein* enquanto *Geviert*, instituindo o jogo de “tempo-espaço”. Como pontua Heidegger na obra *Unterwegs zur Sprache*:

A *Sage*, enquanto o movimento (*Be-wëgende*) da *Geviert* de mundo, reúne tudo na proximidade (*Nähe*) do um contra e através do outro e, na verdade, tão silencioso, tão silêncio nutridor como o tempo temporaliza (*zeitigt*), o espaço espacializa (*räumt*), tão silêncio nutridor, como joga o tempo-jogo-espaço (*Zeit-Spiel-Raum*).¹⁷⁵

O próprio jogo de proximidade↔distância do Ser, ou seja, ausência/presença, mostrar-se/ocultar-se, é um índice do ressoar da *Ereignis* na *Sage*. Dessa maneira, é através da oscilação entre pensar e poetar, ou seja, na diferença mantenedora da fenda, que o “é” chega à

¹⁷⁴ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 257.

¹⁷⁵ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 215.

palavra.¹⁷⁶ A *Sage* possibilita que as coisas se mostrem, venham ao “é” a partir do “ocorrer essencialmente” do Ser. Cada Ente que é torna essa atualização o índice do habitar do Ente na ambiência do “Da” do *Da-sein*, ou seja, “o Ente é. O Ser “ocorre essencialmente.”¹⁷⁷ Citando Heidegger, “também o mostrar enquanto o apropriar-se apropriante, a *Ereignis* é o movimento (Be-wägung) da *Sage* em direção à Linguagem”¹⁷⁸. Isto quer dizer: tudo que se mostra, a partir do movimento da *Sage*, está apropriado pelo ressoar próprio da *Ereignis*. Mesmo as coisas que são podem deixar ressoar o Ser na sua Verdade a partir da *Ereignis ereignet* seu “acontecimento essencial”.

Esse movimento da *Sage* deixa a Linguagem ser entrevista na “fórmula do caminho” (*Wegformel*) apontada por Heidegger: “o movimento (Be-wägung) leva a Linguagem (o ocorrer essencial da Linguagem) enquanto Linguagem (die *Sage*) para a Linguagem (para a palavra manifestante).”¹⁷⁹ Isto quer dizer: a *Sage* que reúne poetar e pensar no ressoar da *Ereignis* deixa entrever a essência da Linguagem em seu “ocorrer essencialmente”, ou seja, enquanto Linguagem da essência. Ela é trazida para a ambiência do “acontecimento essencial” do Ser em sua Verdade. Este se dá no modo próprio da reunião da *Sage* que desvela o Ser na fenda do “Da” do *Da-sein* enquanto *Geviert* de mundo. Dessa maneira, a Linguagem da essência ressoa na palavra manifestante conferindo à oscilação uma possibilidade de atualização. O jogo entre poetar e pensar, o entre desvelado enquanto *Geviert*, “acontecimento” do Ser é o índice de toda essa luta da diferença. Sem o ressoar da *Ereignis*, esse modo *Sage* de se dar do Ser em sua Verdade não fluiria na tonalidade de ausência/presença. A Linguagem “ocorre essencialmente” na medida em que o Ser se dá em sua tonalidade mais própria. Heidegger pontua, na citação seguinte, a interdependência entre Linguagem, “ocorrer essencialmente” e *Ereignis*:

A fórmula do caminho: *levar a Linguagem enquanto Linguagem para a Linguagem* não contém mais apenas uma instrução para nós, com a qual nós refletimos a Linguagem, mas ela diz a forma (*forma*), a forma (*Gestalt*) das estruturas na qual se movimenta o ocorrer essencialmente da Linguagem dependente (*beruhende*) na *Ereignis*.¹⁸⁰

¹⁷⁶ Aqui, “palavra” deve ser entendida como Heidegger pontua na conferência *Sobre a essência da Verdade*, publicada em 1943. Citando o pensador: “A palavra não é, em primeiro lugar, a “expressão” de uma opinião, mas é constantemente já a articulação protetora da verdade do ente em sua totalidade”. HEIDEGGER, Martin. *Sobre a Essência da Verdade*. In: _____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 150-170. Os Pensadores, p.168.

¹⁷⁷ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 30.

¹⁷⁸ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 261.

¹⁷⁹ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 261.

¹⁸⁰ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 262.

O Homem fala a partir da Linguagem da essência e assim o “é” se institui. Deve-se entrever, aqui, que não há uma projeção desse “é”. O Homem enquanto Mortal não é originariamente um sujeito que cria um objeto sendo. Ele, enquanto deixa tomar o *Da-sein* como tarefa, se entrevê como a ambiência na qual a Linguagem da essência ressoa e fala. O Homem Mortal escuta esse Discurso e, cada atualizar seu enquanto Mortal é o índice de como ele deixou isso ressoar. Tudo que é advém de algo não controlável por ele ou apreensível plenamente nele. A essência da Linguagem não se esgota em cada atualização, pois ela se dá justamente sob a oscilação: enquanto traz o “é” às palavras, a essência da Linguagem preserva o não dito. É justamente dessa maneira que o ressoar da *Ereignis* se deixa entrever na *Sage*: o “é” se dá como o índice do que se mostra enquanto joga com a ausência. O próprio “é” se deixa vislumbrar como o jogo de ausência/presença, ou seja, tonalidade própria do dar-se do Ser. Pode-se entrever essa referência entre a *Ereignis* e a *Sage* deixando ressoar ausência/presença na passagem abaixo:

O movimento (Regende) no mostrar da Sage é o apropriar-se. [...] Ele traz consigo a Presença e Ausência (An- e o Abwesende) em sua respectiva particularidade, se mostra a partir disso, em si mesmo e perdura em seu modo. O apropriar-se trazido que movimenta (regt) a Sage enquanto aquilo que mostra no seu mostrar, chama a Ereignen. Ela dá o livre da clareira (Lichtung) no qual perdura a Anwesende, a partir do esquivar-se da Abwesende e pode guardar, na retirada, seu perdurar. O que a Ereignen através da Sage dá nunca é o resultado de uma causa, não é a consequência de um fundamento. O apropriar-se trazido, a Ereignen, é mais perdurante do que cada agir, fazer e fundar. A Ereignende é a Ereignis ela mesma – e nada além disso. A Ereignis entrevista no mostrar da Sage não se deixa apresentar nem como acontecimento, nem como um ocorrer mas, apenas, se deixa experienciar no mostrar da Sage enquanto o perdurante. Não existe nada outro sobre o qual a Ereignis ainda possa ser reconduzida, sobre o qual, de fato, ela possa ser esclarecida. A Ereignen não é nenhum resultado (Ergebnis) a partir de outro, mas o Er-gebnis cuja extensão do dar (Geben) perdura semelhante como um “Es gibt” do qual “o Ser” ainda necessita para chegar, enquanto Anwesen, ao seu apropriar-se.¹⁸¹

A *Ereignis ereignet Sage* quando esta reúne a oscilação própria das referências do “mundo ontológico”. Como aponta Heidegger, “a *Ereignis* reúne o alçado (*Aufriß*) da *Sage* e a desdobra nas articulações do mostrar múltiplo”,¹⁸² ou seja, a desdobra na *Geviert*. A aparência tranqüila da unidade atualizada no “mundo ôntico” é devedora desse jogo conflituoso, dessa luta de proximidade e distância. Os caminhos para o pensamento do “outro início” chamam para a necessidade de se deixar entrever essa luta, esse jogo. Não que a Linguagem cunhada pela Metafísica não tivesse suas raízes aí, mas em sua atualização, ela

¹⁸¹ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 258.

¹⁸² Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 259.

não permitia vislumbrar tal condição mais originária. Mesmo se esquecendo do Ser, não deixando a *Ereignis* ser entrevista na sua Verdade, ela também é um responder a esse discurso da Linguagem da essência. Segundo deixa entrever Heidegger, “a *Ereignis* é a mais insignificante dentre as insignificantes, a mais simples dentre as simples, a mais próxima dentre as próximas e a mais distante dentre as distantes, na qual nós mortais nos encontramos durante toda a vida.”¹⁸³

Aqui, é necessário pensar um pouco a partir disso. Justamente por ser “a mais insignificante, simples, próxima e distante” é o que possibilita tornar o movimento da *Ereignis* esquecido. O mesmo acontece com o Ser. No seu jogo tonal de ausência/presença, há a possibilidade do seu esquecimento. Isto é próprio do “acontecimento essencial” de ambos, tanto Ser quanto *Ereignis*. Diferente da Metafísica que especificamente esqueceu esse jogo, os caminhos apontados por Heidegger quer entrevê-los. Por isso, é importante aqui a *Sage*. É a partir dela que se pode vislumbrar o ressoar da *Ereignis*. O Homem enquanto Mortal está na ambiência da essência da Linguagem, a escuta em seu discurso e fala correspondendo a ela. “Nós apenas podemos nomear a reinante *Ereignis* na *Sage* quando dizemos: *Es – das Ereignis – eignet.*”¹⁸⁴ Com essa frase, o pensador deixa entrever que há uma dependência do dizer entre *Sage* e *Ereignis*. A *Sage* se deixa vislumbrar enquanto o vão da porta pelo qual o ressoar da *Ereignis* é entrevista, que sustenta os batentes em seu lugar ao ditar o modo do “acontecimento do Ser” em sua Verdade. Se o Homem enquanto Mortal se dá nessa ambiência, somente o que atravessa a *Sage* é passível de ser dito por ele. Segundo Heidegger: “nós não podemos ver toda a ambiência do ocorrer essencial da Linguagem, porque nós, que apenas podemos dizer nós quando refletimos a *Sage*, pertencemos à mesma *Sage.*”¹⁸⁵

Mesmo diante de tal impossibilidade, o Homem está na essência da Linguagem e faz a sua experiência para ocorrer em sua essência mais própria. Fazendo essa experiência, ele não somente o faz com e na Linguagem, mas também faz uma experiência religiosa. Para compreender/interpretar/situar isso, não se pode perder de vista que essa ambiência na qual o Ser se dá em sua Verdade através da essência da Linguagem é Sagrado. Isto quer dizer: a *Ereignis* enquanto *ereignet Sage* deixa ressoar o Ser em sua Verdade através do jogo da *Geviert* de mundo. Dessa maneira, os divinos podem se dar a partir de sua divindade, pois esse espaço já se deixa entrever como Sagrado. Trazer o Ser para a referência mais originária com a *Ereignis* é apontar para a possibilidade de vislumbrar os deuses ou Deus a partir do

¹⁸³ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 259.

¹⁸⁴ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 259.

¹⁸⁵ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 265.

jogo entre Sagrado ↔ divindade ↔ divinos. Se a Metafísica se esqueceu do jogo constitutivo do Ser, ela, igualmente, se esqueceu do Deus divino, igualando Deus e Ser. Essa igualdade foi nomeada por Heidegger de “constituição onto-teo-lógica da Metafísica”. Assim, o “acontecimento essencial” do Ser entrevisto à luz da *Ereignis* libera o Homem para vislumbrar a Verdade do Ser habitando essa ambiência no modo de lhe dar voz. No entanto, também leva a possibilidade de uma experiência religiosa constitutiva de toda derivada atualização no “mundo ôntico”. De uma perspectiva, só se reconhece uma tradição como religiosa porque já se está na abertura para essa experiência; e de outra e ainda mais radical: é própria do “acontecimento essencial” do mundo ontológico, de sua constituição, a dimensão religiosa. Isto quer dizer: esta faz ressoar Homem enquanto mortal. Somente assim ele pode escolher ser ou não uma determinada tradição religiosa ôntica. Só se escolhe aquilo que, de alguma forma, já está entrevisto.

Com esta dimensão do Sagrado, a frase de Heidegger, no Posfácio de uma outra conferência, *Was ist Metaphysik*, torna mais clara a referência entre pensar/poetar e poeta/pensador. Ele diz: “O pensador diz o ser. O poeta nomeia o Sagrado.”¹⁸⁶ Aqui, se deixa entrever que enquanto o pensador se volta para o “ocorrer essencial” do Ser nessa ambiência do Sagrado, o poeta a nomeia. A *Sage* reúne pensar e poetar em uma proximidade↔distância. Isto quer dizer: somente no jogo entre eles, pode-se entrever a Verdade do Ser no seu “acontecimento essencial”. Somente na oscilação dessas duas proximidades↔distâncias, o Ser é vislumbrado no seu como. Aqui, “como” aponta: Ser enquanto *Ereignis* ocorre essencialmente na abertura do “*Da*” do *Dasein* como Sagrado. Este “*Da*” se deixa entrever como o jogo de poetar/pensar reunido na *Sage*. Com isso, movimento, modo e tonalidade nos quais o Ser se dá são devedores da luta reunida na *Sage* e que também desvelam o próprio “*Da*” como Sagrado.

Voltando à figura do poeta: ele é muito importante e recorrente nas obras de Heidegger, sobretudo Hölderlin. Enquanto nomeia o Sagrado a partir de uma Linguagem metafísica, este poeta alemão consegue exatamente transcendê-la, entrevendo, assim, o próprio da ambiência esquecida. “A poesia fala para todo o mundo”¹⁸⁷ justamente porque se dá a partir da Linguagem Metafísica, fala para o mundo ao ser parte deste mundo. “Mas há um núcleo do poético que é o Sagrado, o religioso, a palavra original.”¹⁸⁸ É exatamente este

¹⁸⁶ HEIDEGGER, Martin. Posfácio da Conferência “O que é Metafísica”. In: _____. *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 67-73. Os Pensadores, p. 72.

¹⁸⁷ RICOEUR, Paul. *O único e o singular*. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2002, p. 67.

¹⁸⁸ Paul Ricoeur, *O único e o singular*, p. 67.

“núcleo” entrevisto pelo poeta. O seu fazer poesia joga entre o “primeiro início” e o “outro início”, transita por entre os caminhos apontados por Heidegger, saltando na ambiência da Verdade do Ser. Enquanto faz isso, Hölderlin e os poetas como ele, se dariam enquanto duas figuras: a do semi-Deus e a dos “Vindouros” (*Zukünftig*). Uma não nega a outra, mas são nomes diferentes para a mesma tarefa: se colocar na Verdade do Ser, fazendo, assim, ressoar a sua ambiência como Sagrado.

Como semi-Deus, o poeta é aquele que consegue transitar a partir da oscilação da *Geviert*. Se colocando na ambiência da Verdade do Ser, o poeta é aquele que está no jogo entre os divinos e os mortais. A partir do domínio do “é”, ele consegue voltar para a ambiência na qual esse “é” se dá. Jogando entre essa ambiência fomentadora e o já dado, o poeta se deixa entrever assim: ele não é só o Mortal que suporta a Verdade do Ser através da atualização do Ente mas, também, não é o divino. Ele entrevê o entre no qual o Ser se dá no jogo de mundo da *Geviert*, por isto, semi-Deus. Já nas *Beiträge*, Hölderlin seria a figura dos “Vindouros”. Citando Heidegger:

Os Vindouros, que no *Da-sein* fundado no instante do ânimo da reserva (*Verhaltenheit*), o Ser (Salto) vem enquanto *Ereignis* somente neles, os *ereignet*, e autoriza o recolhimento (*Bergung*) da sua verdade. [...] Hölderlin, seu poeta, vindo de mais longe e, em consequência, o mais vindouro, pois provém da maior distância e em tal distância mede e transforma a coisa maior¹⁸⁹.

Com isso, trazer a poesia na proximidade↔distância para com o pensamento é só dar voz ao que já “ocorre essencialmente” no “mundo ontológico”. Poetar e pensar, reunido pela *Sage*, marca a própria constituição do “Da” do *Da-sein* enquanto ambiência da Verdade do Ser e isso ressoa no “mundo ôntico”. A maneira como se deixa ressoar irá diferir os caminhos do “primeiro início” e do “outro início” para o pensamento. Heidegger acena isso na seguinte passagem:

Quando nós ouvimos a poesia, nós refletimos sobre o poetar.[...] Nesse tal modo é: poetar e pensar. [...] O que, antes de tudo, parece como um título sobre um tema: poetar e pensar, se mostra enquanto uma epígrafe na qual o nosso *Dasein* destinável (*geschickliche*) está inscrito há muito tempo. A epígrafe assinala o pertencer mútuo do poetar e pensar.¹⁹⁰

Quando se busca a Verdade do Ser através da Linguagem, um outro aspecto religioso entra também em jogo aqui: a questão da Fé (*Glaube*). Verdade e Fé estão intimamente ligadas. Heidegger também entrevê isso nas *Beiträge*. Segundo ele, Fé seria o “ter por

¹⁸⁹ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 401.

¹⁹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 237.

Verdade”¹⁹¹ (*Für-wahr-halten*). Um conhecimento é “tido por Verdadeiro” quando há uma correspondência entre ele e uma outra dimensão. Essa dimensão pode ser uma instituição, um sujeito, uma narrativa histórica, enfim, diversas possibilidades que sirvam de parâmetro. Assim, a certeza de que algo é Verdadeiro advém da própria correspondência. Com isso, a Verdade é tomada dentro da dimensão derivada de adequação entre sujeito/objeto. Quando se vislumbra a Verdade enquanto o lugar no qual o Ser “ocorre essencialmente”, a referência dela com a Fé também ressoa de outro modo. Assim, ter Fé não mais é esperar que um conhecimento seja Verdadeiro porque adequado a algo, mas sim um “se manter na essência da Verdade”¹⁹² (*Sichhalten im Wesen der Wahrheit*). Os caminhos do “outro início” para o pensamento são percorridos a partir de um “salto”. Não há garantias de que eles levarão a algum lugar ou que até mesmo a proposta inicial será entrevista. Com isso, este “salto” exige uma Fé de que se está saltando na “Verdade do Ser”. Mantendo-se aí, nessa ambiência, o Homem se exerce enquanto Mortal e suporta essa Verdade. No entanto, não há garantias da sua permanência, da abertura dessa ambiência e o modo de seu “ocorrer essencial” enquanto Verdade do Ser. Cada instante da atualização do Homem a partir do Ser enquanto *Ereignis* é uma aposta, é um ter Fé que tal habitar se dará nesse jogo de Verdade, Ser e Ereignis. Isto quer dizer: é, originariamente, um apostar no acontecimento essencial do Ser na ambiência da Verdade como Sagrado.

Um terceiro aspecto religioso no “acontecimento essencial” do Ser através da *Sage* é a questão da reunião de proximidade↔distância. Ao se dar através da abertura do “*Da*” do *Da-sein*, o Ser “ocorre essencialmente” em um jogo de ausência/presença. Assim como Homem fala ao se corresponder à fala da Linguagem da essência, o Ser também se dá correspondendo no modo como a *Ereignis* ressoa na *Sage*. Esse modo reúne uma luta, uma diferença em um entre de dimensões tão próximas porque distantes. Dessa maneira, este “acontecimento essencial” das referências do “mundo ontológico” se deixa entrever enquanto Mistério. Heidegger aponta para isso nas *Beiträge*: “na essência do acenar [do último Deus] está situado o Mistério (*Geheimnis*) da unidade da proximidade mais familiar na distância mais extrema, a medida da amplitude *Zeit-Spiel-Raum* do Ser”. Com isso, percebe-se uma duplicidade no “acontecimento essencial” do Ser em sua Verdade: ao mesmo tempo em que se dá a partir da abertura do “*Da*” do *Da-sein* emoldurada enquanto Sagrado, ele “ocorre essencialmente” na atualização referencial oscilante misteriosa de proximidade↔distância no

¹⁹¹ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 368.

¹⁹² Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 369.

jogo dimensional “intimidade”↔“diferença”. O Mistério não é esse jogo, mas o embebe. Mesmo porque, dizer que o “Mistério é”, é estar fora da ambiência que se deixa entrevê-lo. Dizer que o Mistério ressoa enquanto a referência oscilante proximidade↔distância não é querer dizer que isto é mistério por se tratar de uma conjugação logicamente impossível. Aqui, não se habita o reino da lógica, mas sim uma dimensão mais originária. A partir disso, se deixa entrever, então, que a referência é misteriosa não porque não possa ser explicada ou destrinchada. Ela simplesmente não pode. Ela é o Mistério enquanto o enigma dos enigmas. Quer dizer: é o enigma insolúvel. Solucioná-lo é levar de novo o discurso sobre o “ocorrer essencialmente” do Ser para dentro do domínio da Metafísica. Resolver o Mistério do enigma da referência oscilante é pôr fim ao próprio movimento constituinte do Ser na sua Verdade. Buscar a questão do Ser enquanto sua Verdade não é buscar uma solução, mas deixá-la entreluzir naquilo que há de mais misterioso: o “entre”. Heidegger, na obra *Hinos de Hölderlin*¹⁹³ de 1934-35, indica a referência entre “intimidade” (*Innigkeit*) e Mistério:

A *Innigkeit* é aquela unidade originária do antagonismo dos poderes do originado da pureza. Ela é o mistério pertencente àquele Ser. O originado da pureza nunca é somente inexplicável sob um determinado qualquer, a *algum* nível do seu Ser, ele permanece totalmente um enigma. A *Innigkeit* não tem a natureza de um mistério por outros não a conseguirem penetrar, antes ela desdobra a sua essência, em si mesma, como enigma. Só há segredo onde domina *Innigkeit*.¹⁹⁴

Habitando essas três dimensões, Sagrado, Fé e Mistério, o Homem enquanto Mortal nomeia “o reunir silencioso e chamante, o soado do “silêncio nutridor” tal como a *Sage* que movimenta a relação de mundo; isto é: a Linguagem da essência”.¹⁹⁵ A *Ereignis*, enquanto *ereignet* “mundo ontológico”, o faz através do modo da *Sage*: reunir proximidade↔distância. Assim, “a *Sage* é o modo no qual a *Ereignis* fala; o modo não mais como *modus* ou *Art*, mas o modo como o μέλος, a canção que diz cantante.”¹⁹⁶ O modo da *Sage* enquanto melodia é o índice do próprio ressoar da *Ereignis* na qual o Ser “ocorre essencialmente”. A própria palavra “melodia” conserva este sentido de algo que ressoa portando uma determinada mensagem, de um modo específico. Uma “melodia” que será escutada pelo Homem Mortal e a partir da qual ele habitará a Verdade do Ser. Não há garantias de que em cada instante será esta a melodia do dar-se do Ser na sua Verdade. Ter Fé na essência da Verdade é ter Fé de que ela irá se dar em um modo e que haverá a correspondência com ele.

¹⁹³ HEIDEGGER, Martin. *Hinos de Hölderlin*. 1. ed. Lisboa: Piaget, 2004.

¹⁹⁴ Martin Heidegger, *Hinos de Hölderlin*, p. 234-235.

¹⁹⁵ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 215.

¹⁹⁶ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 266.

Se o modo *Sage* é o ressoar da *Ereignis*, pode-se dizer que ela “é a lei, na medida em que ela reúne e mantém os Mortais na *Ereignen* da essência deles.”¹⁹⁷ Por lei, não se pode imaginar algo que paire sobre o “mundo ontológico”, governando tudo. Mesmo porque já foi entrevisto que a *Ereignis* não é uma condição suprema de onde tudo brota. A lei advém do próprio movimento do ressoar da *Ereignis*. Se o que é passível de ser dito tem que passar pela *Sage*, a lei, enquanto modo de ressoar, é o que pode ser entrevisto enquanto *Ereignis*. Movimento, modo e tonalidade se dão em um jogo constitutivo das referências originárias, não sendo possível desassociar um do outro. O movimento da *Ereignis* enquanto *ereignet* já se deixa entrever em um modo específico, ou seja, *Sage*. A tonalidade ausência/presença na qual o Ser se dá em referência ao Ente nada mais é do que o ressoar do modo *Sage*.

Com isso, é importante aqui pontuar: se a *Ereignis* é a lei, no modo/movimento da *Sage*, qual o papel do “silêncio nutridor”? Heidegger acena isso em uma passagem da obra *Unterwegs zur Sprache*:

A Linguagem fala enquanto o soado do silêncio nutridor. O silêncio nutridor nutre silenciando no momento em que ele suporta em sua essência mundo e coisa. O suportar de mundo e coisa no modo do silenciar nutridor é a *Ereignis* da diferença (*Unter-Schied*). A Linguagem, o soado do silêncio nutridor, é, no momento em que a diferença se *ereignet*. A Linguagem ocorre essencialmente enquanto a diferença se *ereignende* para mundo e coisa.¹⁹⁸

O “silêncio nutridor” também se deixa entrever como ressoado da *Ereignis*. Através dele, a Linguagem fala em sua essência que joga com proximidade↔distância. Isto quer dizer: o “silêncio nutridor” é a própria “tradução” do ressoar da *Ereignis* no modo *Sage*. Se onticamente, o Homem enquanto Mortal pode se calar (*schweigen*) é porque ele já habita esse “silêncio nutridor” mais originário através da *Sage*. Citando Heidegger:

O calar-se (*Schweigen*) corresponde ao silenciar soado da *Stille* da apropriante-mostrante *Sage*. A *Sage* está repousante (*beruhende*) na *Ereignis* enquanto o mostrar, o mais próprio modo da *Ereignen*. A *Ereignis* é *sagend*. Conseqüentemente, a Linguagem fala no modo no qual a *Ereignis* como tal se encobre ou se retrai.¹⁹⁹

A opção em traduzir *Stille* por “silêncio nutridor” já traz consigo toda uma compreensão/interpretação/situação. Essa palavra alemã possui como tradução algumas possibilidades, tais como: “tranqüilidade; silêncio; sossego; calma”²⁰⁰. O verbo *stillen*

¹⁹⁷ HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 259-260.

¹⁹⁸ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 30.

¹⁹⁹ Martin Heidegger, *Unterwegs zur Sprache*, p. 263-264.

²⁰⁰ IRMEN, Friedrich (Ed.). *Langenscheidts Taschenwörterbuch: der Portugiesischen und Deutschen Sprache*. 2. ed. Berlin: Langenscheidt KG, 1982, p. 1081.

resguarda ainda outro sentido: “amamentar, nutrir.”²⁰¹ Com isso, ao invés de nomear *Stille* apenas de silêncio, preferiu-se aqui o jogo entre silêncio e nutrir. A intenção aqui é chamar à atenção para esse duplo papel: enquanto a *Sage* se dá como soada desse “silêncio nutridor”, ela ocorre enquanto uma possibilidade dessa “tradução”. O próprio “calar-se” atualizado no “mundo ôntico” é devedor desse “silêncio nutridor” mais originário. O ficar em silêncio também é um ressoar da própria essência da Linguagem enquanto *Ereignis*. O silêncio nutre a essência da Linguagem e todas as referências do “mundo ontológico” com esse modo de “acontecimento essencial”. Ao mesmo tempo, a sua referência com a *Ereignis* e a *Sage* não se encerra nessa atualização. Justamente por ter este “*plus*” de atualizações possíveis, não há garantias de que este modo será sempre o que tonalizará essas referências. Por isso, a questão da Fé enquanto se dá na Verdade do Ser também deixa entrever um “ter fé” no modo como isso dará.

Uma outra perspectiva aberta pela referência entre *Sage* e “silêncio nutridor” é: “o soado do “silêncio nutridor” não é nada humano.”²⁰² Até mesmo e, sobretudo, este se dar enquanto Ente humano na sua essência Mortal é uma contingência sem nenhuma garantia. Ele é apenas uma possibilidade atualizada enquanto habita um “mundo ontológico” não humano. Isto quer dizer: o Homem advém em seu acontecimento essencial através do movimento de um “mundo” que não se encerra em sua humanidade, que transcende a esta condição.

Um terceiro aspecto que pode ser ressaltado é que, aqui, ocorre “um mesmo, não igual”²⁰³, jogo que há entre Ser e Nada, vislumbrado posteriormente. Efetivamente, o modo aparentado entre as essências de Ser e Nada se dá na correspondência entre *Sage* e “silêncio nutridor”. O Ser se dá como um “acontecimento essencial” possível do Nada quando a *Sage* se deixa entrever como um soado possível do “silêncio nutridor”. De qualquer forma, somente enquanto “tradução” *Sage*, este soado, o “silêncio nutridor” é entrevisto. Da mesma maneira, o Nada se deixa entrever no Ser. Somente na Angústia, o Homem se depara com o Nada e o seu poder-ser mais próprio. Na referência *Sage* e “silêncio nutridor”, somente o “semi-Deus” ou os “Vindouros” são capazes de entrevê-la.

Com isso, entra em jogo agora a figura do último Deus. O “silêncio nutridor” e seu soado não são humanos. Heidegger resalta isso ao colocar a passagem do último Deus pelo

²⁰¹ IRMEN, Friedrich (Ed.). *Langenscheidts Taschenwörterbuch: der Portugiesischen und Deutschen Sprache*. 2. ed. Berlin: Langenscheidt KG, 1982, p. 1081-1082.

²⁰² HEIDEGGER, Martin. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003, p. 30-31.

²⁰³ “A única tarefa do pensar é trazer à Linguagem, sempre novamente, esse advento do ser que permanece e, em seu permanecer, espera pelo Homem. Por isso, os pensadores essenciais dizem sempre o *mesmo*. Isso, porém, não quer dizer: o *igual*”. HEIDEGGER, Martin. Sobre o Humanismo: carta a Jean Beaufret. In: _____ . *Conferências e Escritos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1977, p. 347-373. Os Pensadores, p. 372.

“mundo ontológico” como possibilidade de se deixar entrever o “silêncio nutridor”. Assim, o modo do “ocorrer essencialmente” das referências corresponde ao ressoar da *Ereignis* no último Deus no qual o “silêncio nutridor” se dá no modo *Sage*. Isto quer dizer: o “apropriar-se do “mundo ontológico” pelo movimento da *Ereignis* se dá através desse “silêncio nutridor”. Estando na essência da Linguagem, o Homem se dá enquanto Mortal e, então, fala.

V. Último Deus e *Ereignis*

Quando se traz o último Deus para vislumbrar o jogo constitutivo do “mundo ontológico”, deve-se estar atento para o sentido de “último” e de “Deus” e, conseqüentemente, o jogo entre ambos. Os deuses ou Deus que “ocorrem essencialmente” a partir da referência Sagrado ↔ divindade ↔ divinos não são ou é o último Deus. Com isso, não se quer dizer aqui, que “último” está no sentido de “aquele que ocorre no final, depois de todos os outros já terem se dado”. Também não se quer entrever “último” como o derradeiro suspiro de um acontecimento. Heidegger, nas *Beiträge*, deixa vislumbrar este “último” não como fim, mas como “extremo” (*äusserste*).²⁰⁴

No que tange ao sentido de “Deus” entrevisto pelo pensador, não se busca referir a um Deus como o das tradições religiosas calcadas na Metafísica. Vale a pena lembrar que Heidegger a intitula através da sua constituição onto-teo-lógica. Isto quer dizer: a Metafísica não só confundiu Ser e ente, mas também igualou Deus e Ser. Tão pouco a diferença ontológica foi entrevista, assim como a teológica. Sem entrevê-la, o Ser foi munido de todas as qualidades de um Deus. Ele tornou-se causa última no momento em que foi colocado como provedor universal. Dessa maneira, o “ocorrer essencialmente” do Ser, na sua Verdade, por meio do modo *Sage*, ficou esquecido. No trecho citado abaixo, Heidegger deixa entrever como a tradição cristã desconhece a Verdade do Ser. Com isso, o seu Deus não pode e não deve ser tomado como “último Deus”, pois o ressoar deste se dá enquanto imprescindível para buscar o Ser na sua Verdade. O pensador indica:

A entrada dos homens na história do Ser é imprevisível e independente de todo progresso ou decadência da “cultura” enquanto a “cultura”, ela mesma, signifique a solidificação do abandono do Ser do ente e enrijece o crescente acolchoar da essência dos homens no seu “antropologismo” ou estrangula os homens, ainda mais uma vez, no desconhecimento cristão de toda verdade do Ser.²⁰⁵

²⁰⁴ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 408.

²⁰⁵ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 228.

Igualmente, o Deus da tradição religiosa cristã também se esqueceu da divindade de Deus. Ela o desvelou em qualidades, o presentificou, fazendo dele um Deus estéril, sem vida. Não ressoava ali nem Mistério, nem Sagrado. Por isso, é de suma importância a diferença tanto ontológica quanto teológica para compreender/interpretar/ situar o dar-se próprio de cada um. Assim, o Deus do “último Deus” não advém dessa tradição. Na referência originária com a *Ereignis*, “o último Deus não é o fim, mas as possibilidades sem medidas de nossa História para o outro início.”²⁰⁶ “Ele se apresenta no originário da *Ereignis*. Ele não é um originário mais originário que a *Ereignis*.”²⁰⁷

Já que não está sob o jugo da Metafísica, todo questionamento sobre a sua quantidade é derivado. O Deus do “último Deus” não se deixa entrever através de um politeísmo, monoteísmo ou até mesmo um ateísmo. A quantidade não diz a essência, ou ainda, o “ocorrer essencialmente” do “último Deus”. Ele não é calculável. Ele se dá em uma ambiência aquém do discurso metafísico já atualizado, ainda que seu ressoar seja condição de possibilidade para este. Ele habita uma dimensão mais originária e participa do ressoar da *Ereignis* nesse “mundo ontológico”. Até mesmo a condição ôntica de escolha entre politeísmo, monoteísmo, ateísmo e qualquer outro “ísmo” só é possível, pois o ressoar do “último Deus” já entreluziu. Só se pode negar, afirmar ou escolher, a partir do momento em que o Homem enquanto Mortal já habita esse ressoar. Citando Heidegger:

O último Deus possui uma unicidade absolutamente própria e encontra-se fora daquela determinação calculada que é indicada com as denominações “monoteísmo”, “panteísmo” e “ateísmo”. O “monoteísmo” e todos os tipos de “teísmo” se dão apenas a partir da “apologética” judaico-cristã que pressupõe a “metafísica” como horizonte de pensamento.²⁰⁸

Entrevisto, então, a partir do ressoar da *Ereignis*, o último Deus não pode ser confundido com ela. *Ereignis* não é o último Deus e o “último Deus não é a *Ereignis* ela mesma, mas sim o necessitado dela enquanto aquele que pertence ao fundamento do *Da*.”²⁰⁹ Então, diante dessa delimitação, como vislumbrar a referência entre *Ereignis* e último Deus? Como isso contribui para o “acontecimento essencial” do mundo ontológico através da Linguagem?

²⁰⁶ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 411.

²⁰⁷ CAPELLE, Philippe. *Philosophie e Théologie: Philosophie et Théologie dans la pensée de Martin Heidegger*. 2.ed. Paris: CERF. 2001, p. 122.

²⁰⁸ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 411.

²⁰⁹ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 409.

Heidegger tem uma passagem nas *Beiträge* muito elucidativa dessas referências. Citando o pensador:

O Homem no fundamento do *Da-sein*:

1. o Procurador (*Sucher*) do Ser (*Ereignis*)
2. o Mantenedor (*Wahrer*) da Verdade do Ser
3. o Vigilante (*Wächter*) do silêncio nutridor da passagem do último Deus.

Silêncio nutridor e Origem das palavras.²¹⁰

Enquanto “ocorre essencialmente” como Mortal, o Homem é uma atualização possível na ambiência, abertura do “*Da*” do *Da-sein*. Assim, o Ser se dá em sua Verdade ao corresponder ao modo da *Sage*, a essência da Linguagem. Todas essas referências se dão porque a *Ereignis* precisa do *Da-sein* para *ereignet* “mundo ontológico” em sua Verdade. Este precisar se deixa vislumbrar como uma “aclamação” (*Zuruf*). Ela “é acesso e não comparecência no Mistério da *Ereignung*.”²¹¹ Isto quer dizer: a *Ereignis ereignet* enquanto precisa do *Da-sein*. Essa necessidade reúne em uma proximidade↔distância “silêncio nutridor” e *Sage*, ou seja, Mistério. O movimento, o ressoar da *Ereignis* enquanto reunião deixa entrever o Mistério. Sendo assim, é importante trazer de novo para cá o porquê da “reserva” (*Verhaltenheit*) no vislumbrar do “acontecimento essencial” do Ser. O “mundo ontológico” é movimentado por uma necessidade, uma carência. Só pode estar carente aquilo que já se encontra na referência. Este “precisar” se efetiva no momento em que o Homem Mortal assume o *Da-sein* como tarefa. Ele escuta essa “aclamação” necessitada ressoada na essência da Linguagem. No entanto, para que esse “precisar” seja entrevisto no ressoar da *Ereignis*, é necessário uma certa reserva. A tradição Metafísica, tornando Ser presença, não permitiu que ele se deixasse entrever enquanto fomentado por uma necessidade originária. Melhor dizendo: o jogo de ausência/presença do Ser não é vislumbrado no momento em que esse “precisar” mais originário também não o é. No mesmo movimento, o Mistério também é esquecido já que o seu entrever se dá através dessa necessidade da *Ereignis*. Esta *ereignet* todo “mundo ontológico” através dessa carência. Preencher o Ser com presença, não vislumbrar o seu “ocorrer” mais essencial é também não entrever o ressoar da *Ereignis* enquanto Mistério. Permitir onticamente o vislumbrar da oscilação, da diferença, é possibilitar o ressoar também do Mistério. Ele se deixa entrever através dos modos e tonalidade da

²¹⁰ HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 294.

²¹¹ Martin Heidegger, *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*, p. 408.

referência entre essência da Linguagem e Ser, assim como entre Ereignis e último Deus. Uma Linguagem metafísica que não dá voz à sua própria essência não deixa ressoar o Mistério.

Quando o aceno do último Deus passa, tendo como índice o “silêncio nutridor”, o Mistério ressoa em todo “mundo ontológico”. Assim, o “Da” do *Da-sein* se torna o fundamento para que o Ente Homem enquanto Mortal se dê. Assim, ele procura o Ser, ou seja, procura estar na sua Verdade, no seu “acontecimento essencial”. Ele o faz no modo da essência da Linguagem, falando ao se corresponder a essa essência. Enquanto procura pelo Ser, o Homem, ao se colocar na sua Verdade, se torna aquele que a mantém. Dessa maneira, ao habitar essa abertura, ele se dá enquanto o vigilante do “silêncio nutridor” da passagem do último Deus. Somente estando correspondido ao modo *Sage*, o Homem pode entrever a passagem dele através do silêncio que nutre.

Enquanto passa, o acenar do último Deus se deixa ressoar como a resposta à aclamação da *Ereignis* pelo *Da-sein*, como resposta a esta necessidade. A passagem através desse “silêncio nutridor” é o que se pode entrever do último Deus. É o modo como a *Ereignis* ressoa nele. Por isso, ela é a Lei. O modo *Sage*, a fala da *Ereignis*, é uma possibilidade soada do “silêncio nutridor”. Esse é o próprio índice da resposta da aclamação da *Ereignis* pelo *Dasein*. O último Deus, então, se deixa entrever como aquele que “traduz” a aclamação. Se o “silêncio nutridor” é a “tradução”, o último Deus se vislumbra enquanto “tradutor”.

Tem-se, aqui, uma fórmula guia: a essência da Linguagem, *Sage*, modo soado do “silêncio nutridor” enquanto resposta do último Deus à aclamação da *Ereignis*. Essa linha referencial originária é o modo como o “mundo ontológico” se dá. O Homem fala e nomeia quando se situa, ouvindo a Linguagem dessa essência. Assim, ele corresponde ao modo *Sage* e fala. O Homem não domina a Linguagem porque ele nunca a possui. É a Linguagem da essência que o assalta, o toma. Assim, lhe é aberta a possibilidade de se dar enquanto Homem Mortal. Correspondendo a ela, o Homem “ocorre essencialmente”, se deixa entrever como mantenedor da Verdade do Ser na abertura do entre, do jogo da *Geviert* de mundo. Assim: “Linguagem e *Ereignis*. Soada fugaz de Terra, ressono de mundo.”²¹² A Linguagem é a porta de entrada para a restauração da Metafísica. Por quê? O Homem, enquanto ser-no-mundo, se encontra em um já dado histórico temporalmente. Através do ressoado da *Ereignis* no modo *Sage*, a escuta da Linguagem da essência torna possível a transformação desse mundo metafísico. Atualizando a resposta dessa escuta, habitando a Verdade do Ser, uma nova resposta mundo pode brilhar no soado de Terra. A Metafísica, enquanto uma resposta

²¹² HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003, p. 510.

possível, não é aniquilada pelo pensamento na *Ereignis*, mas permite vislumbrá-la em sua essência. Isto é: enquanto uma resposta dentre outras e na mais como a única possibilidade. Conjugando essas possibilidades é a tarefa do Homem Mortal.

CONCLUSÃO

A busca pela essência da Linguagem à luz *Ereignis* propiciou entrever como o pensamento de Heidegger também pode ser vislumbrado a partir de uma tonalidade religiosa. Tão importante quanto foi entreluzir o próprio movimento da Hermenêutica a partir do movimento da essência da Linguagem na sua referência à Verdade do Ser. Assim, a conjugação entre Hermenêutica e tonalidade religiosa deixou entrever o movimento próprio do “ocorrer essencialmente” do Ser a partir da essência da Linguagem, *Sage*. Do mesmo modo, a Hermenêutica religiosa entreluziu dessa busca pela referência entre Linguagem e Ser. Esse jogo entre busca e modo permeou toda essa dissertação e teve como pano de fundo o horizonte hermenêutico do qual se partiu e para o qual se voltou. Essa volta se dá não como um ciclo vicioso, mas trazendo algo de novo, acrescentando algo à busca e ao seu modo.

O problema do Niilismo e a busca pela sua superação enquanto restauração da Metafísica levou à questão da Linguagem. Procurar entrever isso levou ao jogo entre “primeiro início” do pensamento e “outro início”. A Metafísica, enquanto “primeiro início” teve como proposta de restauração um salto a partir dela própria, a partir do seu próprio discurso em direção à origem esquecida. O esquecimento do Ser na sua Verdade, no seu “ocorrer essencialmente” se deu enquanto o ponto marcado da virada tanto no pensar de Heidegger quanto na direção de um salto ao “outro início” do pensamento. O movimento constitutivo do Ser se deixou entrever como aquilo que o pensador busca e que ressoa no próprio “como” hermenêutico. Dessa maneira, a Verdade do Ser enquanto esse movimento se deixou entreluzir na própria busca pelo fazer uma experiência com a essência da Linguagem enquanto Linguagem da essência. Quer dizer: Linguagem da essência, o próprio falar da Linguagem se deixa entrever enquanto esse movimento constituinte do “entre” Ser e Linguagem. Entreluzir tal movimento é vislumbrar a essência da Linguagem, *Sage* reunidora dos modos pensar e poetar enquanto deixa ressoar a referência oscilante proximidade↔distância no jogo dimensional “intimidade”↔“diferença”. Esse jogo tonal marca a referência entre Linguagem e Ser deixando entreluzir o modo próprio deles se darem. Isso se dá a partir do momento em que a própria essência deles é medida naquilo que lhes é próprio. A palavra enquanto resguarda este “ocorrer essencialmente” da referência, do “entre” ressoante enquanto *Geviert* traz as coisas ao “é”. Esse “é” atualizado que resguarda a própria

oscilação, deixando a presença entreluzir a ausência, se dá enquanto o próprio índice de cada jogo referencial oscilante entre “mundo ontológico e ôntico”. Assim, deixando entreluzir o “ocorrer essencialmente” através do “é”, a essência da Linguagem se deixa entrever.

Entreluzindo esse movimento, uma dimensão mais originária se deixou entrever, isto é, a *Ereignis*. Ela traz para o jogo da busca pela essência a Linguagem enquanto Linguagem da essência, do “entre” o “último Deus”. A referência originária entre *Ereignis* e “último Deus” deixa entreluzir não somente a origem da referência oscilante proximidade↔distância no jogo dimensional “intimidade”↔“diferença” mas, também, o modo pelo qual a Hermenêutica de Heidegger também se dá enquanto religiosa. A passagem do “último Deus” “dita” a norma pela qual as referências constitutivas do “mundo ontológico” e deste com o “mundo ôntico” se dão. Ser e Ente, Ser e *Dasein*, Ser e *Ereignis* se deixam entrever a partir de uma referência oscilante constitutiva de ambos em um jogo de proximidade↔distância. Essa referência tem sua origem em uma mais originária entre *Ereignis* e “último Deus”. Enquanto o movimento da *Ereignis* se dá como a Lei da referência, o “último Deus” e sua passagem “traduzem” essa Lei para o Homem. Esse, enquanto Mortal, é o mantenedor do Ser na sua Verdade, procurador do Ser à luz da *Ereignis* e vigilante da passagem silenciosa nutridora do “último Deus”. Sendo assim, o Homem é aquele necessitado para que o Ser se dê em sua Verdade, para que o próprio “ocorrer essencialmente” dele seja entrevisto e ressoe no seu discurso. A própria essência da Linguagem enquanto devedora desse jogo referencial oscilante necessita do Homem para se dar atualizada. A sua atualização é o índice de “como” ela “ocorre essencialmente”.

Entrevendo a Verdade do Ser a partir da atualização essência da Linguagem, essa abertura se deixa vislumbrar enquanto misteriosa, sagrada e necessita de uma situabilidade de fé. O Ser se deixa entrever constituído pelo próprio “entre” que é marcado pelo “ocorrer essencialmente” do Ser. Esse jogo constituinte deixa entreluzir a abertura na qual o Ser se dá enquanto ausência↔presença, ocultar↔não-ocultar-se, se dá na mesma tonalidade e modo nos quais a abertura se deu. O Ser se dá a partir do Nada enquanto uma possibilidade consagrada a partir desse Nada. Dessa maneira, a abertura na qual o Ser se dá se deixa entrever enquanto Sagrado. Já o Mistério se deixa entreluzir enquanto o próprio jogo enigmático entre proximidade↔distância. Enigmático, pois irresoluto. Afinal, resolvê-lo é trazer de volta o Ser para o domínio da Metafísica. O Ser enquanto questão entrevista na sua Verdade não pode ser resolvido. Ele se dá neste “entre” enigmático, pois misterioso. Quanto à questão de Fé, ela está intimamente ligada à questão da Verdade. Enquanto a Verdade do

Ser não está sob o jugo da Metafísica, da Verdade enquanto adequação, a Fé aí atrelada também se deixa entreluzir de uma maneira diferente. A Verdade do Ser se dá enquanto abertura e a Fé é um se manter do Homem nessa ambiência, tomando o *Dasein* enquanto tarefa e se deixando ressoar enquanto Mortal.

Para habitar e deixar ressoar esses acenos, a presente dissertação se deparou não tanto com dificuldades, mas sim com desafios. O primeiro deles foi a escrita. Tendo como pretensão compreender/interpretar/situar o pensamento de Heidegger sobre a Linguagem a partir do horizonte da Hermenêutica, o texto narrador tinha que dar conta do movimento próprio, tanto dela quanto da essência da Linguagem à luz da *Ereignis*. Dessa maneira, tanto o tema quanto o modo pelo qual ele foi entrevisto exigiram uma forma de escrever um pouco diferente da habitual. Afinal, como passar para o papel algo que se dá em um “ocorrer essencialmente”, em um movimento constituinte? Assim, antes mesmo de querer escrever dentro de um certo padrão, o próprio tema e o horizonte de compreensibilidade/interpretatividade/situabilidade necessitavam de um discurso menos totalizante e presentificante. Por isso, evitou-se a todo custo o uso do verbo “ser” no presente do indicativo. Procurou-se, também, fazer uso da conjunção “enquanto”. Recorreu-se, ainda, ao uso do particípio passado e presente. A Língua Portuguesa Moderna não conta mais com tal tempo verbal (particípio presente) a não ser em alguns casos sob a forma de substantivos, adjetivos ou preposições como “assistente”, “cadente” ou “durante”. As terminações que chegaram até a Língua Portuguesa Moderna, vindas do Latim foram “ante”, “ente” ou “inte”. Tomando como referência a Língua Alemã que ainda possui esse tempo verbal e os textos de Heidegger que faz muito uso do particípio presente, os verbos em português, à medida da necessidade, foram acrescidos da terminação “-ente”. Esse foi um outro desafio enfrentado: a própria Linguagem de Heidegger. Traduzí-la não foi tarefa fácil, principalmente quando na Língua Alemã existem modos verbais inexistentes na Língua Portuguesa. Dessa maneira, alguns neologismos foram criados não por um mero capricho ou uma simplista vontade de complicar o já complicado, mas sim buscando entrever o movimento da própria essência da Linguagem à luz da *Ereignis*.

A coerência interna do texto também fugiu um pouco ao habitual. Ao invés da dissertação apresentar os conceitos e depois destrinchá-los, aqui a própria coisa a se pensar não permitia tal proceder. Isso se dá porque a essência da Linguagem não se deixa entrever por conceitos e o movimento dela não é passível de separação em etapas ou níveis. Sendo assim, o texto da dissertação procurou, através do próprio vislumbrar do movimento da essência da Linguagem, levar o leitor a habitar tal espaço para que as palavras chaves do

pensamento de Heidegger pudessem entreluzir. Habitando tal horizonte, as palavras chaves ou guias puderam se dar a partir da própria compreensão/interpretação/situação do leitor já na ambientação do texto. A trama pretendida na dissertação buscava algo muito além de uma simples comparação e conjugação de termos ou conceitos. Quis-se contar uma história, a história da questão do Ser enquanto sua Verdade a partir da essência da Linguagem à luz da *Ereignis*.

Por último, mas não menos importante, o que ficou aberto na pesquisa. A vasta bibliografia de Heidegger e sobre Heidegger não permitiu que se desse conta de tudo que há sobre a temática nessa dissertação. Ao mesmo tempo, a partir dos textos e obras lidos e pesquisados, algumas coisas tiveram que ficar de fora. O limite físico da dissertação (o número de páginas máximo) e a questão do enfoque em uma e não várias questões são alguns dos responsáveis. Dessa maneira, privilegiou-se aqui o “ocorrer essencialmente” da essência da Linguagem enquanto ambiência do dar-se do Ser à luz da *Ereignis*. O que poderia contribuir para entrever tal temática e o horizonte maior da Hermenêutica foi trazido para a busca. Mesmo assim, nesse fazer, ela resvalou em dimensões que não pôde aprofundar. Exemplos: a questão da *Dichtung*, poesia, enquanto essência do próprio poetar, um dos modos reunidos na *Sage*. O movimento da essência da Linguagem deixou entrever o jogo entre pensar e poetar e o lugar do qual eles provêm. Esses modos foram entrevistados à luz da *Sage*, mas não nos seus acontecimentos mais essenciais; a questão do tempo-jogo-espço e seu acontecimento a partir do movimento da Linguagem. O “ocorrer essencialmente” enquanto a abertura do dar-se do Ser deixa entrever o acontecimento do tempo e espaço. Essa referência foi entrevista, mas não desdobrada; o aprofundamento da referência mais originária entre *Ereignis*, “último Deus” e temporalidade. Ela foi entrevista enquanto ressoante na Linguagem e na Verdade do Ser. No entanto, a questão da temporalidade enquanto *Augenblick* e sua referência à *Ereignis* e ao “último Deus” apenas foi resvalada. Tais exemplos foram deixados em abertos e, com certeza, figurarão entre as coisas dignas de serem pensadas em pesquisas posteriores.

BIBLIOGRAFIA

- HEIDEGGER, Martin. *Beiträge zur Philosophie: Vom Ereignis*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2003. [*Contributions to Philosophy: From Enowning*. 1. ed. Bloomington: Indiana, 1999.]
- _____. Brief über den "Humanismus". In: _____. *Wegmarken*. 3. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1996. [*Carta Sobre O Humanismo*. 1. ed. Lisboa: Guimarães, 1987.]
- _____. *Caminhos de Floresta*. 1. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1998.
- _____. *Hölderlins Hymnen "Germanien" und "Der Rhein"*. 1. ed. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1999. [*Hinos de Hölderlin*. 1. ed. Lisboa: Piaget, 2004.]
- _____. *Identität und Differenz*. 6. ed. Todtnauberg: Klett-Cotta, 1978.
- _____. *Phänomenologie des religiösen Lebens*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995. [*Estudios sobre mística medieval*. 1. ed. Madrid: Siruela, 1997. *Introducción a la fenomenología de la religión*. 1. ed. Madrid: Siruela, 2005.]
- _____. *Sein und Zeit*. 1. ed. Tübingen: Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1967. [*Ser e Tempo*. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. v. 1-2.]
- _____. *The Question of Being*. 1. ed. London: Vision, 1974.
- _____. *Unterwegs zur Sprache*. 13. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2003. [*A Caminho da Linguagem*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. *Acheminement vers la parole*. 1. ed. Paris: Gallimard, 1976.]
- _____. *Vorträge und Aufsätze*. 1. ed. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2000. [*Ensaaios e Conferências*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002].
- _____. *Wegmarken*. 1. ed. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1996. [*Conferências e Escritos Filosóficos*. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Os Pensadores.]
- BOUTOT, Alain. Heidegger et la question du platonisme. *Heidegger*. Paris: CERF, 2006, p. 147-170.
- _____. *Introdução à Filosofia de Heidegger*. 1. ed. Portugal: Publicações Europa América. 1991.
- CAPELLE, Philippe. *Philosophie e Théologie: Philosophie et Théologie dans la pensée de Martin Heidegger*. 2.ed. Paris: CERF. 2001, p. 103-123.
- CASANOVA, Marco. A linguagem do acontecimento apropriativo. *Nat. hum.*, dez. 2002, v.4, n.2, p.315-339.
- DERRIDA, Jacques. Fé e saber: As duas fontes da religião nos limites da simples razão. *A religião : O seminário de Capri*. São Paulo : Estação Liberdade, 2000, p. 11-89.
- FERREIRA, Acylene Maria Cabral. *A Linguagem Originária*. 1. ed. Salvador: Quarteto. 2007.
- GMEINER, Conceição Neves. *A Morada Do Ser. Uma Abordagem Filosófica da Linguagem na Leitura de Martin Heidegger*. 1.ed. São Paulo-Santos: Loyola-Leopoldianum, 1998.
- GREISCH, Jean. Identité et différence dans la pensée de Martin Heidegger: Le chemin de l'Ereignis. *Revue des Sciences Philosophiques et Theologique*, ano 3, n. 57, p. 71, 1973.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

- PÖGGELER, Otto. *A via do pensamento de Martin Heidegger*. 1. ed. Lisboa: Piaget, 2001.
- RICOEUR, Paul. *História e Verdade*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes. 1986.
- _____. *Interpretação e Ideologias*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 17-59.
- _____. *O único e o singular*. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2002.
- RUIN, Hans. The Moment of Truth: "Augenblick" and "Ereignis" in Heidegger. *Epoché*, v.6, p.75-88, 1998.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Um mestre da Alemanha entre o Bem e o Mal*. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2000.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. *Investigações Filosóficas Sobre a Essência da Liberdade Humana*. 1.ed. Lisboa: Edições 70. 1993.